

ESPAÇOS PÚBLICOS, PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO URBANO E PERÍODOS MORFOLÓGICOS DA CIDADE DO PORTO

SANDRA CRISTINA MARTINS TEIXEIRA

Dissertação submetida para satisfação parcial dos requisitos do grau de
MESTRE EM ENGENHARIA CIVIL — ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEAMENTO

Orientador: Professor Doutor Paulo Manuel Neto da Costa Pinho

JULHO DE 2012

MESTRADO INTEGRADO EM ENGENHARIA CIVIL 2011/2012

DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA CIVIL

Tel. +351-22-508 1901

Fax +351-22-508 1446

✉ miec@fe.up.pt

Editado por

FACULDADE DE ENGENHARIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Rua Dr. Roberto Frias

4200-465 PORTO

Portugal

Tel. +351-22-508 1400

Fax +351-22-508 1440

✉ feup@fe.up.pt

🌐 <http://www.fe.up.pt>

Reproduções parciais deste documento serão autorizadas na condição que seja mencionado o Autor e feita referência a *Mestrado Integrado em Engenharia Civil - 2011/2012 - Departamento de Engenharia Civil, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2012.*

As opiniões e informações incluídas neste documento representam unicamente o ponto de vista do respetivo Autor, não podendo o Editor aceitar qualquer responsabilidade legal ou outra em relação a erros ou omissões que possam existir.

Este documento foi produzido a partir de versão eletrónica fornecida pelo respetivo Autor.

À minha família e ao Eurico Barros para que sintam que nada foi em vão.

“A cidade é composta por casas, ruas, praças e jardins que são o espelho da realidade, e cada um conta uma história.”

Renzo Piano

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho marca o desfecho de uma longa etapa cuja conclusão não seria possível sem o incansável apoio de um conjunto de pessoas que estiveram sempre a meu lado durante o seu desenvolvimento.

Aos meus pais, expresso o meu mais sincero e profundo agradecimento por fazerem da concretização dos meus sonhos o seu principal objetivo. Sem o seu apoio incondicional ao longo destes anos não teria alcançado esta meta tão facilmente.

À minha família por serem o meu suporte, por sempre terem estado na primeira fila de todas as minhas conquistas e por sempre terem acreditado em mim. Em particular à Ana e ao Avô Arídio por me terem acompanhado nas longas tardes de trabalho de campo e à minha irmã pelos aplausos orgulhosos de todos os dias.

Ao Eurico Barros, companheiro de todas as horas, por ter estado sempre presente ao longo desta caminhada, em todos os momentos, em todos os obstáculos e em todas as conquistas. A sua ajuda, motivação, compreensão, dedicação e a sua paciência foram absolutamente determinantes ao longo desta etapa, desde o primeiro momento.

Gostaria igualmente de agradecer ao Professor Doutor Paulo Manuel Neto da Costa Pinho, meu orientador científico, pela serenidade e inteligência demonstradas ao longo do desenvolvimento deste trabalho. O seu acompanhamento regular e enriquecedor foi preponderante.

Aqui deixo igualmente o meu franco agradecimento ao Doutor Vitor Manuel Araújo Oliveira pela sua ajuda e pela prontidão no envio de todos os documentos que solicitei. Estendo igualmente os meus agradecimentos à Arquiteta Magda Barbosa e ao Sr. Manuel Guimarães.

A todos, muito obrigada!

RESUMO

A evolução de uma cidade ao longo dos tempos é empreendida através de diversificados processos de desenvolvimento que compreendem transformações e contribuições planeadas e não planeadas. Percebê-la possibilita retirar lições do passado e aprender com os casos de sucesso, desbravando caminho na procura de respostas aos novos desafios do planeamento urbano.

O Centro de Investigação do Território, Transportes e Ambiente da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto desenvolveu uma investigação nesse sentido, estudando a evolução da forma urbana da cidade do Porto, tendo sido possível identificar um conjunto de três períodos morfológicos capazes de sintetizar a evolução da sua forma urbana.

No seguimento deste trabalho, a presente dissertação procura pormenorizar esta análise aos espaços públicos da cidade do Porto, em particular aos espaços de permanência, por serem locais de recreação, de grande dinâmica e vivência urbana e de expressão da cidadania por excelência. Assim, estudando a génese, a evolução, as características morfológicas e o funcionamento destes espaços procura-se aferir a existência de um padrão morfológico tendencialmente homogéneo em espaços públicos com génese num mesmo período morfológico, bem como perceber se existe uma relação entre a configuração inicial dos espaços públicos e o seu atual funcionamento e vivência urbana.

Desta forma, os 152 espaços públicos listados para a cidade do Porto foram divididos de acordo com o período morfológico de génese e de acordo com a sua tipologia, tendo sido posteriormente selecionado um conjunto de dezassete espaços públicos, representativos de cada período e de cada tipologia.

O estudo desta amostra de espaços implicou analisar cada um deles quanto à sua evolução histórica, usos e funções, morfologia urbana, funcionamento e vivência urbana, permeabilidade, resiliência e robustez, tendo-se concluído que de facto espaços com génese num mesmo período apresentam, no geral, características morfológicas similares. Foi igualmente possível perceber que para além dos aspetos morfológicos, existem outros que influenciam o funcionamento de um espaço, nomeadamente a sua localização e o tipo de funções do edificado envolvente.

Esta dissertação constitui assim um contributo, ainda que modesto, no sentido de reforçar o conhecimento e o debate sobre o desenho urbano, o espaço público e o seu funcionamento, tendo como caso de estudo a cidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço Público, Morfologia Urbana, Períodos Morfológicos, Funcionamento Urbano, Cidade do Porto.

ABSTRACT

The evolution of a city is undertaken through different developmental processes and transformation that include planned and unplanned contributions. Understand it allows to draw lessons from the past and to learn from the successful cases, looking for answers to the new challenges of urban planning.

In this way, the Research Centre for Territory, Transports and Environment of the Faculty of Engineering of the Oporto University developed a study on the evolution of urban form of Oporto and identified three morphological periods capable of synthesizing the evolution of its urban form.

Following this work, this paper detailing this analysis to Oporto public spaces, particularly the living spaces, because they are important places of recreation, urban dynamics and expression of citizenship. Therefore, studying the origins, evolution, morphological characteristics and functioning of these spaces, the goal is to see if there is a uniform morphological pattern in public spaces with origins in the same period and notice if there is a relationship between the initial configuration of public spaces and its current urban living.

Thereby, the 152 public spaces listed for the city of Oporto were divided according to the morphological period of genesis and according to their typology and a set of seventeen public spaces, representative of each period and each typology, was selected.

The study of this sample included the analysis of historical development, uses and functions, urban morphology, function, urban life, permeability, resilience and robustness of each of the spaces. It was concluded that, in fact, spaces with origins in the same period have, generally, similar morphological characteristics. It was also possible to realize that, in addition to the morphological aspects, there are others who influence the urban living of a public space, including its location and the type of uses of the built environment.

So, this dissertation gives a modest contribution towards enhancing knowledge and debate about urban design, public space and how it works, taking as a case of study the city of Oporto.

KEYWORDS: Public Space, Urban Morphology, Morphological Periods, Urban Living, City of Oporto.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	iii
ABSTRACT	v

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. ÂMBITO E ENQUADRAMENTO	1
1.2. OBJETIVOS	2
1.3. MÉTODO E ESTRUTURA	2

2. REVISÃO DA LITERATURA	5
2.1. O ESTUDO DA FORMA URBANA	5
2.1.1. A PERSPETIVA HISTÓRICA DO DESENVOLVIMENTO URBANO	6
2.1.2. A PERSPETIVA MORFOLÓGICA	6
2.1.2.1. A escola britânica	7
2.1.2.2. A escola italiana	7
2.1.3. A SINTAXE ESPACIAL	8
2.1.4. O ESTUDO DA FORMA URBANA EM PORTUGAL	9
2.1.4.1. O estudo da morfologia urbana da cidade do Porto no CITTA	11
2.2. O ESPAÇO PÚBLICO	17
2.2.1. O FUNCIONAMENTO DOS ESPAÇOS E A VIVÊNCIA URBANA	20
2.2.2. OS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DO PORTO	23
2.3. SÍNTESE	28

3. DESENVOLVIMENTO DA METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	29
3.1. OBJETIVOS OPERACIONAIS DO CASO DE ESTUDO	29
3.2. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	29
3.3. DEFINIÇÃO DOS PARÂMETROS DE ANÁLISE	30
3.4. ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE	32
3.5. GÉNESE DOS ESPAÇOS PÚBLICOS E PERÍODOS MORFOLÓGICOS	34
3.6. AS TIPOLOGIAS DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE	38

3.7. SELEÇÃO DA AMOSTRA DE ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE	42
--	-----------

3.8. SÍNTESE	44
---------------------------	-----------

4. ESTUDO DA AMOSTRA DE ESPAÇOS PÚBLICOS	45
---	-----------

4.1. TRABALHO DE CAMPO E TRATAMENTO DE INFORMAÇÃO	45
--	-----------

4.2. ESPAÇOS PÚBLICOS COM GÊNESE NO 1º PERÍODO MORFOLÓGICO	46
---	-----------

4.2.1. CALÇADA/PASSEIO DAS VIRTUDES	46
---	----

4.2.1.1. Identificação.....	46
-----------------------------	----

4.2.1.2. Evolução Histórica.....	47
----------------------------------	----

4.2.1.3. Usos e Funções.....	48
------------------------------	----

4.2.1.4. Configuração Morfológica.....	48
--	----

4.2.1.5. Funcionamento/ Vivência Urbana	48
---	----

4.2.1.6. Permeabilidade.....	50
------------------------------	----

4.2.1.7. Resiliência e Robustez	50
---------------------------------------	----

4.2.2. PRAÇA DA REPÚBLICA	51
---------------------------------	----

4.2.2.1. Identificação.....	51
-----------------------------	----

4.2.2.2. Evolução Histórica.....	52
----------------------------------	----

4.2.2.3. Usos e Funções.....	52
------------------------------	----

4.2.2.4. Configuração Morfológica.....	52
--	----

4.2.2.5. Funcionamento/ Vivência Urbana	53
---	----

4.2.2.6. Permeabilidade.....	55
------------------------------	----

4.2.2.7. Resiliência e Robustez	55
---------------------------------------	----

4.2.3. PRAÇA DA RIBEIRA.....	55
------------------------------	----

4.2.3.1. Identificação.....	55
-----------------------------	----

4.2.3.2. Evolução Histórica.....	56
----------------------------------	----

4.2.3.3. Usos e Funções.....	56
------------------------------	----

4.2.3.4. Configuração Morfológica.....	56
--	----

4.2.3.5. Funcionamento/ Vivência Urbana	57
---	----

4.2.3.6. Permeabilidade.....	59
------------------------------	----

4.2.3.7. Resiliência e Robustez	59
---------------------------------------	----

4.2.4. JARDIM DO PASSEIO ALEGRE	59
---------------------------------------	----

4.2.4.1. Identificação.....	59
-----------------------------	----

4.2.4.2. Evolução Histórica.....	60
----------------------------------	----

4.2.4.3. Usos e Funções	60
4.2.4.4. Configuração Morfológica	60
4.2.4.5. Funcionamento/ Vivência Urbana	62
4.2.4.6. Permeabilidade	63
4.2.4.7. Resiliência e Robustez.....	63
4.2.5. JARDIM DE MARQUES DE OLIVEIRA	63
4.2.5.1. Identificação	63
4.2.5.2. Evolução Histórica.....	64
4.2.5.3. Usos e Funções	64
4.2.5.4. Configuração Morfológica	64
4.2.5.5. Funcionamento/ Vivência Urbana	65
4.2.5.6. Permeabilidade	67
4.2.5.7. Resiliência e Robustez.....	67
4.3. ESPAÇOS PÚBLICOS COM GÊNESE NO 2º PERÍODO MORFOLÓGICO	67
4.3.1. AVENIDA DOS ALIADOS	67
4.3.1.1. Identificação	67
4.3.1.2. Evolução Histórica.....	68
4.3.1.3. Usos e Funções	69
4.3.1.4. Configuração Morfológica	69
4.3.1.5. Funcionamento/ Vivência Urbana	70
4.3.1.6. Permeabilidade	72
4.3.1.7. Resiliência e Robustez.....	72
4.3.2. PRAÇA NOVE DE ABRIL	73
4.3.2.1. Identificação	73
4.3.2.2. Evolução Histórica.....	73
4.3.2.3. Usos e Funções	74
4.3.2.4. Configuração Morfológica	74
4.3.2.5. Funcionamento/ Vivência Urbana	74
4.3.2.6. Permeabilidade	76
4.3.2.7. Resiliência e Robustez.....	76
4.3.3. PRAÇA MOUZINHO DE ALBUQUERQUE.....	76
4.3.3.1. Identificação	76
4.3.3.2. Evolução Histórica.....	77

4.3.3.3. Usos e Funções.....	78
4.3.3.4. Configuração Morfológica.....	78
4.3.3.5. Funcionamento/ Vivência Urbana	78
4.3.3.6. Permeabilidade.....	80
4.3.3.7. Resiliência e Robustez	80
4.3.4. PRAÇA DO MARQUÊS DE POMBAL	81
4.3.4.1. Identificação.....	81
4.3.4.2. Evolução Histórica.....	82
4.3.4.3. Usos e Funções.....	82
4.3.4.4. Configuração Morfológica.....	82
4.3.4.5. Funcionamento/ Vivência Urbana	82
4.3.4.6. Permeabilidade.....	84
4.3.4.7. Resiliência e Robustez	86
4.3.5. PRAÇA DE FRANCISCO SÁ CARNEIRO	85
4.3.5.1. Identificação.....	85
4.3.5.2. Evolução Histórica.....	86
4.3.5.3. Usos e Funções.....	86
4.3.5.4. Configuração Morfológica.....	86
4.3.5.5. Funcionamento/ Vivência Urbana	86
4.3.5.6. Permeabilidade.....	88
4.3.5.7. Resiliência e Robustez	88
4.3.6. ESPLANADA DO MOLHE	88
4.3.6.1. Identificação.....	88
4.3.6.2. Evolução Histórica.....	89
4.3.6.3. Usos e Funções.....	90
4.3.6.4. Configuração Morfológica.....	90
4.3.6.5. Funcionamento/ Vivência Urbana	90
4.3.6.6. Permeabilidade.....	92
4.3.6.7. Resiliência e Robustez	92
4.3.7. JARDIM DAS VIRTUDES	92
4.3.7.1. Identificação.....	92
4.3.7.2. Evolução Histórica.....	93
4.3.7.3. Usos e Funções.....	93

4.3.7.4. Configuração Morfológica	94
4.3.7.5. Funcionamento/ Vivência Urbana	94
4.3.7.6. Permeabilidade	96
4.3.7.7. Resiliência e Robustez.....	96
4.4. ESPAÇOS PÚBLICOS COM GÊNESE NO 3º PERÍODO MORFOLÓGICO	96
4.4.1. PRAÇA DE D. AFONSO V	96
4.4.1.1. Identificação	96
4.4.1.2. Evolução Histórica.....	97
4.4.1.3. Usos e Funções	97
4.4.1.4. Configuração Morfológica	97
4.4.1.5. Funcionamento/ Vivência Urbana	97
4.4.1.6. Permeabilidade	99
4.4.1.7. Resiliência e Robustez.....	99
4.4.2. JARDINS DO EDIFÍCIO MOTA GALIZA.....	99
4.4.2.1. Identificação	99
4.4.2.2. Evolução Histórica.....	100
4.4.2.3. Usos e Funções	100
4.4.2.4. Configuração Morfológica	100
4.4.2.5. Funcionamento/ Vivência Urbana	100
4.4.2.6. Permeabilidade	102
4.4.2.7. Resiliência e Robustez.....	102
4.4.3. JARDIM DA PENA.....	102
4.4.3.1. Identificação	102
4.4.3.2. Evolução Histórica.....	103
4.4.3.3. Usos e Funções	103
4.4.3.4. Configuração Morfológica	103
4.4.3.5. Funcionamento/ Vivência Urbana	104
4.4.3.6. Permeabilidade	105
4.4.3.7. Resiliência e Robustez.....	106
4.4.4. PARQUE URBANO DA PASTELEIRA	106
4.4.4.1. Identificação	106
4.4.4.2. Evolução Histórica.....	107
4.4.4.3. Usos e Funções	107

4.4.4.4. Configuração Morfológica.....	107
4.4.4.5. Funcionamento/ Vivência Urbana	107
4.4.4.6. Permeabilidade.....	109
4.4.4.7. Resiliência e Robustez	109
4.4.5. PARQUE DE SÃO ROQUE	110
4.4.5.1. Identificação.....	110
4.4.5.2. Evolução Histórica.....	110
4.4.5.3. Usos e Funções.....	111
4.4.5.4. Configuração Morfológica.....	111
4.4.5.5. Funcionamento/ Vivência Urbana	111
4.4.5.6. Permeabilidade.....	113
4.4.5.7. Resiliência e Robustez	113
4.5. SÍNTESE	114

5. DISCUSSÃO, CONCLUSÕES E DESENVOLVIMENTOS FUTUROS

115

5.1. DISCUSSÃO.....	115
5.1.1. PERÍODO MORFOLÓGICO, ÁREA, ÍNDICE DE OCUPAÇÃO E PERMEABILIDADE.....	115
5.1.2. PERÍODO MORFOLÓGICO, ÁREA, ÍNDICE DE OCUPAÇÃO, DIVERSIDADE DE ATIVIDADES E MULTIFUNCIONALIDADE	118
5.1.3. PERÍODO MORFOLÓGICO, ALTERAÇÕES MORFOLÓGICAS, ÁREA E ÍNDICE DE OCUPAÇÃO	122
5.1.4. PERÍODO MORFOLÓGICO, LOCALIZAÇÃO, USOS DA ENVOLVENTE E ÍNDICE DE OCUPAÇÃO.....	123
5.2. CONCLUSÕES	124
5.3. DESENVOLVIMENTOS FUTUROS.....	127

Bibliografia.....

129

Anexos

ANEXO I – MAPAS REPRESENTATIVOS DA GÊNESE DOS ESPAÇOS PÚBLICOS.....	
ANEXO I.I – ESPAÇOS PÚBLICOS COM GÊNESE NO 1º PERÍODO MORFOLÓGICO.....	
ANEXO I.II – ESPAÇOS PÚBLICOS COM GÊNESE NO 2º PERÍODO MORFOLÓGICO.....	
ANEXO I.III – ESPAÇOS PÚBLICOS COM GÊNESE NO 3º PERÍODO MORFOLÓGICO.....	
ANEXO II – AMOSTRA DE ESPAÇOS PÚBLICOS.....	

ANEXO III – MAPAS DE COMPORTAMENTO	
ANEXO III.I – CALÇADA/PASSEIO DAS VIRTUDES	
ANEXO III.II – PRAÇA DA REPÚBLICA.....	
ANEXO III.III – PRAÇA DA RIBEIRA	
ANEXO III.IV – JARDIM DO PASSEIO ALEGRE	
ANEXO III.V – JARDIM DE MARQUES DE OLIVEIRA.....	
ANEXO III.VI – AVENIDA DOS ALIADOS	
ANEXO III.VII – PRAÇA NOVE DE ABRIL.....	
ANEXO III.VIII – PRAÇA MOUZINHO DE ALBUQUERQUE	
ANEXO III.IX – PRAÇA DO MARQUÊS DE POMBAL	
ANEXO III.X – PRAÇA DE FRANCISCO SÁ CARNEIRO	
ANEXO III.XI – ESPLANADA DO MOLHE	
ANEXO III.XII – JARDIM DAS VIRTUDES	
ANEXO III.XIII – PRAÇA DE D. AFONSO V.....	
ANEXO III.XIV – JARDIM – EDIFÍCIO MOTA GALIZA	
ANEXO III.XV – JARDIM DA PENA.....	
ANEXO III.XVI – PARQUE URBANO DA PASTELEIRA	
ANEXO III.XVII – PARQUE DE SÃO ROQUE.....	
ANEXO IV – QUADRO RESUMO DOS PARÂMETROS ESTUDADOS.....	

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 2.1 – Mapa axial da cidade do Porto	9
Figura 2.2 – Mapa da cidade do Porto de 1813 baseado na Planta Redonda de George Balck	12
Figura 2.3 – Mapa da cidade do Porto de 1892 baseado na Planta Topográfica da Cidade do Porto de Telles Ferreira.....	13
Figura 2.4 – Mapa da cidade do Porto de 1978 baseado no Levantamento Aerofotogramétrico da DGPU.....	13
Figura 2.5 – Eixos estruturantes da cidade do Porto	15
Figura 2.6 – Quadro de análise de espaços públicos proposto por Ferreira <i>et al.</i> (2011)	19
Figura 2.7 – Quadro de análise de espaços públicos proposto por Barbosa (2011).....	20
Figura 2.8 – Quadro de características-chave proposto por Projecto of Public Spaces, Inc. (2000).....	21
Figura 2.9 – Exemplo de um mapa de comportamento	22
Figura 2.10 – Exemplo de um gráfico de contagens	23
Figura 2.11 – Avenida dos Aliados no início do século XX	24
Figura 2.12 – Praça da Ribeira no início do século XIX.....	25
Figura 2.13 – Alameda da Cordoaria no início do século XIX	25
Figura 2.14 – Rua de Santa Catarina no século XX.....	26
Figura 2.15 – Praça Nova, atual Praça da Liberdade no século XX	26
Figura 2.16 – Praça Mouzinho de Albuquerque em 1905.....	27
Figura 3.1 – Fases metodológicas	30
Figura 3.2 – Parâmetros de análise dos espaços públicos da cidade do Porto.....	31
Figura 3.3 – Espaços públicos com génese no período monárquico	36
Figura 3.4 – Espaços públicos com génese no fim do período monárquico e período ditatorial	36
Figura 3.5 – Espaços públicos com génese no período democrático	37
Figura 3.6 – Representação da Amostra de Espaços Públicos a Estudar no Mapa de 2003.....	44
Figura 4.1 – Calçada e Passeio das Virtudes	47
Figura 4.2 – Localização do Passeio das Virtudes (<i>software Google Earth</i> e mapa de 2003)	47
Figura 4.3 – Passeio das Virtudes	48
Figura 4.4 – Resultados do mapa de comportamento do Passeio das Virtudes.....	49
Figura 4.5 – Vivência urbana do Passeio das Virtudes	49
Figura 4.6 – Distribuição dos utilizadores no Passeio das Virtudes	50
Figura 4.7 – Praça da República	51
Figura 4.8 – Localização da Praça da República (<i>software Google Earth</i> e mapa de 2003).....	51
Figura 4.9 – Resultados do mapa de comportamento da Praça da República.....	53

Figura 4.10 – Vivência urbana da Praça da República	53
Figura 4.11 – Distribuição dos utilizadores na Praça da República	54
Figura 4.12 – Praça da Ribeira	55
Figura 4.13 – Localização da Praça da Ribeira (<i>software Google Earth</i> e mapa de 2003).....	56
Figura 4.14 – Resultados do mapa de comportamento da Praça da Ribeira.....	57
Figura 4.15 – Vivência urbana da Praça da Ribeira	58
Figura 4.16 – Distribuição dos utilizadores na Praça da Ribeira	58
Figura 4.17 – Jardim do Passeio Alegre	59
Figura 4.18 – Localização do Jardim do Passeio Alegre (<i>software Google Earth</i> e mapa de 2003).....	60
Figura 4.19 – Resultados do mapa de comportamento do Jardim do Passeio Alegre	61
Figura 4.20 – Vivência urbana do Jardim do Passeio Alegre.....	62
Figura 4.21 – Distribuição dos utilizadores no Jardim do Passeio Alegre	62
Figura 4.22 – Jardim de Marques de Oliveira	63
Figura 4.23 – Localização do Jardim de Marques de Oliveira (<i>software Google Earth</i> e mapa de 2003)	64
Figura 4.24 – Resultados do mapa de comportamento do Jardim de Marques de Oliveira.....	65
Figura 4.25 – Vivência urbana do Jardim de Marques de Oliveira	65
Figura 4.26 – Pormenor do desenvolvimento das atividades socializar e jogar cartas	66
Figura 4.27 – Distribuição dos utilizadores no Jardim de Marques de Oliveira	66
Figura 4.28 – Avenida dos Aliados	68
Figura 4.29 – Localização da Avenida dos Aliados (<i>software Google Earth</i> e mapa de 2003)	68
Figura 4.30 – Resultados do mapa de comportamento das plataformas centrais da Avenida dos Aliados	71
Figura 4.31 – Vivência urbana nos passeios laterais da Avenida dos Aliados.....	71
Figura 4.32 – Distribuição dos utilizadores nas plataformas centrais da Avenida dos Aliados.....	72
Figura 4.33 – Praça Nove de Abril.....	73
Figura 4.34 – Localização da Praça Nove de Abril (<i>software Google Earth</i> e mapa de 2003).....	73
Figura 4.35 – Resultados do mapa de comportamento da Praça Nove de Abril	75
Figura 4.36 – Vivência urbana da Praça Nove de Abril.....	75
Figura 4.37 – Distribuição dos utilizadores na Praça Nove de Abril.....	76
Figura 4.38 – Praça Mouzinho de Albuquerque	77
Figura 4.39 – Localização da Praça Mouzinho de Albuquerque (<i>software Google Earth</i> e mapa de 2003)	77
Figura 4.40 – Resultados do mapa de comportamento da Praça Mouzinho de Albuquerque.....	79
Figura 4.41 – Vivência urbana da Praça Mouzinho de Albuquerque	79
Figura 4.42 – Distribuição dos utilizadores na Praça Mouzinho de Albuquerque	80

Figura 4.43 – Praça do Marquês de Pombal	81
Figura 4.44 – Localização da Praça do Marquês do Pombal (<i>software Google Earth</i> e mapa de 2003)	81
Figura 4.45 – Resultados do mapa de comportamento da Praça do Marquês do Pombal	83
Figura 4.46 – Vivência urbana da Praça do Marquês do Pombal	83
Figura 4.47 – Distribuição dos utilizadores na Praça do Marquês de Pombal	84
Figura 4.48 – Praça de Francisco Sá Carneiro	85
Figura 4.49 – Localização da Praça de Francisco Sá Carneiro (<i>software Google Earth</i> e mapa de 2003)	85
Figura 4.50 – Resultados do mapa de comportamento da Praça de Francisco Sá Carneiro	87
Figura 4.51 – Vivência urbana da Praça Francisco Sá Carneiro	87
Figura 4.52 – Distribuição dos utilizadores na Praça Francisco Sá Carneiro	88
Figura 4.53 – Esplanada do Molhe	89
Figura 4.54 – Localização da Esplanada do Molhe (<i>software Google Earth</i> e mapa de 2003)	89
Figura 4.55 – Resultados do mapa de comportamento da Esplanada do Molhe	90
Figura 4.56 – Distribuição dos utilizadores na Esplanada do Molhe	91
Figura 4.57 – Vivência urbana da Esplanada do Molhe	92
Figura 4.58 – Jardim das Virtudes	93
Figura 4.59 – Localização do Jardim das Virtudes (<i>software Google Earth</i> e mapa de 2003)	93
Figura 4.60 – Resultados do mapa de comportamento do Jardim das Virtudes	94
Figura 4.61 – Vivência urbana do Jardim das Virtudes	95
Figura 4.62 – Distribuição dos utilizadores no Jardim das Virtudes	95
Figura 4.63 – Praça de D. Afonso V	96
Figura 4.64 – Localização da Praça de D. Afonso V (<i>software Google Earth</i> e mapa de 2003)	97
Figura 4.65 – Resultados do mapa de comportamento da Praça D. Afonso V	98
Figura 4.66 – Distribuição dos utilizadores na Praça D. Afonso V	98
Figura 4.67 – Jardins – Edifício Mota Galiza	99
Figura 4.68 – Localização dos Jardins do Edifício Mota Galiza (<i>software Google Earth</i> e mapa de 2003)	100
Figura 4.69 – Resultados do mapa de comportamento dos Jardins do Edifício Mota Galiza	101
Figura 4.70 – Vivência urbana dos Jardins do Edifício Mota Galiza	101
Figura 4.71 – Distribuição dos utilizadores nos Jardins do Edifício Mota Galiza	102
Figura 4.72 – Jardim da Pena	103
Figura 4.73 – Localização do Jardim da Pena (<i>software Google Earth</i> e mapa de 2003)	103
Figura 4.74 – Resultados do mapa de comportamento do Jardim da Pena	104
Figura 4.75 – Vivência urbana do Jardim da Pena	105

Figura 4.76 – Distribuição dos utilizadores no Jardim da Pena.....	105
Figura 4.77 – Parque Urbano da Pasteleira.....	106
Figura 4.78 – Localização do Parque Urbano da Pasteleira (<i>software Google Earth</i> e mapa de 2003).....	107
Figura 4.79 – Resultados do mapa de comportamento do Parque Urbano da Pasteleira	108
Figura 4.80 – Vivência urbana do Parque Urbano da Pasteleira.....	108
Figura 4.81 – Distribuição dos utilizadores no Parque Urbano da Pasteleira	109
Figura 4.82 – Parque de São Roque	110
Figura 4.83 – Localização do Parque de São Roque (<i>software Google Earth</i> e mapa de 2003).....	110
Figura 4.84 – Resultados do mapa de comportamento do Parque de São Roque	111
Figura 4.85 – Vivência urbana do Parque de São Roque	112
Figura 4.86 – Distribuição dos utilizadores no Parque de São Roque	112
Figura 4.87 – Edifício da antiga Quinta da Lameira.....	113
Figura 5.1 – Atividades observadas por período morfológico	120
Figura 5.2 – Distribuição etária por período morfológico	120

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 2.1 – Listagem da cartografia analisada da cidade do Porto.....	12
Quadro 2.2 – Integração local e períodos morfológicos	16
Quadro 2.3 – Integração global e períodos morfológicos	16
Quadro 2.4 – Listagem dos planos municipais estudados.....	16
Quadro 3.1 – Listagem de espaços públicos da cidade do Porto	33
Quadro 3.2 – Cartografia utilizada	34
Quadro 3.3 – Espaços públicos eliminados da listagem inicial	35
Quadro 3.4 – Tipologias dos espaços públicos com génese no 1º período morfológico	39
Quadro 3.5 – Tipologias dos espaços públicos com génese no 2º período morfológico	40
Quadro 3.6 – Tipologias dos espaços públicos com génese no 3º período morfológico	41
Quadro 3.7 – Amostra de Espaços Públicos a Estudar	43
Quadro 4.1 – Parâmetros de análise – trabalho de campo.....	46
Quadro 5.1 – Relação entre o período morfológico, a área, o índice de ocupação e a permeabilidade.....	116
Quadro 5.2 – Média, mediana e desvio padrão das áreas por período morfológico	117
Quadro 5.3 – Relação entre o período morfológico, a área, o índice de ocupação, diversidade de atividades e multifuncionalidade	119
Quadro 5.4 – Relação entre o período morfológico, as alterações morfológicas, a área e o índice de ocupação.....	122
Quadro 5.5 – Relação entre o período morfológico, a localização, os usos da envolvente e o índice de ocupação.....	123

SÍMBOLOS E ABREVIATURAS

ISUF - International Seminar of Urban Form

UMRG - Urban Morphology Research Group

CISPUT - Centro Internazionale per lo Studio dei Processi Urbani e Territoriali

UCL - Unit for Architectural Studies

CITTA - Centro de Investigação do Território, Transportes e Ambiente da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

SIG – Sistema de Informação Geográfica

1

INTRODUÇÃO

1.1. ÂMBITO E ENQUADRAMENTO

A história de uma cidade é escrita através de diversificados processos de desenvolvimento, de transformações fundamentais e de contribuições planeadas e não planeadas de uma sociedade em contínua mudança. Percebê-la é retirar lições do passado, é aprender com os casos de sucesso e, sobretudo, é desbravar caminho na procura de respostas aos novos desafios do planeamento urbano.

Um importante contributo para o entendimento da evolução urbana de uma cidade é o estudo da estrutura, forma, evolução e funcionamento dos seus espaços públicos, em particular dos espaços de permanência, por serem locais de recreação, de grande dinâmica e vivência urbana e de expressão da cidadania por excelência.

De facto, de forma mais ou menos natural, os espaços públicos das cidades foram sendo criados, com objetivos diversos, e procurando responder às necessidades da sociedade em diferentes tempos da história.

Por exemplo, a ágora, na antiga Grécia, era um espaço aberto, de assembleia, onde as pessoas se reuniam para participar na vida social, económica e política, estabelecendo-se nela trocas de mercadorias e de pensamentos. Com funções semelhantes, a civilização romana possuía o chamado fórum romano, criteriosamente localizado no centro das suas cidades e possuindo na sua envolvente edifícios com funções religiosas, políticas, comerciais e civis. Já os espaços públicos do Barroco, do século XVI ao século XVIII, tinham como grande objetivo a demonstração de ostentação, riqueza, exuberância e poder.

Os espaços públicos dos dias de hoje apresentam designações, funções e características bastante diversificadas. Constituem espaços abertos, relvados ou pavimentados, que aparecem sobretudo no vazio proporcionado pela ausência de construções ou no cruzamento de espaços de circulação.

O debate académico em torno da temática dos processos de desenvolvimento urbano e dos espaços públicos é extenso e diversificado. Concretamente, num dos recentes trabalhos desenvolvidos pelo Centro de Investigação do Território, Transportes e Ambiente da Faculdade de Engenharia da

Universidade do Porto (CITTA), foi possível identificar, para a cidade do Porto, um conjunto de três períodos morfológicos capazes de sintetizar a evolução da sua forma urbana.

No âmbito desta dissertação, importa agora particularizar essa análise aos espaços públicos da cidade, procurando perceber a sua génese, a sua evolução, as suas características morfológicas, o seu funcionamento e até que ponto estas características formam ou não um padrão tendencialmente homogêneo em espaços públicos com génese num mesmo período morfológico.

1.2. OBJETIVOS

O desenvolvimento da presente dissertação assenta fundamentalmente num estudo abrangente e criterioso dos espaços públicos da cidade do Porto através da seleção de um conjunto de parâmetros de análise e de uma amostra significativa de territórios urbanos que tipifiquem cada um dos períodos morfológicos da cidade.

Naturalmente que para isso será necessário levar a cabo uma listagem exaustiva dos espaços públicos da cidade e classificá-los de acordo com a sua génese, respetivamente, no primeiro, segundo ou terceiro período morfológico, de modo a dar resposta a dois grandes objetivos:

- Perceber se em cada período morfológico se empreenderam espaços públicos distintos, com características intrínsecas que configuram um padrão tendencialmente homogêneo;
- Perceber se existe uma relação entre a configuração inicial dos espaços públicos e o seu atual funcionamento e vivência urbana.

1.3. MÉTODO E ESTRUTURA

A procura pela concretização dos objetivos enunciados passa pelo desenvolvimento de um método de investigação baseado na elaboração de uma revisão bibliográfica que serve de suporte ao caso de estudo relativo aos espaços públicos da cidade do Porto.

Assim, a presente dissertação encontra-se dividida em três partes fundamentais:

- Revisão da literatura, correspondente ao Capítulo 2;
- Caso de estudo, desenvolvido ao longo do Capítulo 3 e do Capítulo 4;
- Discussão, conclusões e recomendações, apresentadas no Capítulo 5.

No Capítulo 2 abordam-se duas grandes áreas do debate científico: a forma urbana e o espaço público. No estudo da forma urbana caracterizam-se as perspetivas histórica e morfológica do desenvolvimento urbano, a sintaxe espacial e faz-se igualmente referência ao estudo da forma urbana em Portugal, em particular, à investigação levada a cabo pelo CITTA na cidade do Porto. Relativamente ao espaço público faz-se alusão às suas várias componentes, às diferentes formas de estudar o funcionamento e a vivência urbana destes espaços, levando-se ainda a cabo uma caracterização inicial dos espaços públicos da cidade do Porto.

No Capítulo 3 apresentam-se os objetivos operacionais do caso de estudo e a metodologia de investigação, selecionam-se os parâmetros de análise e desenvolvem-se as primeiras fases metodológicas que levam à seleção da amostra de espaços públicos estudada ao longo de todo o Capítulo 4.

Por fim, no Capítulo 5, retiram-se ilações do estudo desenvolvido através da discussão comparada dos vários parâmetros analisados e, finalmente, para além de se dar resposta aos objetivos propostos, são indicadas perspetivas de investigação futuras no âmbito deste tema.

2

REVISÃO DA LITERATURA

2.1. O ESTUDO DA FORMA URBANA

De acordo com Ferreira *et al.* (2011), o debate sobre a forma urbana das cidades começou a ganhar particular relevância no contexto da exaustão da cidade modernista, a partir da segunda metade do século XX. De facto, a constatação das limitações desta forma de fazer cidade colocou sobre a mesa aspetos tais como a morfologia dos tecidos urbanos, a análise da paisagem urbana, a relação entre a configuração física dos espaços urbanos e os seus usos, debatendo-se inclusivamente questões que se prendiam com a importância da participação pública. Neste seguimento, foram publicadas obras de referência cujos pressupostos permanecem válidos até aos dias de hoje.

No âmbito da morfologia dos tecidos urbanos, destacam-se nomes tais como Conzen (ver, por exemplo, Conzen, 1988), Muratori (1959, 1936) e Caniggia (1963, 2001). Por outro lado, Cullen (1961), Bacon (1992), Lynch (1960, 1981) e Kostof (1992, 1999) apresentaram propostas interpretativas da paisagem urbana. Na relação entre a configuração física dos espaços urbanos e os seus usos destacam-se os estudos desenvolvidos por Gehl (ver, por exemplo, Gehl, 1987 ou Gehl e Gemzue, 2004), Newman (1996) e ainda Hillier (ver, por exemplo, Hillier *et al.*, 1976) no desenvolvimento da sintaxe espacial.

Várias são, portanto, as correntes de investigação no âmbito do estudo da forma urbana, levando a que o debate académico em torno desta temática seja extenso e complexo. No enquadramento do trabalho que se pretende desenvolver, importa assim focar atenções nas perspetivas histórica e morfológica dos espaços urbanos, abordando levemente a sintaxe espacial e, ainda, analisar o estudo da forma urbana em Portugal.

2.1.1. A PERSPETIVA HISTÓRICA DO DESENVOLVIMENTO URBANO

“A história de uma cidade é feita de contribuições planeadas e não planeadas. Estas, juntas, são responsáveis pelo estado de evolução e pelas rápidas alterações na estrutura, forma e função das nossas cidades” (Oliveira e Pinho, 2008) (tradução livre).

Marat-Mendes *et al.* (2011) afirmam que a pesquisa do desenvolvimento das cidades ao longo de diferentes períodos históricos constitui uma contribuição importante para a análise da forma urbana. De acordo com os autores, a análise histórica não tem a intenção de replicar o passado, mas antes disponibilizar os fundamentos e bases para a preservação e inovação da forma urbana. É possível, portanto, retirar lições do passado para melhor intervir no presente e futuro.

Ainda de acordo com os autores, a forma como se desenvolve uma cidade ao longo dos séculos está intrinsecamente associada à interação entre os cidadãos e o seu ambiente urbano, pelo que esta perspetiva deve igualmente ser tida em consideração no estudo da forma urbana. Foi precisamente o que fez Lynch (1981, 1996) estudando a imagem das cidades e Moudon (1986) aplicando esta ótica ao caso de estudo da cidade de São Francisco.

Este último autor afirmou igualmente que *“a forma urbana só pode ser historicamente compreendida se os seus elementos constituintes estiverem em contínua transformação e substituição”* (Moudon, 1986) (tradução livre), tendo usado, para compreender os diversos processos de desenvolvimento urbano, métodos que se basearam numa análise histórica.

Já os irmãos Léon e Rob Krier adotaram esta perspetiva histórica salientando a importância da tradição, estudando o desenvolvimento do tecido urbano de cidades europeias nos séculos XVIII e XIX.

Morris (1994), com os seus múltiplos casos de estudo, disponibilizou igualmente um importante contributo para a perceção daquilo a que o autor descreveu como *“lições do passado”* (Morris, 1994).

Assim, o trabalho desenvolvido pelos autores mencionados permitiu revelar a importância do levantamento histórico no desenvolvimento de uma análise física da forma urbana, não só para se aprender com os casos de sucesso, mas também para melhor compreender *“as forças que moldam a forma urbana ao longo do tempo”* (Marat-Mendes *et al.*, 2011).

2.1.2. A PERSPETIVA MORFOLÓGICA

A morfologia urbana constitui uma disciplina que pretende conceptualizar a complexidade da forma física de uma cidade. De facto, de acordo com Larkham (2005), compreender a complexidade física da estrutura urbana de uma cidade a várias escalas, desde edifícios, quarteirões, padrões viários, contribui para a perceção do caminho que esta percorreu para crescer e se desenvolver.

“A emergência da morfologia urbana na Europa foi, sem dúvida, um processo complexo, estimulante e exigente.” (Oliveira e Pinho, 2006) (tradução livre). De acordo com estes autores, a complexidade está associada à interdisciplinaridade, tendo envolvido estudos das áreas do planeamento, arquitetura e geografia. Foi um processo estimulante pois incentivou a criação de um novo corpo de conhecimento, reforçado por diferentes perspetivas científicas. Foi igualmente exigente pois teve que enfrentar diferentes, e por vezes contraditórias, posturas disciplinares.

Esta perspetiva morfológica da forma urbana começou a ser debatida no início da década de noventa, numa privilegiada plataforma de debate – o ISUF (*International Seminar of Urban Form*). O ISUF reúne um curioso balanço em termos de escolas e tradições. Por um lado, nos últimos anos, tem havido

um aumento do número de participantes na conferência anual, provenientes de novos países, bem como do número de trabalhos submetidos na sua revista científica, a *Urban Morphology*. Por outro lado, há uma clara predominância da escola britânica, fundamentada no trabalho de Conzen, desenvolvida principalmente no *Urban Morphology Research Group* (UMRG), e da escola italiana, fundada por Muratori, que tem vindo a ser desenvolvida no *Centro Internazionale per lo Studio dei Processi Urbani e Territoriali* (CISPUT) (Oliveira *et al.*, 2010).

As principais linhas de investigação que têm vindo a ser desenvolvidas no ISUF são a história da forma urbana, os agentes de mudança, as relações entre a morfologia urbana e o planeamento e a micromorfologia urbana (Pinho e Oliveira, 2009a).

2.1.2.1. A escola britânica¹

Larkham (1997, 2006) e Whitehand (1992, 2001) identificaram as origens da escola britânica na geografia alemã, principalmente nos trabalhos desenvolvidos por Schlütter (1899) e Geisler (1918) que começaram a preocupar-se com a representação dos espaços urbanos (Pinho e Oliveira, 2008). A ligação entre a escola alemã e britânica foi estabelecida por Conzen, um geógrafo alemão que emigrou para o Reino Unido em 1933.

Conzen definiu três elementos básicos da paisagem urbana: o plano da cidade, definido como o arranjo topográfico de uma dada área urbana em todas as suas características produzidas pelo Homem, a estrutura do edificado e o uso do solo e dos edifícios.

A tradição conzeniana foi posteriormente desenvolvida por Whitehand que salientou a importância de quatro conceitos definidos por Conzen no âmbito da conceptualização do desenvolvimento histórico das cidades: ciclo de parcela burguesa (*burgage cycle*), cintura periférica (*fringe belt*), região morfológica e estrutura morfológica.

Whitehand estendeu ainda a abordagem conzeniana particularmente no domínio da relação entre a cidade e os seus habitantes e das dinâmicas da indústria da construção. Em 1974, Whitehand fundou o UMRG na Universidade de Birmingham, tendo-se juntado a este grupo de investigadores nomes importantes da morfologia urbana tais como Hall, Kropf, Larkham, Lilley, Samuels e Slater. Atualmente, a linha de investigação do UMRG enquadra-se fundamentalmente em dois domínios: o estudo do planeamento e gestão das cidades medievais e pré-modernas e a análise dos processos de desenho da paisagem urbana nos séculos XIX e XX.

2.1.2.2. A escola italiana¹

A escola italiana de morfologia e tipologia urbana foi fundada por Muratori na década de cinquenta. Muratori pretendia, através do estudo da história urbana, recuperar o sentido de continuidade da prática arquitetónica. Era a sua intenção construir um quadro teórico que permitisse explicar a criação da forma urbana e os seus processos de transformação ao longo do tempo.

Muratori definiu ainda quatro conceitos urbanos fundamentais: tipo (realidade espontânea e dinâmica, sempre associada a uma determinada cultura), tecido urbano, organismo e operativos históricos.

¹ A redação destes pontos teve como base, fundamentalmente, os artigos de Pinho e Oliveira (2009a) e Pinho e Oliveira (2009b)

Explorando os seus próprios conceitos, Muratori dividiu o desenvolvimento histórico da cidade de Veneza em três momentos principais: o século XI, o período gótico e o período compreendido entre os séculos XVI e XVIII.

Após a morte de Muratori, o seu trabalho foi continuado por Caniggia que procurou salientar os aspetos operacionais da teoria do seu mentor, promovendo ainda a sua ampla difusão. De facto, a operacionalidade da teoria na prática é uma preocupação recorrente no trabalho de Caniggia.

Atualmente, a escola italiana está principalmente localizada na cidade de Florença no CISPOT, fundado em 1981. Este centro de investigação conta com importantes autores tais como Cataldi, Maffei, Marzot and Vaccaro e tem como principal objetivo promover e desenvolver a pesquisa morfológica aplicada à preservação e restauro do património construído.

2.1.3. A SINTAXE ESPACIAL

“Será que a forma da cidade influencia o seu funcionamento? Como analisar objetivamente algo tão complexo como a forma de uma cidade? Como estabelecer com rigor os mecanismos através dos quais essa influência é exercida?” (Serra, 2011). Estas são algumas das questões que a sintaxe espacial (*space syntax*) procura dar resposta.

Os estudos associados a esta perspetiva de análise da forma urbana começaram na década de 70, no *Unit for Architectural Studies* (UCL), sob a coordenação de Hillier. Na altura o grande objetivo consistia em perceber a influência do design arquitetónico nos problemas sociais existentes em vários bairros do Reino Unido (Oliveira *et al.*, 2010).

O termo *space syntax* aparece pela primeira vez em 1976, num artigo desenvolvido por Hillier e o seu grupo de investigação (Hillier *et al.*, 1976). Desde então, vários têm sido os desenvolvimentos nesta matéria, merecendo particular destaque dois livros: *The Social Logic of Space* (Hillier e Hanson, 1984) e *Space is the Machine* (Hillier, 1996).

No primeiro, os autores propõem uma teoria focada no espaço enquanto dimensão social, construindo um modelo conceptual onde foram analisadas as relações entre o espaço e a sociedade, tendo presente *“a dimensão social dos padrões espaciais e a dimensão espacial dos padrões sociais”* (Oliveira *et al.*, 2010).

No segundo, o autor sintetiza a evolução da teoria do primeiro livro até ao início dos anos 90, realçando aspetos particulares, nomeadamente a dimensão analítica e configuracional. Os principais desenvolvimentos referidos consistem sobretudo na pesquisa da natureza espacial e funcional da cidade e dos edifícios, desenvolvendo *software* que permitiu explorar as dimensões gráficas das ferramentas da análise sintática. Estes desenvolvimentos passaram ainda por um grande número de aplicações práticas a casos de estudo quer a espaços urbanos, quer a espaços arquitetónicos (Oliveira *et al.*, 2010).

Nos dias de hoje, a sintaxe espacial constitui um campo alargado de investigação com aplicações diversas em áreas tais como a arquitetura, o urbanismo, a sociologia, a antropologia, a arqueologia, a psicologia e as ciências da informação (Serra, 2011).

A análise sintática corresponde a uma teoria e a um conjunto de técnicas de análise, capazes de descrever quantitativamente padrões de organização espacial complexos. Estes padrões de organização são posteriormente relacionados com fenómenos e comportamentos sociais, com o objetivo de revelar relações de causalidade entre a forma do espaço e os seus padrões de uso e ocupação (Serra, 2011).

“A *sintaxe espacial* é uma teoria analítica, explicativa e preditiva” (Serra, 2011). Analítica pois procura compreender os vários fenómenos associados à configuração espacial; explicativa pois permite perceber o funcionamento social de estruturas espaciais existentes; preditiva pois é capaz de avaliar o desempenho de estruturas espaciais propostas.

A representação espacial, isto é, a forma como é representado o espaço urbano e o edificado na sintaxe espacial, traduz-se num mapa axial (Figura 2.1) que é constituído pela totalidade de eixos axiais que cobrem todo o sistema em análise (Oliveira *et al.*, 2010).



Figura 2.1 – Mapa axial da cidade do Porto (Serra, 2011)

De modo a quantificar as características da configuração espacial de um espaço urbano, podem-se extrair do mapa axial um conjunto de medidas topográficas: a integração global e local, a conectividade, a inteligibilidade global e local e a sinergia.

O mapa axial é um dos pontos-chave da análise sintática, sendo igualmente um dos aspetos mais criticados academicamente. De facto, alguns autores são reticentes quanto à fiabilidade da passagem de cartografia feita manualmente para cartografia feita computacionalmente, referindo que “*diferentes utilizadores podem obter mapas axiais diferentes, a partir de iguais representações cartográficas*” (Pinho e Oliveira, 2009a). A incorporação de informação tridimensional na sintaxe espacial é igualmente um tema recorrente no atual debate académico.

Não obstante as reticências levantadas, a sintaxe espacial tem o grande mérito de permitir separar a análise espacial da análise dos usos do solo, algo que se tem vindo a verificar particularmente produtivo nos vários casos de estudo desenvolvidos (Pinho e Oliveira, 2009a).

2.1.4. O ESTUDO DA FORMA URBANA EM PORTUGAL

De acordo com Oliveira e Pinho (2006), o estudo da morfologia urbana em Portugal é ainda um ramo relativamente recente, atraindo poucos recursos e havendo atualmente um modesto número de

contributos científicos. No entanto, existe um conjunto de estudos sobre a forma urbana de algumas cidades portuguesas que importa analisar.

Um dos primeiros contributos para o estudo da forma urbana em Portugal foi dado por Pereira (1982). Este autor, não tendo estudado nenhuma cidade em concreto, introduziu o conceito de espaço urbano como objeto da atividade de planeamento. Além disso, afirmou a importância de se levar a cabo uma cuidadosa análise morfológica dos elementos físicos da paisagem urbana no sentido de melhor se planejar e desenhar o espaço urbano.

Segundo o autor, “*a forma da cidade define-se na relação estabelecida entre o espaço exterior e a massa edificada existente numa dada paisagem urbana*” (Pereira, 1982), podendo o espaço exterior ser dividido em espaços de circulação, isto é, esquema viário e de circulação de peões, e em espaços de permanência, ou seja, “*espaços do estar urbano*” (Pereira, 1982).

Salgueiro (1992) estudou o processo de desenvolvimento urbano em Portugal, analisando características morfológicas de cidades portuguesas no contexto da sua evolução histórica, examinando ainda o papel dos sistemas e atores de planeamento nessa evolução (Oliveira *et al.*, 2011).

Ferreira (1995) analisou dez cidades portuguesas com o objetivo de identificar quais as principais qualidades que um espaço público deve ter. Ao analisar um conjunto alargado de características físicas, acabou por concluir que a qualidade dos espaços públicos em Portugal tem vindo a decrescer ao longo dos últimos anos.

Posteriormente, focando a sua análise em duas cidades de média dimensão, Évora e Viana do Castelo, o autor procurou estudar as principais conexões entre o espaço e a sua função, bem como a aptidão de utilização dos espaços públicos de uma cidade em relação à sua capacidade de transformação.

Barata (1996) estudou a cidade do Porto, sustentando a existência de três tipos históricos de residência na cidade: o mercantilismo, o iluminismo e o liberalismo. Estes três tipos foram analisados de acordo com a relação entre o tamanho das áreas edificadas e dos espaços abertos, com a relação entre o tecido urbano, a topografia local e os espaços de circulação e ainda com a relação entre a evolução histórica da cidade e a organização interna dos espaços arquitetónicos. A investigação levada a cabo por este autor contribuiu de forma decisiva para a caracterização da forma urbana da cidade do Porto (Oliveira e Pinho, 2006).

Teixeira (1996) analisou igualmente a cidade do Porto, focando o seu estudo nas chamadas ilhas, um tipo de habitação típica da classe operária da cidade do século XIX. No seu trabalho, o autor procura explicar aspetos que se prendem com a localização, com a forma física e com a influência do contexto socioeconómico local nas características formais e funcionais desta tipologia habitacional (Oliveira e Pinho, 2006).

Já o trabalho desenvolvido por Teixeira e Valla (1999) reflete uma clara influência da escola britânica e italiana (Oliveira *et al.*, 2011). Com base nos pressupostos destas escolas, os autores analisaram os primeiros passos no desenvolvimento de cidades portuguesas entre os séculos XIII e XVIII, focando-se em aspetos tais como a localização dos primeiros aglomerados urbanos, as primeiras estruturas e infraestruturas urbanas, o desenho, os processos de desenvolvimento e a hierarquia dos espaços de circulação e o tecido urbano (Oliveira *et al.*, 2011).

Igualmente, seguindo de perto a escola britânica, Bandeira (2001) estudou as dinâmicas de desenvolvimento urbano da cidade de Braga entre 1790 e 1974 e Pires (2001) estudou o processo de abertura da Rua Álvares Cabral, um importante eixo viário da cidade do Porto, com clara influência no processo de desenvolvimento da cidade (Oliveira e Pinho, 2006).

Heitor (2001) explorou as características espaciais que poderão ter contribuído para a vulnerabilidade do ambiente urbano de Chelas, uma das maiores zonas habitacionais da cidade de Lisboa. A autora identificou as principais características ao nível da configuração espacial tais como o ambiente urbano e a complexidade dos projetos de arquitetura implementados, usando para a sua análise a sintaxe espacial (Oliveira e Pinho, 2006).

Fernandes (2002) sublinhou a importância da cartografia para o planeamento e compreensão do desenvolvimento da forma urbana. Considerou igualmente os documentos de planeamento urbano como fontes indispensáveis de informação no que diz respeito ao crescimento e alterações da forma urbana das cidades. Segundo o autor, “*a cartografia de uma cidade contempla o resumo da sua história, onde se pode observar os seus vários processos de desenvolvimento*” (Fernandes, 2002) (tradução livre).

O autor refere ainda vantagens de metodologias baseadas no redesenho cartográfico tais como o facto de permitir a observação e interpretação da forma urbana atual de uma cidade, bem como possibilitar a perceção e previsão dos principais resultados de importantes decisões ao nível do planeamento da forma urbana de uma cidade (Oliveira e Pinho, 2006).

Também em 2002, Costa (2002) revela o uso de modelos urbanos gerais no projeto de diversos bairros da cidade de Lisboa, destacando o bairro de Alvalade por constituir um paradigma do urbanismo português, nomeadamente devido ao seu design urbano bastante eclético (Oliveira e Pinho, 2006).

Mais recentemente, Oliveira e Pinho têm estado a desenvolver uma análise morfológica das cidades de Lisboa e Porto, tendo identificado distintos períodos de desenvolvimento destas cidades (Oliveira e Pinho, 2006). Estes autores, neste contexto, levaram também a cabo uma revisão crítica das mais influentes políticas de planeamento nestas cidades desde o século XIX (Oliveira e Pinho, 2008). Finalmente, avaliaram a utilização de uma metodologia baseada no redesenho cartográfico na análise da evolução de uma cidade num período longo de tempo (Pinho e Oliveira, 2009b).

Tendo em conta que a presente dissertação tem como alicerces este mesmo trabalho que tem vindo a ser desenvolvido por Oliveira e Pinho no Centro de Investigação do Território, Transportes e Ambiente (CITTA) da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, importa agora analisá-lo com mais detalhe.

2.1.4.1. O estudo da morfologia urbana da cidade do Porto no CITTA

Tal como foi referido anteriormente, nas três publicações citadas, Oliveira e Pinho desenvolveram uma análise da forma urbana das cidades do Porto e Lisboa. Estando a presente dissertação endereçada ao caso de estudo da cidade do Porto, importa neste ponto apresentar uma síntese dos principais resultados desta investigação para esta cidade.

Como se mencionou anteriormente, Ferreira (1995), Teixeira e Valla (1999) e Fernandes (2002) realçaram a importância do redesenho de fontes cartográficas originais. Ora, foi a partir deste pressuposto que Oliveira e Pinho se basearam num conjunto de representações cartográficas para desenvolver esta investigação.

Assim sendo, a definição do período de tempo a estudar esteve dependente da disponibilidade cartográfica, bem como da sua autenticidade e credibilidade (Oliveira *et al.*, 2010). A cartografia utilizada, para o caso da cidade do Porto, encontra-se listada no Quadro 2.1.

Quadro 2.1 – Listagem da cartografia analisada da cidade do Porto (Oliveira e Pinho, 2006)

Data	Designação	Autor/ Origem Institucional
1813	Planta Redonda	George Balck
1824	Plano da Cidade do Porto	José Francisco de Paiva
1833	Oporto	W. B. Clarke
1839	Planta Topográfica da C. do Porto	Joaquim da Costa Lima
1865	Planta da Cidade do Porto	Frederico Perry Vidal
1892	Planta Topográfica da C. do Porto	Telles Ferreira
1903	Planta da Cidade do Porto	STCMP ²
1932	Planta Topográfica da Cidade do Porto	STCMP
1937	Planta Topográfica da Cidade do Porto	STCMP
1948	Carta Militar de Portugal	IGE ³
1960	Planta Topográfica da Cidade do Porto	STCMP
1978	Levantamento Aerofotogramétrico	DGPU ⁴
1992	Cartografia Digital	STCMP
1997	Carta Militar de Portugal	IGE
2003	Planta da Situação Existente	STCMP

Todo o material cartográfico foi redesenhado no laboratório de SIG (Sistema de Informação Geográfica) do CITTA. De modo a evidenciar os aspetos fundamentais da forma urbana da cidade, foi removida toda a informação irrelevante. Nas Figuras 2.2, 2.3 e 2.4 encontram-se apresentadas três das quinze representações obtidas com base na cartografia listada anteriormente.

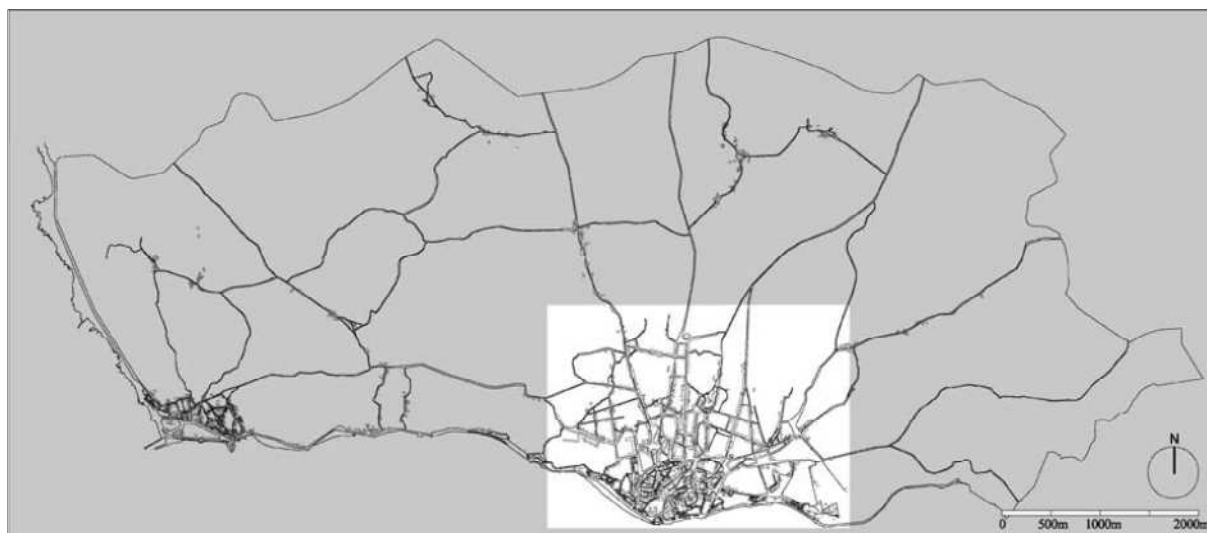


Figura 2.2 – Mapa da cidade do Porto de 1813 baseado na Planta Redonda de George Balck (Oliveira e Pinho, 2006)

² STCMP – Serviços Técnicos da Câmara Municipal do Porto

³ IGE – Instituto Geográfico do Exército

⁴ DGPU – Direcção Geral de Planeamento Urbanístico

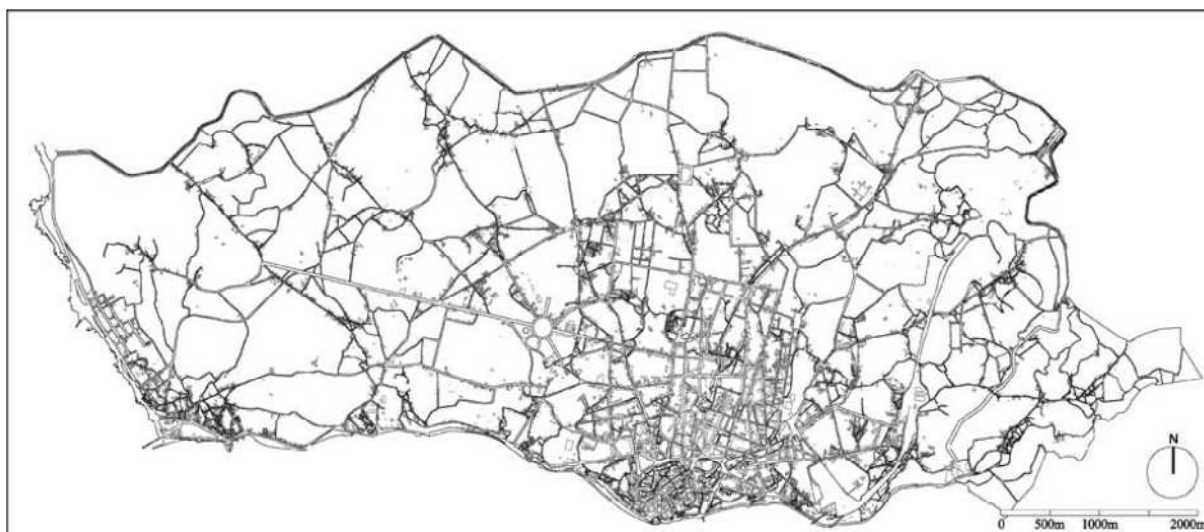


Figura 2.3 – Mapa da cidade do Porto de 1892 baseado na Planta Topográfica da Cidade do Porto de Telles Ferreira (Oliveira e Pinho, 2006)



Figura 2.4 – Mapa da cidade do Porto de 1978 baseado no Levantamento Aerofotogramétrico da DGPU (Oliveira e Pinho, 2006)

O ponto de partida do trabalho desenvolvido no laboratório de SIG consistiu na preparação de uma atualização rigorosa de uma representação cartográfica da cidade do porto, feita a partir deste *software*. Depois de igualmente removida toda a informação não relevante, o mapa obtido estava pronto a dar origem aos seus antecessores através de sucessivas subtrações de elementos físicos que não se encontravam construídos no período compreendido entre dois mapas consecutivos (Oliveira e Pinho, 2006).

Naturalmente que deste processo não estiveram ausentes dificuldades técnicas tais como diferentes níveis de rigor de representação encontrados. Foi igualmente necessário proceder-se a uma série de reajustes para melhorar a precisão dos vários mapas desenhados. Assim, no final deste processo,

fazendo estas sucessivas alterações, foi possível criar um modelo permanentemente actualizável e aberto inclusivamente a eventuais análises diversificadas (Oliveira e Pinho, 2006).

A análise dos quinze mapas obtidos sugere a existência de três períodos morfológicos distintos no processo de desenvolvimento da cidade do Porto. Aqui importa fazer um pequeno parêntesis para explicar o conceito de período morfológico.

Este conceito conzeniano corresponde a uma influência exercida sobre as formas urbanas de um determinado território durante um certo período de tempo (Whitehand, 2007). Este poderá estar de algum modo associado ao conceito de processo tipológico, desenvolvido pela escola italiana, segundo o qual as novas tipologias urbanas são vistas como produto de um processo de aprendizagem associado a uma adaptação às tipologias urbanas existentes num dado período de tempo (Oliveira *et al.*, 2010).

Voltando aos resultados da análise da cartografia obtida, estes revelaram a existência de três períodos morfológicos para a cidade do Porto:

- **Período Monárquico:** compreendido entre 1813 e 1865, ao qual correspondem os primeiros cinco mapas (Quadro 2.1);
- **Fim do Período Monárquico e Período Ditatorial:** compreendido entre 1892 e 1960, ao qual correspondem os seis mapas seguintes (Quadro 2.1);
- **Período Democrático:** compreendido entre 1978 e 2003, ao qual correspondem os últimos quatro mapas (Quadro 2.1).

O Período Monárquico corresponde às fases iniciais de expansão da cidade para lá dos seus limites medievais (Figura 2.2). Esta expansão urbana foi suportada pelo “*grande gesto iluminista*” (Oliveira e Pinho, 2006) de abrir a Rua do Almada (Figura 2.5) e pela consolidação de cinco vias de acesso às cidades vizinhas de Matosinhos, Viana do Castelo, Braga, Guimarães e Penafiel (Oliveira e Pinho, 2006).

Neste período, a organização espacial da cidade foi profundamente marcada pelo processo de industrialização e pela construção de habitação precária para a classe trabalhadora, pela forma das chamadas ilhas.

Ao nível dos espaços urbanos, a rua apresentava-se como o elemento dominante e de extrema importância, começando igualmente a proliferar várias praças e jardins pela cidade.

O mapa que marca o início do segundo período morfológico, designado Fim do Período Monárquico e Período Ditatorial, encontra-se representado na Figura 2.3. Este é marcado pela expansão para norte e oeste da cidade, suportada principalmente por três avenidas principais: Boavista, Marechal Gomes da Costa e Antunes Guimarães (Figura 2.5). É igualmente marcado pela abertura da Rua da Constituição, eixo que estruturou a expansão este – oeste da cidade (Figura 2.5). O crescimento da cidade organizou-se assim ao longo destes eixos principais, apoiados por fachadas de novos edifícios que organizavam o tecido urbano envolvente (Oliveira e Pinho, 2006).

O sistema de transportes públicos teve um papel fundamental no arranjo espacial da cidade neste período, permitindo o crescimento das distâncias de deslocação entre os locais de residência e os de trabalho.

Por esta altura, o tecido urbano da cidade do Porto era igualmente marcado pela construção dos primeiros edifícios de habitação social, erguidos com o pressuposto de acabar com as chamadas ilhas, que proliferaram pela cidade no período morfológico anterior. Estes edifícios inicialmente tinham

apenas dois pisos, começando a crescer em altura nas décadas de cinquenta e sessenta, segundo o modelo modernista que imperava na altura (Oliveira e Pinho, 2006).

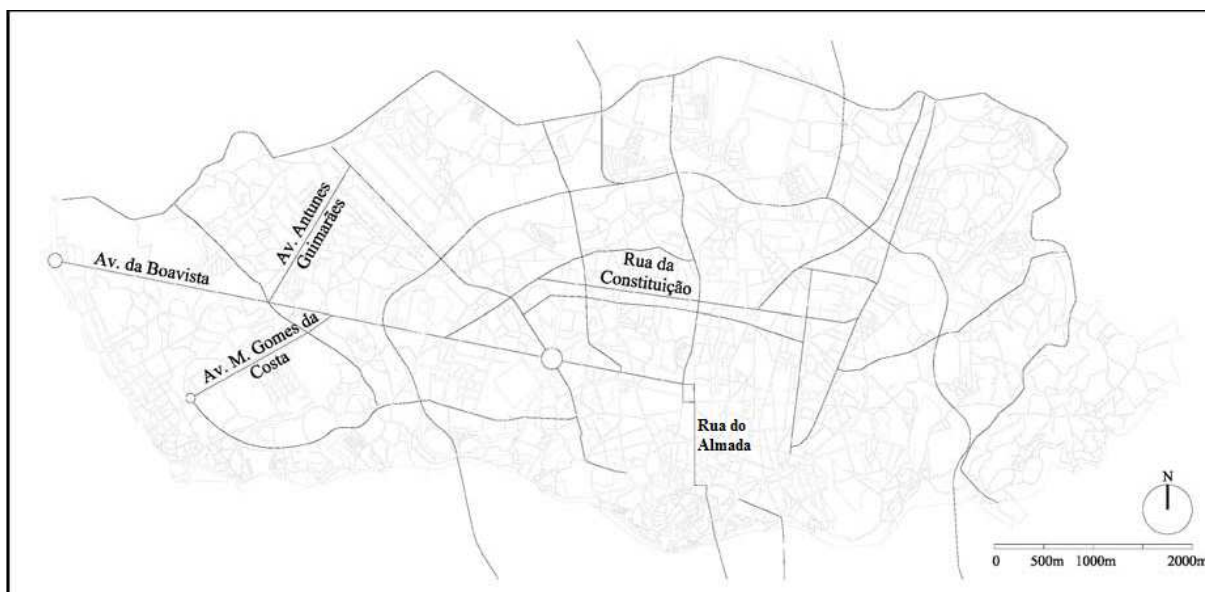


Figura 2.5 – Eixos estruturantes da cidade do Porto (Oliveira e Pinho, 2006)

O mapa que marca o início do terceiro período morfológico, designado por Período Democrático, encontra-se representado na Figura 2.4. Este é marcado pela construção de uma pesada infraestrutura rodoviária que veio, de algum modo, cortar o tradicional tecido urbano da cidade. Estas novas vias de circulação constituíram uma mudança radical nas políticas de mobilidade e na estruturação e organização do tecido urbano da cidade.

Este período morfológico é igualmente marcado pela conceção de novos equipamentos públicos tendo a cidade acolhido ainda dois pólos universitários, um novo museu de arte contemporânea e o maior parque urbano da zona oeste junto à frente de água oceânica (Oliveira e Pinho, 2006).

O fim deste período estabelece o início do desenvolvimento de um novo conceito de frente de água, indo mais além na conceptualização da ideia de espaço público.

Com o intuito de procurar de alguma forma a validação dos resultados obtidos na análise morfológica, Oliveira e Pinho prosseguiram com a aplicação da sintaxe espacial à cidade do Porto. Os resultados da aplicação desta análise acabaram por vir reforçar as conclusões anteriormente expostas, revelando ainda outros aspetos que não foram perceptíveis na análise morfológica (Oliveira *et al.*, 2010).

De facto, a análise sintática mostrou uma clara ligação entre a integração global e local (propriedade que mede o grau de acessibilidade de um espaço em relação a todos os outros (Serra, 2011)) e os três períodos morfológicos encontrados. Tal como se encontra exposto nos Quadros 2.2 e 2.3, foi possível perceber que os três períodos apresentam valores perfeitamente distintos de integração local e global.

Quadro 2.2 – Integração local e períodos morfológicos (Oliveira *et al.*, 2010)

Integração Local	Mapas	Períodos Morfológicos
1,55-1,60	1892, 1903	2º
1,60-1,65	1932	
1,65-1,70	1937, 1948, 1960	
1,70-1,75	1813, 1824, 1833, 1839, 1865	1º
	1978, 1992, 1997, 2005	3º

Quadro 2.3 – Integração global e períodos morfológicos (Oliveira *et al.*, 2010)

Integração Global	Mapas	Períodos Morfológicos
0,5-0,6	1892, 1903	2º
0,6-0,7	1932, 1937, 1948, 1960	
0,7-0,8	1978, 1992, 1997, 2005	3º
0,8-0,9	1813, 1824, 1833, 1865	1º
0,9-1,0	1839	

Relativamente aos eixos estruturantes do desenvolvimento da cidade, emergentes da análise morfológica, a análise sintática revela a importância das ruas já mencionadas e representadas na Figura 2.5. Além desses eixos, outros se revelaram igualmente importantes: Calçada dos Clérigos, Rua de Santo António, Rua de Santa Catarina e Rua Fernandes Tomás (Oliveira *et al.*, 2010).

A investigação de Oliveira e Pinho prosseguiu levando a cabo uma revisão crítica das políticas mais influentes na cidade, desde a segunda metade do século XIX. Para isso reuniram e estudaram um conjunto de oito planos estratégicos, listados no Quadro 2.4.

Quadro 2.4 – Listagem dos planos municipais estudados (Oliveira e Pinho, 2008)

Data	Designação	Autor/ Origem Institucional
1881	Plano de Melhoramento da Cidade do Porto	Correia de Barros
1932	Prólogo ao Plano da Cidade do Porto	Ezequiel de Campos
1938/1940	Plano Geral de Urbanização	Marcello Piacentini
1940/1943	Plano Geral de Urbanização	Giovanni Muzio
1947/1954	Plano Regulador do Porto	Almerida Garrett
1960/1962	Plano Diretor da Cidade do Porto	Robert Auzelle
1978/1987	Plano Diretor Municipal	Duarte Castel Branco
2000/2004	Plano Diretor Municipal	Departamento Municipal de Planeamento

Um dos principais objetivos deste estudo era procurar perceber as principais metas estratégicas propostas nestes planos e quais as que mais influência tiveram no desenvolvimento da cidade (Oliveira e Pinho, 2008).

Este estudo permitiu perceber que, de facto, estes planos refletem profundas mudanças que ocorreram ao longo do período histórico coberto pelo estudo. Permitiu igualmente demonstrar que as formas

urbanas dominantes na cidade do Porto têm sido muito mais influenciadas pelas relações entre iniciativas privadas e pelo desenvolvimento de mecanismos de controlo a curto prazo, que por estratégias desenhadas a longo prazo e contempladas nos documentos de planeamento. De facto, a única exceção a esta situação parece ser a contemplada no Plano Regulador do Porto, preparado no início dos anos cinquenta (Oliveira e Pinho, 2008).

O último dos três artigos publicados pelos autores no âmbito desta investigação teve como principal objetivo apresentar e avaliar criticamente o quadro metodológico que serviu de base ao trabalho apresentado, explorando o potencial do sistema de informação geográfica (SIG) no estudo da cartografia urbana histórica (Pinho e Oliveira, 2009).

Tal como já foi explicado anteriormente, a metodologia utilizada neste trabalho de investigação baseou-se no SIG que *“encoraja e permite uma representação espacial rigorosa ao nível das características do fenómeno urbano”* (Pinho e Oliveira, 2009) (tradução livre).

De acordo com os autores, uma metodologia baseada no SIG permite obter:

- Um cenário dinâmico de representação da evolução da forma urbana, permanentemente disponível para adições/ alterações, permitindo articulação com outra informação morfológica;
- Uma visão global e simultânea da evolução da forma urbana de uma cidade ao longo de um alargado período de tempo;
- Uma rigorosa representação identificação e caracterização de zonas de expansão urbana;
- Uma análise sistemática de processos de desenvolvimento urbano inexplorados;
- Uma possibilidade de tipificar o tecido urbano, aproveitando uma ferramenta cartográfica rigorosa e versátil.

As principais dificuldades metodológicas apontadas pelos autores consistiram na falta de representação adequada em mapas antigos das zonas periféricas, períodos de tempo muito longos entre dois mapas consecutivos e ainda na necessidade de trabalhar com mapas com diferentes níveis de rigor e informação, o que tornou o este exercício bastante moroso (Pinho e Oliveira, 2009).

Em suma, esta última publicação permitiu demonstrar que *“o estudo da forma urbana certamente beneficia com a inclusão de novas ferramentas metodológicas tais como o redesenho cartográfico suportado pela plataforma SIG”* (Pinho e Oliveira, 2009) (tradução livre).

2.2. O ESPAÇO PÚBLICO

“Inicialmente, a noção de espaço público estava associada ao local onde se realizavam as reuniões à volta da fogueira e se comiam os animais que se caçavam em conjunto, numa estreita relação entre o Homem e a Natureza.” (Barbosa, 2011). Mas de facto, a noção de espaço público tem vindo a experimentar grandes transformações desde esta primeira referência e se, inicialmente, esta era caracterizada por uma estreita relação entre o Homem e a Natureza, nos dias de hoje, estes espaços ganharam novas perspetivas e significados (Barbosa, 2011).

Por este motivo, o estudo do desenvolvimento do conceito de espaço público ao longo do tempo, bem como daquilo que caracterizam estes espaços urbanos atualmente, tem vindo a despertar interesse na comunidade científica.

Veja-se, por exemplo, Krier (1979). Segundo o autor, *“algo que deve ser claramente definido é aquilo que entendemos por espaço público e em que sentido este está incluído na estrutura urbana.”* (Krier, 1979) (tradução livre). Krier, preocupado com a erosão do espaço público no planeamento do século XX, leva a cabo uma classificação exaustiva da morfologia dos espaços urbanos.

Mas não foi o único. De facto, o debate sobre o que se entende por espaço urbano e quais as suas componentes é vasto e muitos têm sido os autores a propor definições e a reunir um conjunto de variáveis capazes de o caracterizar.

Pereira (1982), tal como já foi anteriormente referido, divide o espaço público em espaços de circulação (esquema viário e de circulação de peões) e espaços de permanência e encontro. Quando aos primeiros, segundo o autor, estes são caracterizados segundo a morfologia do terreno, tipo e forma da rede de circulação, tipo de circulação de peões e sistema hierárquico. Já os segundos deverão ser analisados de acordo com a ocupação do solo envolvente, valores e funções de permanência, características de implantação, clareza e intencionalidade da definição formal, escala, presença ou não de espaços verdes, tipo de pavimentos, mobiliário urbano e arranjo paisagístico.

A nível internacional, examinando a estrutura formal dos espaços públicos, salientam-se os trabalhos desenvolvidos por Pierre von Meiss, Allan Jacobs, Spiro Kostof e Edmund Bacon (Ferreira *et al.*, 2011).

Meiss (2003), interessado na perceção de ordem no espaço urbano, define um conjunto de elementos que influenciam determinantemente esta compreensão do espaço: repetição e similaridade, proximidade, orientação, alinhamentos, gradientes, contraste, hierarquia, simetria e balanço. O autor define ainda diferentes modos de agregação do espaço: linear, centralizado, em malha e agrupado.

Jacobs (1993), na sua obra “*Great Streets*”, tenta encontrar os ingredientes para um bom espaço urbano, restringindo a sua análise aos espaços de circulação. A autora define como boas qualidades:

- Capacidade de andar a vários passos (correr, caminhar, passear);
- Boa relação com as condições climáticas locais (vento, sombra, exposição solar);
- Clara definição morfológica;
- Diversidade de elementos de interesse (anúncios publicitários, montras, movimento das pessoas, jardins dos edifícios, ...)
- Marcação clara do seu início e fim;
- Limites transparentes (capacidade de ver para além dos limites);
- Estrutura à volta da sequência espacial (narrativa).

Kostof (1999), numa das suas obras, define um conjunto de novos pontos que, no seu ponto de vista, definem a constituição da cidade e do espaço urbano. Na sua obra, o autor explora ainda o espaço urbano como um “repositório de significado cultural”, evidenciando a influência da contribuição cultural no desenho do espaço público das cidades (Kostof, 1999).

“*Design of Cities*” de Edmund Bacon, publicado pela primeira vez em 1967, contempla um conjunto de representações gráficas que faz com que, ainda hoje, esta obra seja considerada uma das mais expressivas análises do espaço urbano (Ferreira *et al.*, 2011).

Larkham (2005), em *Understanding Urban Form*, fala na possibilidade de se caracterizar o espaço público de acordo com o seu tamanho, escala, proporções relativas, variedade de elementos, proporções entre a área dos edifícios e o espaço público e materiais utilizados.

Relativamente a autores nacionais, de destacar neste âmbito o trabalho desenvolvido por Ferreira *et al.* (2011) e por Barbosa (2011), ambos tendo como pano de fundo a cidade do Porto.

Ferreira *et al.* (2011) elaboram um possível quadro de análise da forma de espaços públicos, aplicando-o ao caso de estudo da cidade do Porto. As variáveis propostas pelos autores encontram-se expostas na Figura 2.6.

Relativamente ao trabalho desenvolvido por Barbosa (2001), a autora analisou várias praças da cidade do Porto, sendo que, na verdade a autora inclui nesta designação de “praça” outros espaços públicos da cidade tais como avenidas, largos, jardins ou mesmo esplanadas e pracetas. O quadro de análise proposto pela autora baseia-se em três parâmetros fundamentais: a história, a função e a forma. A listagem das variáveis propostas pela autora encontra-se disposta na Figura 2.7.

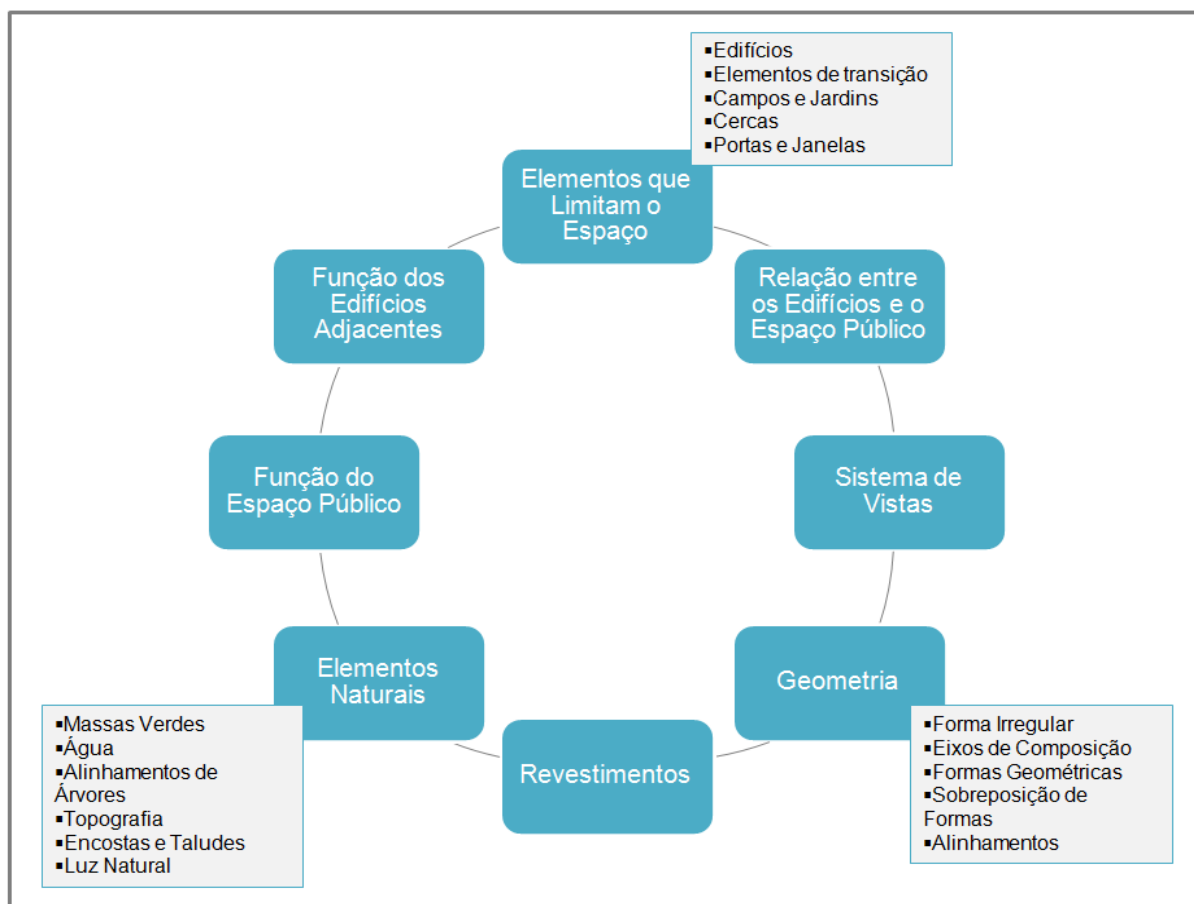


Figura 2.6 – Quadro de análise de espaços públicos proposto por Ferreira *et al.* (2011)

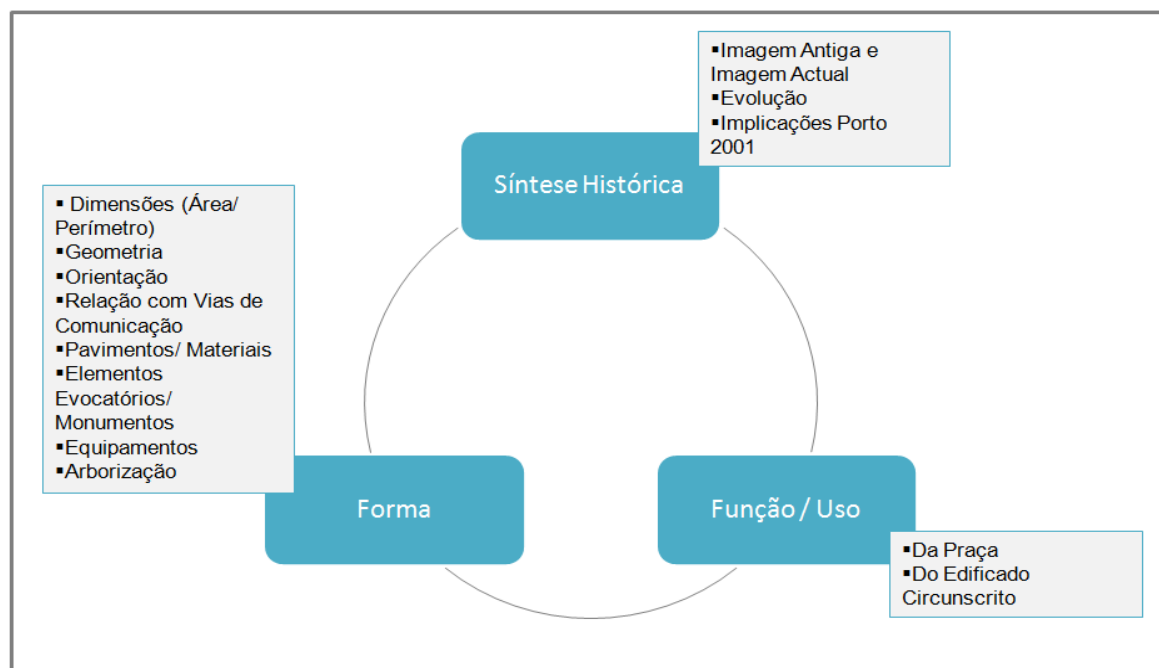


Figura 2.7 – Quadro de análise de espaços públicos proposto por Barbosa (2011)

2.2.1. O FUNCIONAMENTO DOS ESPAÇOS E A VIVÊNCIA URBANA⁵

Quando se analisa um espaço público, além de uma análise e levantamento cuidadosos e detalhados das suas componentes históricas, morfológicas, paisagísticas e funcionais, importa igualmente estudar o seu efetivo funcionamento, “ (...) descobrindo quem o percorre ou nele permanece, quando, porquê e de que modo, que atividades acolhe no dia-a-dia, que função empresta à cidade e de que modo se relaciona com a vivência dos espaços urbanos envolventes” (Silva et al., 2011).

Usualmente, um indivíduo, quando questionado sobre um espaço público onde gosta de estar, adjetivos tais como “seguro”, “divertido” ou “acolhedor” tendem a surgir repetidamente. Este tipo de adjetivos descreve qualidades intangíveis, isto é, aspetos qualitativos de um espaço de natureza tendencialmente subjetiva. No entanto, é precisamente este tipo de aspetos que permitem o estudo do funcionamento e da vivência urbana dos espaços públicos de uma cidade.

Reconhecendo limitações e dificuldades a diversas tentativas de medir quantitativamente estas características intangíveis, o grupo de investigação Project of Public Spaces (2000) analisou mais de mil espaços públicos em todo o mundo, tendo encontrado quatro características-chave para o sucesso destes espaços: sociabilidade, usos e atividades, acessos e ligações e conforto e imagem (Figura 2.8).

⁵ Salvo indicação contrária, a redação deste ponto teve por base a obra de Project for Public Spaces, Inc. (2000)

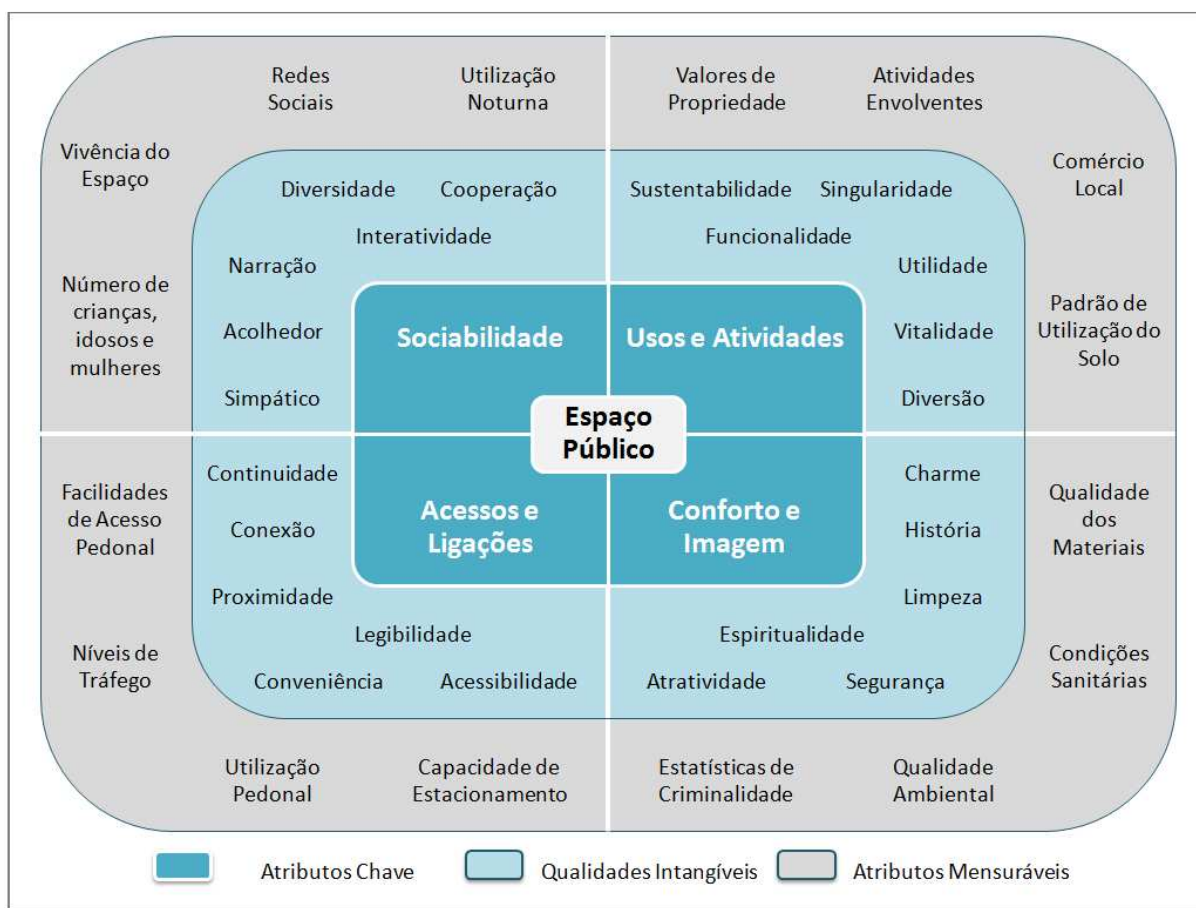


Figura 2.8 – Quadro de características-chave proposto por Projecto of Public Spaces, Inc. (2000)

No que diz respeito à sociabilidade, quando os indivíduos se reúnem e se sentem confortáveis, nomeadamente interagindo com estranhos, estes tendem a sentir um forte sentido de espaço. Posto isto, esta característica constitui uma difícil mas inequívoca qualidade de um espaço público.

Quanto aos usos e atividades, estes são os pilares básicos de qualquer espaço público. Constituem a razão primária que leva um indivíduo a dirigir-se ao espaço e, igualmente, que o leva a regressar. Quando os usos e atividades de um espaço público escasseiam, o seu sucesso está, naturalmente, comprometido.

Um espaço público bem sucedido é igualmente aquele ao qual é fácil aceder, encontrando-se perfeitamente legível e onde os indivíduos circulam com facilidade. A legibilidade de um espaço é, por conseguinte, uma qualidade fundamental que está fortemente relacionada com a sua envolvente, por exemplo, a existência de paredes cegas na envolvente do espaço condiciona determinadamente a sua legibilidade e permeabilidade.

O funcionamento dos espaços públicos é igualmente condicionado pelo conforto e imagem. De facto, a perceção de segurança, limpeza, a escala dos edifícios envolventes e o próprio encanto do espaço são características fundamentais no momento de escolher um espaço público onde ir. O simples facto de possuir locais confortáveis para sentar pode determinar o sucesso ou insucesso de um espaço.

Importa ainda acrescentar que a forma e o desenho dos espaços públicos são igualmente determinantes para o seu sucesso uma vez que se relacionam diretamente com as quatro qualidades-chave anteriormente referidas. A forma constitui o suporte do funcionamento dos espaços.

Segundo os autores de *How to Turn a Place Around*, a chave para o estudo do funcionamento dos espaços públicos e das suas quatro qualidades-chave é a observação. De facto, “quando se observa um espaço público é possível compreender como na realidade este é utilizado; a sua observação permite quantificar algo que, de outro modo, constituiriam apenas intuições ou opiniões” (Project for Public Spaces, Inc., 2000) (tradução livre).

Quando se observa um espaço público, aspetos tais como a proporção de pessoas em grupo, o número de mulheres, idosos e crianças, as atividades desenvolvidas ou mesmo simples demonstrações de afeto devem ser tidos em consideração.

Posto isto, Project of Public Spaces, Inc. (2000) refere cinco possíveis técnicas de observação que poderão ser levadas a cabo conjuntamente ou separadamente, no sentido de avaliar o funcionamento de espaços públicos: mapas de comportamento, contagens, monitorização, medição de rastros e questionários e entrevistas.

O mapa de comportamento (Figura 2.9) constitui uma técnica de observação que permite estudar as atividades desenvolvidas pelos indivíduos, numa dada área, num período de tempo limitado. É uma técnica bastante valiosa que consiste no registo dos grupos de pessoas, da dimensão desses grupos, do sexo desses indivíduos e das atividades que se encontram a desenvolver.

BEHAVIOR MAPPING - DATA COLLECTION FORM
 Location: CENTRAL PARK Observer: CEC
 Date: 10/9/00
 Time: 11:30 AM

ACTIVITIES:

Group #	Sex	Age	Size	RELAX.	PUBLIC LEAF	TOOL BAG	WALK/STROLL	SOCIALIZE	BEHAVE/BEH	WALK/STROLL	NOTES
1	Male	0-6	1								
2	Female	7-18	1								
3	Male	19-34	1								
4	Female	35-50	1								
5	Male	51-65	1								
6	Female	+65	1								
7	Male	0-6	1								
8	Female	7-18	1								
9	Male	19-34	1								
10	Female	35-50	1								
11	Male	51-65	1								
12	Female	+65	1								
13	Male	0-6	1								
14	Female	7-18	1								
15	Male	19-34	1								
16	Female	35-50	1								
17	Male	51-65	1								
18	Female	+65	1								
19	Male	0-6	1								
20	Female	7-18	1								
21	Male	19-34	1								
22	Female	35-50	1								
23	Male	51-65	1								
24	Female	+65	1								
25	Male	0-6	1								
26	Female	7-18	1								
27	Male	19-34	1								
28	Female	35-50	1								
29	Male	51-65	1								
30	Female	+65	1								
31	Male	0-6	1								
32	Female	7-18	1								
33	Male	19-34	1								
34	Female	35-50	1								
35	Male	51-65	1								
36	Female	+65	1								
37	Male	0-6	1								
38	Female	7-18	1								
39	Male	19-34	1								
40	Female	35-50	1								
41	Male	51-65	1								
42	Female	+65	1								
43	Male	0-6	1								
44	Female	7-18	1								
45	Male	19-34	1								
46	Female	35-50	1								
47	Male	51-65	1								
48	Female	+65	1								
49	Male	0-6	1								
50	Female	7-18	1								
51	Male	19-34	1								
52	Female	35-50	1								
53	Male	51-65	1								
54	Female	+65	1								
55	Male	0-6	1								
56	Female	7-18	1								
57	Male	19-34	1								
58	Female	35-50	1								
59	Male	51-65	1								
60	Female	+65	1								
61	Male	0-6	1								
62	Female	7-18	1								
63	Male	19-34	1								
64	Female	35-50	1								
65	Male	51-65	1								
66	Female	+65	1								
67	Male	0-6	1								
68	Female	7-18	1								
69	Male	19-34	1								
70	Female	35-50	1								
71	Male	51-65	1								
72	Female	+65	1								
73	Male	0-6	1								
74	Female	7-18	1								
75	Male	19-34	1								
76	Female	35-50	1								
77	Male	51-65	1								
78	Female	+65	1								
79	Male	0-6	1								
80	Female	7-18	1								
81	Male	19-34	1								
82	Female	35-50	1								
83	Male	51-65	1								
84	Female	+65	1								
85	Male	0-6	1								
86	Female	7-18	1								
87	Male	19-34	1								
88	Female	35-50	1								
89	Male	51-65	1								
90	Female	+65	1								
91	Male	0-6	1								
92	Female	7-18	1								
93	Male	19-34	1								
94	Female	35-50	1								
95	Male	51-65	1								
96	Female	+65	1								
97	Male	0-6	1								
98	Female	7-18	1								
99	Male	19-34	1								
100	Female	35-50	1								
101	Male	51-65	1								
102	Female	+65	1								
103	Male	0-6	1								
104	Female	7-18	1								
105	Male	19-34	1								
106	Female	35-50	1								
107	Male	51-65	1								
108	Female	+65	1								
109	Male	0-6	1								
110	Female	7-18	1								
111	Male	19-34	1								
112	Female	35-50	1								
113	Male	51-65	1								
114	Female	+65	1								
115	Male	0-6	1								
116	Female	7-18	1								
117	Male	19-34	1								
118	Female	35-50	1								
119	Male	51-65	1								
120	Female	+65	1								
121	Male	0-6	1								
122	Female	7-18	1								
123	Male	19-34	1								
124	Female	35-50	1								
125	Male	51-65	1								
126	Female	+65	1								
127	Male	0-6	1								
128	Female	7-18	1								
129	Male	19-34	1								
130	Female	35-50	1								
131	Male	51-65	1								
132	Female	+65	1								
133	Male	0-6	1								
134	Female	7-18	1								
135	Male	19-34	1								
136	Female	35-50	1								
137	Male	51-65	1								
138	Female	+65	1								
139	Male	0-6	1								
140	Female	7-18	1								
141	Male	19-34	1								
142	Female	35-50	1								
143	Male	51-65	1								
144	Female	+65	1								
145	Male	0-6	1								
146	Female	7-18	1								
147	Male	19-34	1								
148	Female	35-50	1								
149	Male	51-65	1								
150	Female	+65	1								
151	Male	0-6	1								
152	Female	7-18	1								
153	Male	19-34	1								
154	Female	35-50	1								
155	Male	51-65	1								
156	Female	+65	1								
157	Male	0-6	1								
158	Female	7-18	1								
159	Male	19-34	1								
160	Female	35-50	1								
161	Male	51-65	1								
162	Female	+65	1								
163	Male	0-6	1								
164	Female	7-18	1								
165	Male	19-34	1								
166	Female	35-50	1								
167	Male	51-65	1								
168	Female	+65	1								
169	Male	0-6	1								
170	Female	7-18	1								
171	Male	19-34	1								
172	Female	35-50	1								
173	Male	51-65	1								
174	Female	+65	1								
175	Male	0-6	1								
176	Female	7-18	1								
177	Male	19-34									

As contagens constituem um método que permite recolher informação quantitativa sobre os utilizadores de um espaço, num local específico, por um determinado período de tempo. Estas podem facilmente ser traduzidas em elementos gráficos que permitem uma rápida percepção inicial do funcionamento dos espaços (Figura 2.10).

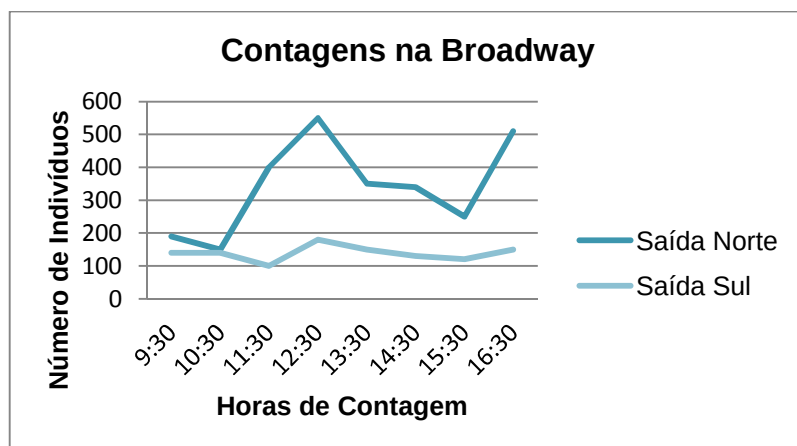


Figura 2.10 – Exemplo de um gráfico de contagens (Project of Public Spaces, Inc., 2000)

A monitorização é uma técnica simples na qual o observador segue os visitantes de um espaço público com o intuito de perceber as suas movimentações no seu interior. Através do registo num mapa do local público dessas movimentações é possível perceber quais os locais do espaço mais percorridos e utilizados.

À semelhança da monitorização, a medição de rastros permite, de certa forma, recriar o percurso dos visitantes de um espaço público bem como dos locais desse espaço mais utilizados. Tal pode ser feito, respetivamente, através do registo de evidências físicas (resíduos, por exemplo) ou dos caminhos erodidos.

Por último, os questionários e entrevistas têm a grande vantagem de permitirem medir atributos, percepções e motivações que não podem ser obtidos por nenhuma outra técnica de observação. Esta técnica, dependendo do tipo e quantidade de informação que se pretende obter, pode ser levada a cabo através de entrevistas informais, entrevistas guiadas (estruturadas) ou questionários diretos.

2.2.2. OS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DO PORTO⁶

“Os espaços públicos da cidade do Porto sofreram e sofrem mutações constantes que amplificam o seu sentido e significado de uso, função e forma.” (Barbosa, 2011) (Figura 2.11).

⁶ Salvo indicação contrária, a redação deste ponto teve por base o estudo desenvolvido por Barbosa (2011)



Figura 2.11 – Avenida dos Aliados no início do século XX (Alvão, 1993)

De acordo com a autora, os diversos espaços de uso público constituintes da cidade do Porto são reflexo da sua história e crescimento, estando naturalmente dependentes da morfologia do território, da sua implantação geográfica e das várias transformações que o Homem vai empreendendo. Poderá, por isso, dizer-se que os espaços urbanos que se encontram um pouco por toda a cidade caracterizam e clarificam o seu próprio crescimento, desenvolvimento e evolução.

Barbosa (2011) refere igualmente que os espaços públicos na cidade foram surgindo ao longo do tempo de formas diversas:

- De forma pontual em áreas já amplamente consolidadas, reflexo das transformações que vão acontecendo ao longo do tempo. São normalmente os espaços mais tradicionais da cidade tais como praças, largos e jardins.
- Espaços surgidos como resultado de grandes renovações, como consequência de grandes eventos ou motivações especiais.
- Espaços surgidos como resultado de uma intervenção de raiz, geralmente associados às áreas de expansão da cidade.

Através destes processos de formação foram surgindo múltiplos espaços públicos na cidade (Barbosa (2011) aponta cerca de 140), existindo um conjunto alargado de denominações que caracterizam estes espaços: alameda, avenida, cais, calçada, campo, esplanada, jardim, largo, praça, praceta, terreiro e viela.

Os primeiros espaços públicos da cidade surgiram na idade média no século XII. Nesta altura, o aumento das trocas comerciais e a intensificação do comércio marítimo levaram ao aparecimento dos primeiros espaços públicos de trocas comerciais, como é o caso da Praça da Ribeira (Figura 2.12). Os espaços abertos, tais como os largos, apareciam também junto às muralhas da cidade, associados às portas que permitiam fazer a entrada e saída da cidade, que correspondiam muitas vezes ao final de uma rua ou a adros de igrejas.



Figura 2.12 – Praça da Ribeira no início do século XIX (Alvão, 1993)

Por volta do século XVI, os ideais renascentistas começaram a ter reflexo na cidade do Porto através de um processo de renovação gradual dos espaços públicos então existentes, numa lógica em que estes constituíam “*lugares nobres por excelência na nova conceção do espaço urbano*” (Teixeira, 2001).

O primeiro espaço verde da cidade, a Alameda da Cordoaria (Figura 2.13) surgiu numa altura em que os espaços públicos existentes correspondiam, na sua maioria, a alargamentos de rua que serviam sobretudo para a realização de pequenas feiras.



Figura 2.13 – Alameda da Cordoaria no século XIX (Alvão, 1993)

Por esta altura, a cidade começou a ser objeto de transformações de fundo para a época em questão. Dessas transformações destacam-se os primeiros grandes “rasgamentos da cidade” como é o caso da rua de Santa Catarina (Figura 2.14) e da rua de S. Bento. Este período de prosperidade e riqueza, onde o Barroco começou a prosperar na cidade, refletiu-se igualmente nos espaços urbanos e edifícios. Foi também nesta altura que surgiu o projeto para mais uma ampla praça na cidade, semelhante à da

Ribeira, mas na zona de expansão da cidade, a na altura designada Praça Nova (atual Praça da Liberdade) (Figura 2.15).



Figura 2.14 – Rua de Santa Catarina no século XX (Alvão, 1993)



Figura 2.15 – Praça Nova, atual Praça da Liberdade, no século XX (Dias e Marques, 2002)

No século XVIII, iniciou-se uma “*espécie de consciencialização de que era necessária uma organização adequada dos espaços, através da sua clarificação e separação, entre aquilo que é de uso público e privado*” (Barbosa, 2011). Neste contexto foram pensadas uma série de ruas e foram criados novos largos e espaços públicos de permanência.

Entre 1779 e 1790 iniciou-se um novo processo importante de abertura de novas ruas estruturantes da cidade. Entre elas destacam-se a rua da Boavista e a marginal que permitiu a ligação da Praça da Ribeira à Foz.

Foi por volta de 1830 que se concretizaram importantes projetos anteriormente pensados. Neste caso, de destacar o prolongamento da Rua da Boavista, a abertura do Jardim de S. Lázaro e novas ligações junto ao rio Douro. Neste século, mais especificamente em 1868 é aberto um importante elemento da estruturação da cidade – a praça Mouzinho de Albuquerque (Figura 2.16).



Figura 2.16 – Praça Mouzinho de Albuquerque em 1905 (RF, 2010)

Já no século XX o planeamento da cidade e dos seus espaços públicos passou a incluir uma visão mais global, sendo este século particularmente rico em documentos de planeamento, tal como já foi visto anteriormente (Quadro 2.4).

Desde então, os espaços públicos foram-se desenvolvendo de acordo com as transformações da própria cidade, maioritariamente associadas ao poder central municipal. Foi já no âmbito da Porto 2001, ano em que a cidade foi capital europeia da cultura, que se deram lugar a profundas alterações, sobretudo na área mais central da cidade, que compreenderam desde renovações de infraestruturas até transformações da própria forma e imagem da cidade. Neste âmbito, de realçar igualmente a abertura do Metro do Porto que introduziu mudanças importantes na estrutura da cidade.

Não obstante estas últimas transformações de fundo referidas no âmbito da Porto 2001, a verdade é que estes projetos de maior folego e ambição escassearam na história urbana da cidade, marcada sobretudo, como se viu, pela abertura sucessiva e individualizada de ruas, algumas avenidas e espaços públicos que têm vindo a perder cada vez mais o estatuto e nobreza de outros tempos.

Estes espaços singulares da cidade têm características de bens públicos, no sentido económico do termo, razão pela qual, a menos que se criem mecanismos regulamentares ou incentivos económicos, a sua dotação tenderá cada vez mais a reduzir-se.

2.3. SÍNTESE

No decorrer deste capítulo abordou-se duas temáticas centrais: a forma urbana e os espaços públicos.

Relativamente à primeira temática, foi possível perceber a importância das perspetivas histórica e morfológica na compreensão do desenvolvimento urbano de uma cidade. Dos vários autores estudados, dá-se especial relevância ao trabalho desenvolvido por Oliveira e Pinho, uma vez que estabeleceu o ponto de partida para este trabalho ao ter sintetizado o desenvolvimento urbano da cidade do Porto em três períodos morfológicos distintos: o período monárquico, o fim do período monárquico e período ditatorial e, por fim, o período democrático.

No que diz respeito à temática dos espaços públicos, constatou-se que vários foram os autores que procuraram reunir um conjunto de variáveis capazes de os caracterizar, sendo recorrente a referência a aspetos físicos e à caracterização da envolvente. No entanto, para além do levantamento cuidadoso destes aspetos, ficou igualmente clara a importância da compreensão do funcionamento dos espaços públicos, destacando-se os mapas de comportamento como ferramenta bastante útil na observação e compreensão da vivência urbana destes espaços.

Assim, com base no estudo destas duas temáticas e partindo de uma primeira abordagem aos espaços públicos da cidade do Porto, realizados neste capítulo, importa agora, no capítulo seguinte, apresentar o desenho metodológico desta dissertação.

3

DESENVOLVIMENTO DA METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

3.1. OBJETIVOS OPERACIONAIS

Tal como foi introduzido no capítulo inicial da dissertação, estudando os espaços públicos da cidade do Porto, pretende-se dar resposta a duas questões centrais:

- A cada um dos três períodos morfológicos da cidade correspondem espaços públicos distintos, com características intrínsecas tendencialmente homogéneas?
- Existe uma relação entre a configuração inicial dos espaços públicos e o seu atual funcionamento e vivência urbana?

Reconhecendo a grande diversidade de espaços públicos da cidade e tendo em consideração os limites temporais de uma dissertação deste tipo, no sentido de dar resposta a estas duas questões, será fundamental a definição de uma amostra significativa de espaços públicos. Assim, partindo da definição de um conjunto de parâmetros que importará estudar, o presente capítulo será conduzido de forma a definir a amostra de espaços sobre a qual irá incidir o estudo empírico desses parâmetros.

3.2. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Pretende-se neste ponto apresentar a metodologia que irá ser seguida ao longo da dissertação com o intuito de dar resposta às duas questões centrais enunciadas no ponto anterior. Esta divide-se fundamentalmente em seis fases identificadas na Figura 3.1.

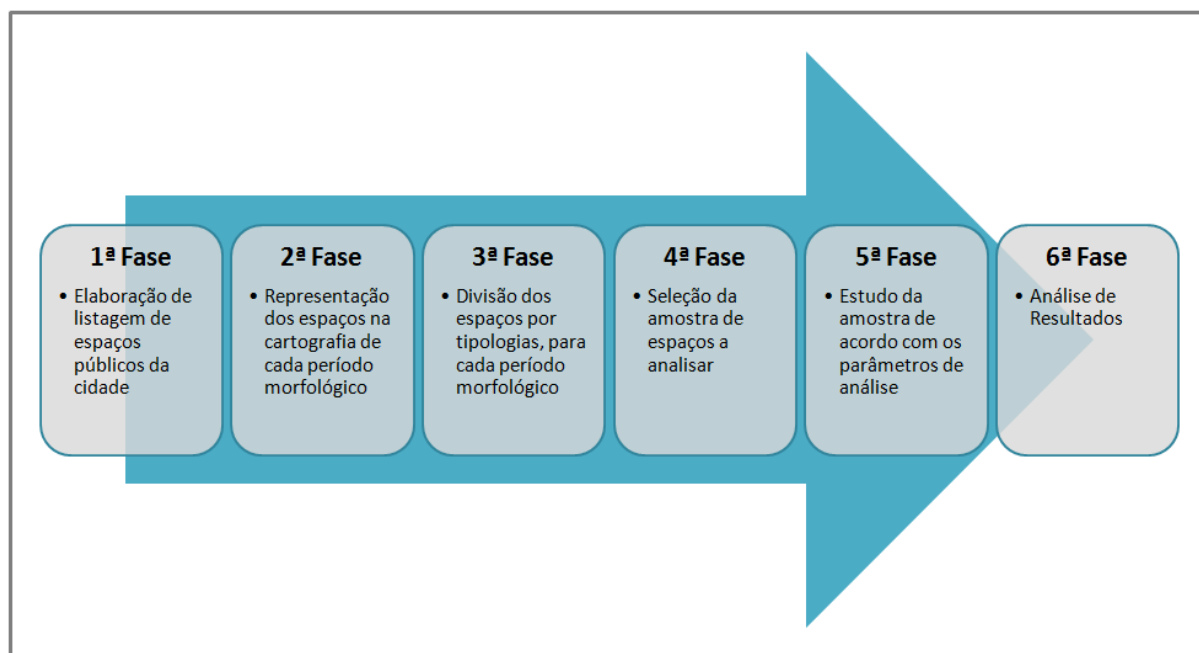


Figura 3.1 – Fases metodológicas

As primeiras quatro fases metodológicas constituem o caminho a seguir até à definição da amostra de espaços públicos a analisar. Assim sendo, estas serão desenvolvidas ao longo dos pontos seguintes deste capítulo, após a definição dos parâmetros a estudar.

A quinta fase, associada ao trabalho de campo de recolha de informação sobre os espaços constituintes da amostra, e a sexta fase, relativa ao tratamento e à análise dessa informação, serão abordadas no capítulo quatro.

3.3. DEFINIÇÃO DOS PARÂMETROS DE ANÁLISE

Tendo em consideração que os objetivos da presente dissertação subentendem a análise de espaços públicos da cidade do Porto e tendo sido estudados, no capítulo anterior, vários autores que desenvolveram estudos sobre espaços públicos, incidindo em diferentes componentes e empreendendo diferentes metodologias, importa agora definir os parâmetros de análise que serão utilizados no estudo da amostra de espaços públicos da cidade.

Posto isto, no estudo de espaços públicos que será posteriormente desenvolvido, particularmente no caso dos espaços de permanência, os parâmetros de análise a utilizar encontrar-se-ão divididos em sete categorias, identificadas na Figura 3.2.

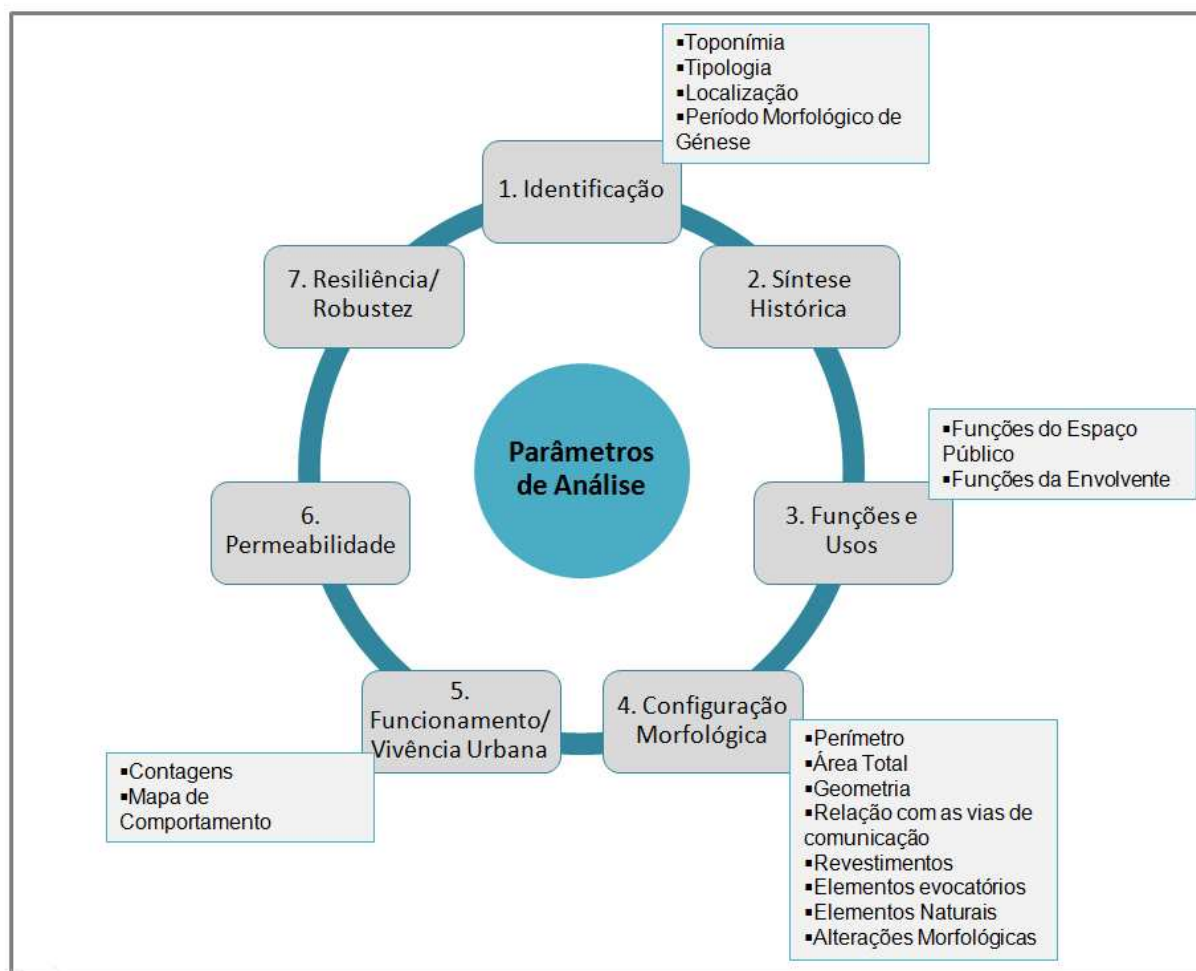


Figura 3.2 – Parâmetros de análise dos espaços públicos da cidade do Porto

A primeira categoria apresenta um caráter meramente identificativo. Nesta, para além do nome do espaço público e da sua localização, será necessário igualmente identificar a sua tipologia, isto é, se constitui uma avenida, um nó viário, um cruzamento, um largo, uma praça, um jardim ou um parque urbano. Neste primeiro ponto será ainda importante indicar o período morfológico de gênese do espaço público em causa.

Com a segunda categoria pretende-se levar a cabo uma breve análise histórica, dando uma ideia do que foi o espaço, da sua origem e como se foi transformando ao longo do tempo. Ambiciona-se sobretudo identificar as alterações mais significativas, associando-as ao seu respetivo período morfológico.

Na terceira categoria irá procurar-se identificar as principais funções do espaço público em si, bem como da envolvente, nomeadamente do edificado circundante. Igualmente, sempre que se justifique, será feita a distinção entre as funções originais e as funções atuais.

A quarta categoria de parâmetros tem como objetivo levar a cabo uma configuração morfológica tão completa quanto possível do espaço público em análise. Nesta serão identificados os parâmetros já mencionados na Figura 2.16. Em relação ao parâmetro “relação com as vias de comunicação”, importa clarificar que neste os espaços em análise serão identificados como centrais, periféricos, tangenciais ou como parte integrante da própria via.

Perceber o funcionamento dos espaços e o seu contributo para a vivência urbana da cidade do Porto é o objetivo da quinta categoria. Para isso irão ser efetuadas contagens, associadas a um mapa de comportamento para cada espaço público a estudar.

Com a sexta categoria pretende-se aferir a permeabilidade física e visual dos espaços públicos. Assim, importará dar resposta a três questões essenciais: o espaço é visível do exterior a uma distância razoável? O interior do espaço é visível do lado de fora? O acesso ao espaço público é fácil?

A resiliência e robustez são qualidades-chave para a sustentabilidade dos espaços públicos. Desta forma a informação recolhida nas categorias anteriores irá possibilitar aferir quanto à adaptabilidade, à capacidade de evolução ao longo do tempo e à polivalência dos espaços em análise.

3.4. ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE

Como foi perceptível no capítulo anterior, os espaços públicos da cidade do Porto são reflexo da sua história e desenvolvimento, sendo extremamente diversificados nas suas denominações, dimensões, funções, características morfológicas e paisagísticas. De facto, Barbosa (2011) afirma mesmo que, na cidade do Porto, “ (...) *existe uma diversidade de espaços quase tão grande quanto o seu número*” (Oliveira, 2011).

Posto isto, antes de se partir para o estudo em particular de alguns espaços públicos da cidade, importa fazer um reconhecimento do conjunto. Este inicia-se na primeira fase metodológica com a elaboração de uma listagem exaustiva dos espaços públicos da cidade do Porto.

A listagem apresentada (Quadro 3.1) baseia-se na elaborada por Barbosa (2011), a partir de uma base cartográfica da Câmara Municipal do Porto, onde estão identificados um total de 140 espaços (do 1 ao 140). Os restantes 12 espaços listados dizem respeito a jardins e parques urbanos que, não tendo sido objeto de estudo da autora mencionada, serão considerados na presente dissertação. Estes doze espaços foram listados a partir do sítio da Câmara Municipal do Porto, na página dedicada a espaços verdes e jardins.

Importa referir que se pretende com esta listagem abranger todos os espaços públicos da cidade, admitindo-se que haja outros que por desconhecimento ou esquecimento não tenham sido incluídos. Não obstante, tendo em conta a grande dimensão desta listagem e a natureza do estudo que se pretende, considera-se que estes eventuais lapsos não terão grande relevância.

Quadro 3.1 – Listagem de espaços públicos da cidade do Porto

Listagem de Espaços Públicos da Cidade do Porto			
1	Praça da Cidade do Salvador	52	Praça de Pedro Nunes
2	Praça Gonçalves Zarco	53	Largo do Priorado
3	Praça de Goa	54	Praça da Galiza
4	Esplanada do Molhe	55	Largo Mate. Júlio Diniz
5	Praça de Liége	56	Largo da Ramada Alta
6	Praça do Império	57	Largo da Lapa
7	Largo Cap. Pinheiro T. de Meireles	58	Praça da Republica
8	Jardim do Passeio Alegre	59	Praça Carlos Alberto
9	Largo da Igreja	60	Largo de Moinho de Vento
10	Jardim de Antero de Figueiredo	61	Praça Guilherme G. Fernandes
11	Largo do Rio da Bica	62	Praça Gomes Teixeira
12	Largo de Nevogilde	63	Jardim do Carregal
13	Praceta Professor Egas Moniz	64	Praça de Parada Leitão
14	Largo de D. João III	65	Largo do Prof. Oliveira Salazar
15	Largo de Diogo Gomes	66	Campo Mártires da Pátria
16	Largo de António Calém	67	Jardim João Chagas
17	Largo da Boa Morte	68	Largo do Olival
18	Largo do Pinheiro Manso	69	Largo da Alfândega
19	Largo Maestro Miguel Ângelo	70	Passeio das Virtudes
20	Largo da Costa Nova	71	Largo de S. João Novo
21	Largo de Mira	72	Praça Infante D. Henrique
22	Largo de Santa Catarina	73	Largo – Igreja de S. Francisco
23	Largo da Póvoa do Varzim	74	Largo do Terreiro
24	Praça de Alfrânio Peixoto	75	Praça da Ribeira
25	Praça dos Álamos	76	Cais da Estiva
26	Praceta Cidade da Praia	77	Largo de S. Domingos
27	Praça da Pedra Verde	78	Terreiro da Sé
28	Praça de D. Afonso V	79	Largo do Colégio
29	Praça de Augusto Gomes	80	Largo de Penaventosa
30	Largo de 3 de Fevereiro	81	Largo de D. Hugo
31	Largo de Serralves	82	Avenida dos Aliados
32	Praceta de Luis António Verney	83	Praça da Liberdade
33	Praceta de Ribeiro Sanches	84	Praça de Almeida Garret
34	Jardim de Pereiró	85	Praça D. Filipa de Lencastre
35	Alameda Prf. Ruy L. Gomes	86	Largo de Lóios
36	Largo Eng. António Almeida	87	Praça da Trindade
37	Praça Conde de Samodões	88	Praça do Coronel Pacheco
38	Praça Teixeira Lopes	89	Largo de Alberto Pimentel
39	Largo do Adro	90	Largo de Mompilher
40	Largo dos Cisnes	91	Largo dos Arcos da Ribeira
41	Praceta João Augusto Ribeiro	92	Largo de S. Dinis
42	Largo de António Ramalho	93	Largo do Viriato
43	Jardim – Rua da Venezuela	94	Praça do Exército Libertador
44	Largo Pinto Correia	95	Praça de Víctor Hugo
45	Jardim Machado Assis – Foco	96	Praça do Bom Sucesso
46	Praça das Violetas	97	Largo de Ferreira Lapa
47	Praça das Gardénias	98	Largo do Bom Sucesso
48	Praceta das Mimosas	99	Largo Alexandre Sá Pinto
49	Praça Nove de Abril	100	Jardim – Edif. Mota Galiza
50	Praça Mouzinho de Albuquerque	101	Calçada da Vandoma
51	Largo da Paz	102	Largo D. Pedro Vitorino
		103	Praça General Humberto Delgado
		104	Vieira do Anjo
		105	Praça de Lisboa
		106	Largo de S. Francisco
		107	Largo do Tito
		108	Jardim – Sá da Bandeira
		109	Praça D. João I
		110	Praça da Batalha
		111	Largo do Actor Dias
		112	Largo de 1º de Dezembro
		113	Praça dos Poveiros
		114	Jardim de Marques de Oliveira
		115	Largo do Padre Baltazar Guedes
		116	Campo 24 de Agosto
		117	Jardim da Moreda
		118	Alameda de Cláudio Carneiro
		119	Jardim de Guedes de Oliveira
		120	Praça da Rainha D. Amélia
		121	Praça Marquês de Pombal
		122	Praça de Francisco Sá Carneiro
		123	Jardim – Fernão Magalhães
		124	Largo do Godim
		125	Praça de Teixeira de Pascoais
		126	Largo de Soares dos Reis
		127	Praça da Alegria
		128	Alameda das Fontainhas
		129	Largo da Fontinha
		130	Largo de José Moreira da Silva
		131	Largo do Campo Lindo
		132	Praça do Campo Grande
		133	Jardim de Belém
		134	Praça da Corujeira
		135	Largo de Valverde
		136	Largo de S. Pedro
		137	Largo de Chaves de Oliveira
		138	Largo de Noeda
		139	Largo do Padre José de Oliveira
		140	Largo da Cruz
		141	Parque da Cidade
		142	Jardim das Virtudes
		143	Jardins do Palácio de Cristal
		144	Jardim da Pena
		145	Parque Urbano da Pasteleira
		146	Parque de S. Roque
		147	Parque de Nova Sintra
		148	Parque Oriental da Cidade
		149	Parque de Serralves
		150	Quinta da Bela-Vista
		151	Quinta de Bonjóia
		152	Quinta do Covelo

3.5. GÉNESE DOS ESPAÇOS PÚBLICOS E PERÍODOS MORFOLÓGICOS

O próximo passo metodológico consiste em perceber a que período morfológico corresponde a génese de cada um dos espaços públicos listados no ponto anterior. Para isso recorreu-se à cartografia disponível referida anteriormente no Quadro 2.1.

Tendo em conta a dimensão de espaços públicos a analisar, seria um trabalho muito moroso assinalar cada espaço público no mapa onde, pela primeira vez é representado. Isso implicaria trabalhar com os doze mapas simultaneamente. Assim sendo, optou-se por trabalhar apenas sobre o último mapa de cada período morfológico (Quadro 3.2).

Quadro 3.2 – Cartografia utilizada

Cartografia Utilizada			
Período Morfológico	Data	Designação	Autor/ Origem Institucional
Período Monárquico (1813-1865)	1865	Planta da Cidade do Porto	Frederico Perry Vidal
Fim do Período Monárquico e Período Ditatorial (1892-1960)	1960	Planta Topográfica da Cidade do Porto	STCMP
Período Democrático (1978-2003)	2003	Planta da Situação Existente	STCMP

Importa desde já referir que, embora se refira o período monárquico como estando compreendido entre 1813 e 1865, a verdade é que não existe um período morfológico anterior a este. Na verdade, indica-se que o período monárquico se inicia em 1813 apenas porque esta é a data do primeiro mapa que foi estudado, sendo que na verdade este período se estende anteriormente a este ano. Posto isto, os espaços públicos anteriores a 1813 são considerados igualmente como parte integrante do primeiro período morfológico, isto é, do período monárquico.

Nesta fase, eliminou-se desde logo alguns espaços públicos listados, nomeadamente largos, por não representarem interesse no âmbito do estudo que se pretende realizar devido às suas reduzidas dimensões ou devido às suas exclusivas funções de estacionamento. De facto, no levantamento dos espaços públicos da cidade, as maiores dúvidas surgiram precisamente naqueles que possuíam a designação de “largo”. Tais dúvidas estão associadas ao facto de, regra geral, *“estes serem espaços surgidos mais por casualidade ou por imposições cadastrais, do que por um planeamento prévio pensado”* (Barbosa, 2011).

Os espaços públicos que foram automaticamente eliminados da listagem inicial encontram-se registados no Quadro 3.3. De referir que estes não foram identificados na cartografia.

Quadro 3.3 – Espaços públicos eliminados da listagem inicial

Espaços Públicos Eliminados da Listagem	
11 Largo do Rio da Bica	68 Largo do Olival
12 Largo de Nevogilde	69 Largo da Alfândega
18 Largo do Pinheiro Manso	71 Largo de S. João Novo
20 Largo da Costa Nova	73 Largo – Igreja de S. Francisco
21 Largo de Mira	74 Largo do Terreiro
22 Largo de Santa Catarina	77 Largo de S. Domingos
29 Praça de Augusto Gomes	79 Largo do Colégio
32 Praceta de Luis António Verney	80 Largo de Penaventosa
34 Jardim de Pereiró	86 Largo de Lóios
35 Alameda Prf. Ruy L. Gomes	91 Largo dos Arcos da Ribeira
36 Largo Eng. António Almeida	93 Largo do Viriato
37 Praça Conde de Samodões	94 Praça do Exército Libertador
39 Largo do Adro	95 Praça de Victor Hugo
41 Praceta João Augusto Ribeiro	98 Largo do Bom Sucesso
42 Largo de António Ramalho	99 Largo Alexandre Sá Pinto
43 Jardim – Rua da Venezuela	102 Largo D. Pedro Vitorino
44 Largo Pinto Correia	104 Viela do Anjo
45 Jardim Machado Assis – Foco	106 Largo de S. Francisco
47 Praça das Gardénias	117 Jardim da Moreda
48 Praceta das Mimosas	124 Largo do Godim
55 Largo Mate. Júlio Diniz	125 Praça de Teixeira de Pascoais
57 Largo da Lapa	136 Largo de S. Pedro
60 Largo de Moinho de Vento	138 Largo de Noeda
64 Praça de Parada Leitão	139 Largo do Padre José de Oliveira
65 Largo do Prof. Oliveira Salazar	140 Largo da Cruz

Nas figuras 3.3, 3.4 e 3.5 encontram-se representados os espaços públicos com génese, respetivamente, no primeiro, segundo e terceiro período morfológico, sobre os mapas de 1865, 1960 e 2003. No Anexo I poderão ser encontradas estas mesmas representações com maior pormenor.

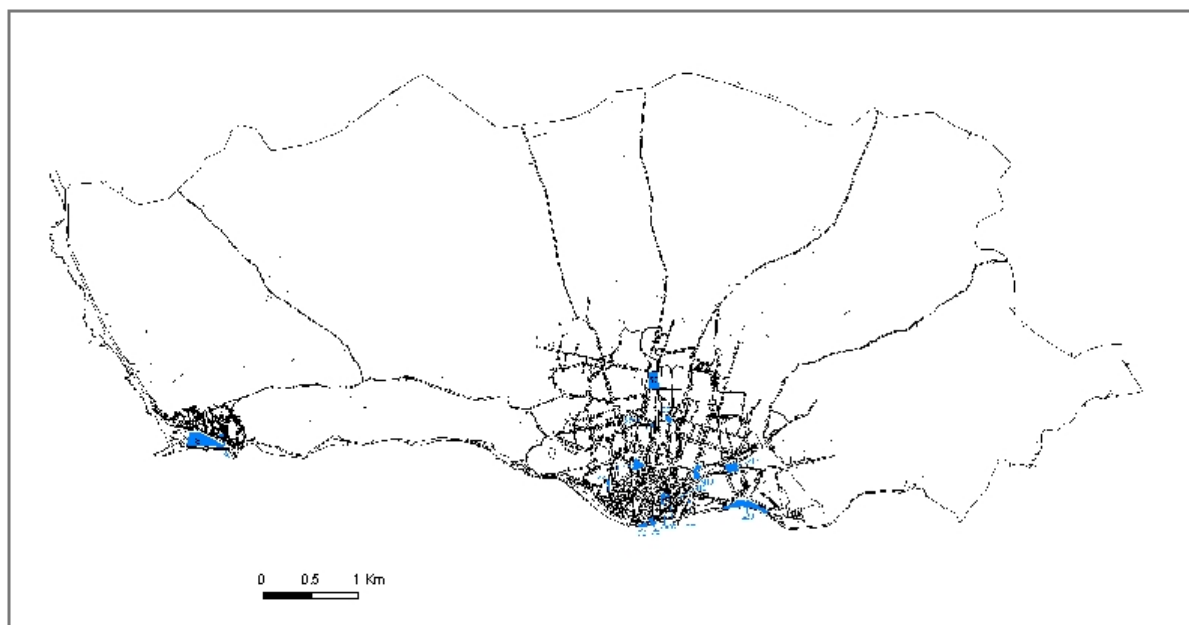


Figura 3.3 – Espaços públicos com génese no período monárquico

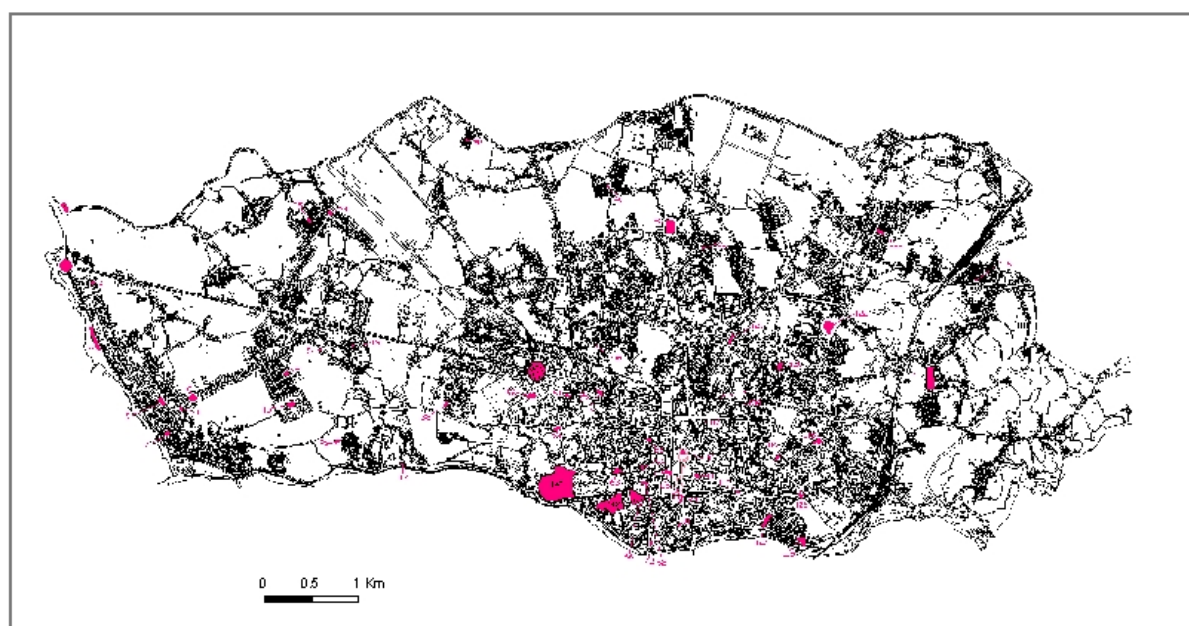


Figura 3.4 – Espaços públicos com génese no fim do período monárquico e período ditatorial

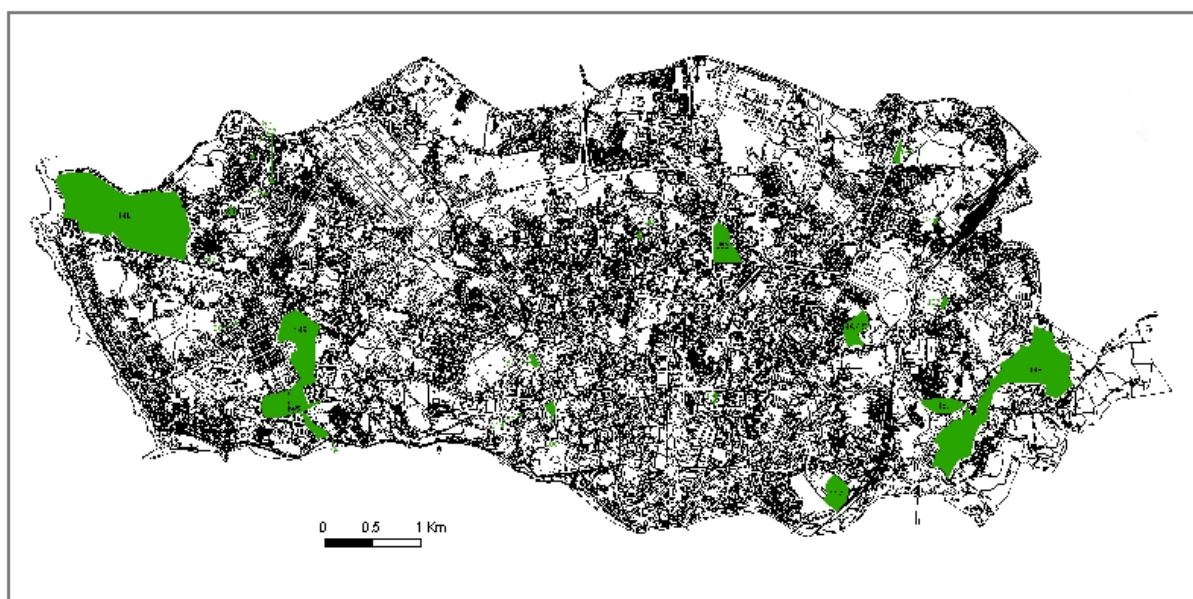


Figura 3.5 – Espaços públicos com génese no período democrático

Não obstante as figuras acima, devido à sua reduzida dimensão, não permitirem a visualização com clareza dos espaços públicos assinalados (e respetivos números identificativos), é possível ainda assim tecer algumas considerações desde já quanto à génese de espaços públicos nos três períodos morfológicos.

De facto, a génese dos espaços públicos acompanhou de certa forma o crescimento por camadas (*layers*) das restantes componentes morfológicas da cidade.

No período monárquico a maioria dos espaços estão ainda de certa forma associados aos limites da antiga muralha fernandina. Passada a importância militar, a partir da segunda metade do século XVIII, a muralha começou a ser progressivamente demolida dando lugar a novos arruamento, edifícios e, naturalmente, espaços públicos, nomeadamente praças, marcando o início da expansão, ainda que tímida e gradual, da cidade (Barbosa e Dias, 2006).

O segundo período morfológico é, incontestavelmente, o período mais rico em termos de génese de espaços públicos. De facto, no mapa de 1960 foram identificados mais 59 espaços públicos, contra os 16 identificados no período monárquico e os 23 nascidos no período democrático.

O segundo e terceiro períodos morfológicos traduzem igualmente uma procura de descentralização dos espaços públicos da cidade, refletindo-se no número significativo de espaços que foram surgindo em zonas mais periféricas da cidade.

Por fim, neste contexto, importa ainda neste contexto fazer referência àquela que foi a mais demarcada tipologia a proliferar na cidade no 3º e último período morfológico: os parques urbanos. De facto, visualizando a Figura 3.5 é possível perceber que, embora o número de espaços públicos a nascer neste período tenha sido francamente inferior ao período precedente, a verdade é que, em termos de área de novos espaços públicos, este último período é claramente mais expressivo.

Tal facto fica a dever-se ao nascimento de diversos parques urbanos, com principal destaque, naturalmente, para o Parque da Cidade (141)¹ e para o Parque Oriental da Cidade (148), à proliferação dos chamados “jardins de proximidade” na envolvente de habitações e de outras atividades urbanas, como é o caso dos jardins do edifício Mota Galiza (100) o do Jardim de Sá da Bandeira (108) e ainda aos espaços verdes tornados públicos neste período, que correspondiam a antigas quintas, como é o caso da Quinta do Covelo (152) ou do Parque de S. Roque (146).

3.6. AS TIPOLOGIAS DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE

Estando já os espaços públicos distribuídos pelos três períodos morfológicos de acordo com a sua génese, importa agora classificá-los quanto à sua tipologia.

Tendo em conta a grande diversidade de espaços públicos da cidade, já por diversas vezes mencionada, não é objetivo fundamental deste ponto estabelecer um padrão ou uma tipologia dominante para a cidade, sequer tão pouco para cada período morfológico, pois se esta tarefa parece, à partida, relativamente fácil para o terceiro período morfológico, tal como se viu no ponto anterior, o mesmo não se poderá dizer certamente para os dois primeiros períodos.

O que é fundamental nesta fase é, para cada período morfológico, dividir os espaços por tipologias, clarificando em muitos casos a sua própria designação. De facto, de acordo com Barbosa (2011), na cidade do Porto, muitas vezes, os nomes que se chamam a determinados espaços são completamente desadequados, “*existindo uma amálgama na atribuição de títulos aos diferentes espaços, ou mesmo espaços que acumulam significados de vários conceitos*” (Barbosa, 2011).

Assim, optou-se por dividir os espaços em sete tipologias:

- **Avenida/Calçada (A):** espaços públicos que são simultaneamente espaços de circulação e permanência, como é o caso a Avenida dos Aliados (82) ou do Passeio das Virtudes (70);
- **Nó Viário/Cruzamento (N):** espaços que funcionam quase exclusivamente como locais de interceção de vias de circulação, como é o caso da Praça da Cidade do Salvador (1) ou da Praça Gonçalves Zarco (2);
- **Largo (L):** espaços abertos na cidade, resultantes do estabelecimento de concordâncias, mais ou menos planeadas, entre espaços de circulação ou resultantes do próprio alargamento destas, como é o caso do Largo de Mompilher (90) ou da Praceta de Ribeiro Sanches (33). Em alguns casos, a designação de largo está igualmente associada a espaços que estabelecem uma espécie de ligação entre a função do edificado envolvente e a vivência urbana como é o caso do Largo da Igreja (9) ou do Largo do Colégio (79);
- **Praça (P):** espaços abertos da cidade, regra geral rodeados de edificado, possuindo claramente funções, formas e limites bem identificados, como é o caso da Praça da Batalha (110) ou da Praça da Liberdade (83); nesta categoria incluem-se igualmente as chamadas “praças – jardim”, que correspondem a jardins de grandes dimensões, que se encontram espalhadas um pouco por toda a cidade, geralmente designados por praças, como é o caso da Praça Mouzinho de Albuquerque (50), da Praça Nove de Abril (49) e da Praça do Marquês de Pombal (121);
- **Jardim (J):** espaços ajardinados ou arborizados da cidade que funcionam igualmente como espaços de permanência como é o caso do Jardim do Passeio Alegre (8) ou do Jardim das Virtudes (142);

¹ Daqui em diante, sempre que houver necessidade de mencionar um espaço listado, este virá acompanhado, dentro de parênteses, pelo seu número identificativo (Quadro 3.1), de modo a facilitar a sua identificação nos mapas do Anexo I.

- **Parque Urbano (PU):** amplos espaços não pavimentados no interior da malha urbana, onde a vegetação é abundante e, geralmente, bem equipados em termos de mobiliário urbano, podendo igualmente incluir campos de jogos e infantis, como é o caso do Parque da Cidade (141) ou do Parque Urbano da Pasteleira (145);
- **Frente de Água (F):** nesta tipologia incluem-se espaços que se desenvolvem ao longo da margem ribeirinha ou da costa marítima podendo ou não ser ajardinados como é o caso da Esplanada do Molhe (4) ou do Cais da Estiva (76).

O Quadro 3.4 apresenta os espaços públicos com génese no primeiro período morfológico bem como as suas respetivas tipologias.

Quadro 3.4 – Tipologias dos espaços públicos com génese no 1º período morfológico

1º Período Morfológico		
Nº	Toponímia	Tipologia
8	Jardim do Passeio Alegre	J/F
9	Largo da Igreja	L
58	Praça da Republica	P
70	Calçada/ Passeio das Virtudes	A
75	Praça da Ribeira	P
76	Cais da Estiva	F
78	Terreiro da Sé	L
81	Largo de D. Hugo	L
87	Praça da Trindade	P
89	Largo de Alberto Pimentel	L
90	Largo de Mompilher	L
105	Praça de Lisboa	P
110	Praça da Batalha	P
111	Largo do Actor Dias	L
112	Largo de 1º de Dezembro	L
114	Jardim de Marques de Oliveira	J

Neste primeiro período morfológico verifica-se a existência de um significativo número de largos, alguns destes com uma origem mais natural, resultantes da forma do próprio terreno, como é o caso do Largo de Mompilher (90), outros mais associados a espaços religiosos sendo o Largo da Igreja (9) e o Terreiro da Sé (78) exemplos.

Interessante notar que neste período, as praças estavam fortemente associadas aos principais poderes da cidade como é o caso da Praça da República (58), reflexo do poder militar, da Praça da Trindade (87), associada ao poder religioso e da Praça da Ribeira (75), local de convívio e trocas comerciais mais frequentada pelo povo e pela burguesia, relacionada portanto com o poder civil.

Este período reflete igualmente a relação da cidade com o rio e com o mar, tendo nascido espaços públicos nas frentes de água tais como o Jardim do Passeio Alegre (8) e o Cais da Estiva (76).

No Quadro 3.5 são apresentadas as tipologias dos espaços públicos com génese no segundo período morfológico.

Quadro 3.5 – Tipologias dos espaços públicos com génese no 2º período morfológico

2º Período Morfológico					
Nº	Toponímia	Tipologia	Nº	Toponímia	Tipologia
1	Praça da Cidade do Salvador	N	67	Jardim João Chagas	J
2	Praça Gonçalves Zarco	N	72	Praça Infante D. Henrique	P
3	Praça de Goa	N	82	Avenida dos Aliados	A
4	Esplanada do Molhe	F	83	Praça da Liberdade	P
5	Praça de Liége	P	84	Praça de Almeida Garret	P
6	Praça do Império	P	85	Praça D. Filipa de Lencastre	P
7	Largo Capitão Pinheiro Torres de Meireles	L	88	Praça do Coronel Pacheco	P
10	Jardim de Antero Figueiredo	L	96	Praça do Bom Sucesso	P
14	Largo de D. João III	L	101	Calçada da Vandoma	L
15	Largo de Diogo Gomes	L	103	Praça General Humberto Delgado	P
17	Largo da Boa Morte	L	107	Largo do Tito	L
19	Largo Maestro Miguel Ângelo	L	109	Praça D. João I	P
23	Largo da Póvoa do Varzim	L	113	Praça dos Poveiros	P
24	Praça de Alfrânio Peixoto	P	115	Largo do Padre Baltazar Guedes	L
25	Praça dos Álamos	P	116	Campo 24 de Agosto	P
31	Largo de Serralves	L	118	Alameda de Cláudio Carneiro	A
38	Praça Teixeira Lopes	P	120	Praça da Rainha D. Amélia	P
40	Largo dos Cisnes	L	121	Praça Marquês de Pombal	P
46	Praça das Violetas	L	122	Praça de Francisco Sá Carneiro	P
49	Praça Nove de Abril	P	126	Largo de Soares dos Reis	L
50	Praça Mouzinho de Albuquerque	P	127	Praça da Alegria	P
51	Largo da Paz	L	128	Alameda das Fontainhas	A
52	Praça de Pedro Nunes	P	129	Largo da Fontinha	L
53	Largo do Priorado	L	130	Largo de José Moreira da Silva	L
54	Praça da Galiza	P	131	Largo do Campo Lindo	L
56	Largo da Ramada Alta	L	132	Praça do Campo Grande	P
59	Praça Carlos Alberto	P	134	Praça da Corujeira	P
61	Praça Guilherme G. Fernandes	P	135	Largo de Valverde	L
62	Praça Gomes Teixeira	P	142	Jardim das Virtudes	J
63	Jardim do Carregal	J	143	Jardins do Palácio de Cristal	J
66	Campo Mártires da Pátria	J			

Tal como foi dito anteriormente, o segundo período morfológico é o mais rico em termos de génese de espaços públicos na cidade, estando este facto associado ao grande crescimento que a cidade experimentou nesses anos. Como consequência, os espaços foram surgindo um pouco por toda a cidade, com especial concentração na cidade histórica e nos espaços imediatamente exteriores à malha, apresentando tipologias bastante diversificadas. Parecem, no entanto, ligeiramente mais controlados e pensados do que os do período anterior.

Os Largos foram proliferando um pouco por toda a cidade, sendo que neste período, é de salientar os associados à função habitação. A configuração destes espaços está intrinsecamente associada ao tipo

de edificação habitacional onde se inserem. Assim, encontram-se largos mais associados ao núcleo histórico da cidade e, consequentemente, a habitações mais antigas, caso, por exemplo, do Largo da Fontinha (129) e outros mais associados a áreas de desenvolvimento e crescimento da cidade junto a zonas de habitação plurifamiliar ou unifamiliar, caso, por exemplo, do Largo de D. João III (14), no aglomerado habitacional da Marechal Gomes da Costa.

Outra tipologia a destacar é a correspondente às praças. De facto, dos 59 espaços identificados neste segundo período morfológico, 28 enquadram-se nesta tipologia, apresentando funções e configurações variadas. É de realçar que muitas delas não são típicas grandes praças pavimentadas, como é o caso da Praça da Liberdade (83), mas antes grandes jardins espalhados pela cidade caso, por exemplo, da Praça de Francisco Sá Carneiro (122) e da Praça da Corujeira (134).

Os jardins da Esplanada do Molhe (4) são o exemplo, para este período morfológico, da demarcada ligação da cidade com as suas frentes de água, já identificada no período morfológico precedente.

No Quadro 3.6 encontram-se listadas as tipologias associadas aos espaços públicos com génese no terceiro período morfológico.

Quadro 3.6 – Tipologias dos espaços públicos com génese no 3º período morfológico

Nº	Toponímia	Tipologia
13	Praceta Professor Egas Moniz	L
16	Largo de António Calém	L
26	Praceta Cidade da Praia	L
27	Praça da Pedra Verde	N
28	Praça de D. Afonso V	P
30	Largo de 3 de Fevereiro	L
33	Praceta de Ribeiro Sanches	L
92	Largo de D. Dinis	L
97	Largo de Ferreira Lapa	L
100	Jardim - Edif. Mota Galiza	J
108	Jardim - Sá da Bandeira	J
123	Jardim - Fernão Magalhães	J
137	Largo de Chaves de Oliveira	L
141	Parque da Cidade	PU
144	Jardim da Pena	J
145	Parque Urbano da Pasteleira	PU
146	Parque de S. Roque	PU
147	Parque de Nova Sintra	PU
148	Parque Oriental da Cidade	PU
149	Parque de Serralves	J
150	Quinta da Bela-Vista	PU
151	Quinta de Bonjóia	PU
152	Quinta do Covelo	PU

Tal como foi referido anteriormente, é de destacar neste período a grande área de espaço público associada à tipologia de Parque Urbano. Estes grandes espaços verdes que nasceram na cidade correspondem a uma clara tentativa de valorização ambiental e paisagística dos sistemas urbanos,

promovendo as vertentes de melhoria da qualidade de vida dos portuenses e da imagem da cidade (Câmara Municipal do Porto, 2006). Nesta tipologia, o grande *ex-libris* é o Parque da Cidade (141) que “*para a sua conceção e construção, bebeu do que melhor se fez nos principais parques do mundo, sendo hoje, também ele, um exemplo de estudo, debate e ensino*” (Câmara Municipal do Porto, 2006).

Neste período é igualmente de realçar os espaços públicos que surgiram quase como compensação das grandes massas construídas, acabando por possuir características muito rígidas devido ao facto de serem, na maior parte dos casos, projetados mais com o objetivo de valorização do imobiliário envolvente no imediato do que com o objetivo de valorização da cidade e dos seus espaços públicos. A título de exemplo refere-se a Praceta da Cidade da Praia (26), o Largo de 3 de Fevereiro (30) e os Jardins do Edifício Mota Galiza (100).

Assim, como se viu, não é possível estabelecer uma tipologia padrão para cada período morfológico uma vez que cada um deles apresenta espaços públicos com tipologias bastante diversificadas.

3.7. SELEÇÃO DA AMOSTRA DE ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE

Como já havia sido referido, o elevado número de espaços públicos da cidade e as limitações temporais do presente trabalho incorrem na necessidade de limitar o estudo a uma amostra que procure traduzir a diversidade de espaços públicos existentes, tendo em vista as questões a que se procura dar resposta (ponto 3.1).

Na seleção dessa amostra, dois aspetos fundamentais foram tidos em consideração. Por um lado, os três períodos morfológicos deveriam estar, o mais possível, igualmente representados. E por outro lado, tendo em conta que se pretende aferir a existência ou não de uma relação entre o funcionamento dos espaços públicos atualmente e a sua configuração inicial, a amostra deveria conter apenas espaços que não tenham experimentado alterações extremas a essa mesma configuração.

A propósito deste último aspeto, importa referir que, em maior ou menor medida, todos os espaços públicos da cidade apresentam marcas do tempo. Barbosa (2011), a este respeito, refere inclusivamente a existência de dois tipos de espaços: os que mantiveram os seus usos e funções originais com ou sem variações de forma, caso, por exemplo, da Praça da Liberdade (83) e aqueles com usos e funções claramente diferentes dos originais, preservando os seus limites físicos, caso, por exemplo, da Praça de Lisboa (105), antigo mercado do Anjo (Barbosa, 2011).

Voltando à seleção da amostra, para cada tipologia e para cada período morfológico, foram identificados pelo menos um exemplar, sendo que estes foram escolhidos tendo em atenção os dois aspetos referidos anteriormente e ainda tendo em conta a sua dimensão e importância para a cidade.

Naturalmente que a questão da importância para a cidade é, de certa forma, subjetiva não existindo resposta clara e efetiva para a questão “porquê este espaço e não o outro?”. Mas a verdade é que não se pretende proceder à definição de uma amostra com base em critérios estatísticos, mas antes, por sensibilidade, com base nos conhecimentos adquiridos sobre a cidade, ao longo da presente dissertação.

Importa referir que duas das tipologias não foram contabilizadas para a amostra: os nós viários e os largos. Os primeiros por não constituírem espaços de permanência e, como tal, não apresentarem interesse no âmbito deste estudo. Quanto aos segundos, a sua não inclusão é devida não só à sua, na maior parte dos casos, reduzida dimensão, mas sobretudo pelo facto de existir uma grande diversidade de largos, quanto à forma e função, mesmo dentro de cada período, não sendo por isso espetável

alcançar qualquer conclusão quanto a uma eventual homogeneidade de características para esta tipologia em cada período morfológico.

Posto isso, no Quadro 3.7 encontram-se identificados os espaços públicos escolhidos para constituir a amostra. No mapa representado na Figura 3.6 assinalam-se esses mesmos espaços, podendo este ser observado mais pormenorizadamente no Anexo II.

Quadro 3.7 – Amostra de Espaços Públicos a Estudar

Amostra de Espaços Públicos a Estudar		
	Nº	Toponímia
1º Período Morfológico	70	Calçada/ Passeio das Virtudes
	58	Praça da República
	75	Praça da Ribeira
	8	Jardim do Passeio Alegre
	114	Jardim de Marques de Oliveira
2º Período Morfológico	82	Avenida dos Aliados
	49	Praça Nove de Abril
	50	Praça Mouzinho de Albuquerque
	121	Praça do Marquês de Pombal
	122	Praça de Francisco Sá Carneiro
	4	Esplanada do Molhe
	142	Jardim das Virtudes
3º Período Morfológico	28	Praça de D. Afonso V
	100	Jardim - Edif. Mota Galiza
	144	Jardim da Pena
	145	Parque Urbano da Pasteleira
	146	Parque de São Roque

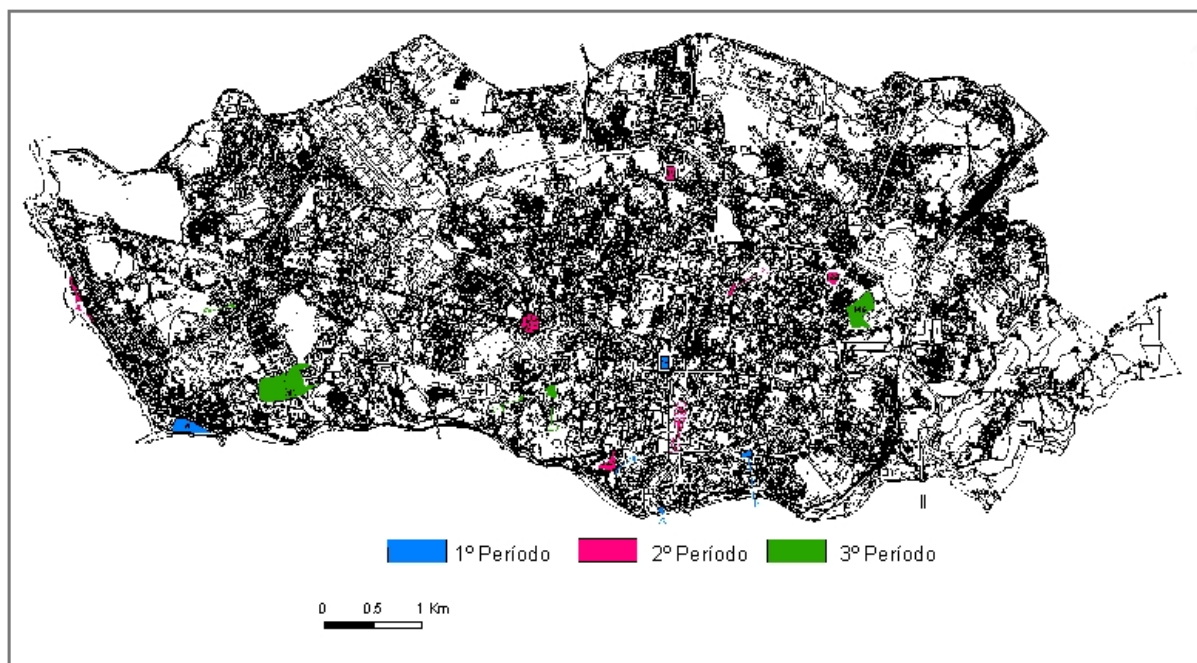


Figura 3.6 – Representação da Amostra de Espaços Públicos a Estudar no Mapa de 2003

3.8. SÍNTESE

Neste capítulo apresentou-se o desenho metodológico desta investigação, selecionou-se o conjunto de parâmetros que serão analisados nos espaços a estudar e desenvolveu-se as primeiras quatro fases metodológicas que levaram à definição da amostra.

Para a sua definição partiu-se de uma listagem inicial de 152 espaços públicos, tendo-se aplicado seguidamente um conjunto de critérios de seleção que implicaram, nomeadamente, a divisão destes espaços por período morfológico de génese e por tipologia.

Embora haja a consciência que se podiam ter selecionado um conjunto mais alargado de parâmetros, bem como, uma amostra que contemplasse mais casos de estudo, a verdade é que as limitações temporais deste trabalho não permitiram que assim se fizesse. No entanto, procurou-se a definição dos parâmetros e de uma amostra de espaços públicos suficientemente robusta que permitissem responder às questões centrais desta dissertação.

O estudo empírico dos espaços públicos constituintes da amostra será agora pormenorizadamente descrito no capítulo seguinte.

4

ESTUDO DA AMOSTRA DE ESPAÇOS PÚBLICOS

4.1. TRABALHO DE CAMPO E TRATAMENTO DE INFORMAÇÃO

Estando a amostra de espaços públicos devidamente definida (Quadro 3.7), importa agora, ao longo do presente capítulo, abordar os aspetos que se prendem com o estudo desses mesmos espaços. Esta abordagem corresponde à 5ª e 6ª fases metodológicas, ou seja, trabalho de campo de recolha de informação sobre os espaços constituintes da amostra e tratamento e análise dessa informação, respetivamente.

A informação recolhida para este estudo corresponde aos parâmetros de análise explicitados no ponto 3.3 do capítulo anterior. O Quadro 4.1 apresenta pormenorizadamente a informação a ser recolhida no sentido de dar resposta às sete categorias de parâmetros a estudar.

Nem todos os parâmetros têm resposta direta a partir da observação feita *in loco*. Efetivamente, alguns destes, tais como a síntese histórica, implicam igualmente um trabalho de pesquisa.

Tendo em conta os objetivos deste trabalho, não se justifica que a recolha de informação seja feita à mesma hora do dia para todos os espaços públicos a estudar. No entanto, será conveniente escolher horários que traduzam períodos do dia de afluência significativa a estes espaços, procurando simultaneamente evitar dias atípicos tais como fins-de-semana ou dias com condições meteorológicas adversas. Relativamente a este aspeto, importa acrescentar que os períodos de contagem e de preenchimento dos mapas de comportamento serão de meia hora, exceção feita aos parques urbanos que, devido à sua grande extensão, implicam uma recolha de informação mais demorada (uma hora).

É ainda de referir que a resposta ao sétimo parâmetro, resiliência e robustez, só poderá ser desenvolvida após uma análise cuidada dos parâmetros precedentes que permitirão tirar ilações acerca deste.

Quadro 4.1 – Parâmetros de análise – trabalho de campo¹

Parâmetros de Análise	
1. Identificação	N.º Identificativo
	Toponímia
	Tipologia
	Localização
	Período de formação
2. Evolução Histórica	(A aferir através de trabalho de pesquisa)
3. Usos e Funções	Da Envolvente
	Do Espaço Público
4. Configuração Morfológica	Perímetro
	Área
	Geometria
	Relação com vias de comunicação
	Revestimentos
	Elementos evocatórios /monumentos
	Elementos naturais
	Equipamentos
5. Funcionamento/ Vivência Urbana	Alterações à forma?
	Contagens
	Mapas de comportamento
6. Permeabilidade	Visível do exterior à distância?
	O interior perfeitamente visível do exterior?
	Acesso fácil?
7. Resiliência/ Robustez	(A aferir através da análise dos parâmetros anteriores)

A análise dos espaços públicos constituintes da amostra encontra-se organizada por períodos morfológicos, assim os espaços com génese no primeiro, segundo e terceiro períodos morfológicos serão estudados, respetivamente, nos pontos 4.2, 4.3 e 4.4.

4.2. ESPAÇOS PÚBLICOS COM GÉNESE NO 1º PERÍODO MORFOLÓGICO

4.2.1. CALÇADA/PASSEIO DAS VIRTUDES

4.2.1.1. Identificação

O Passeio das Virtudes (70) (Figura 4.1) encontra-se debruçado sobre a calçada com o mesmo nome. Localiza-se na zona antiga e consolidada da cidade, na freguesia de Miragaia (Figura 4.2) e constitui um miradouro privilegiado sobre esta freguesia, o rio Douro, o Palácio de Cristal e Vila Nova de Gaia. As primeiras referências sobre o local, naturalmente com outra configuração, remontam ao século XV, pertencendo portanto ao primeiro período morfológico.

¹ O trabalho de campo foi desenvolvido durante os dias 11, 14, 16 e 30 de Maio de 2012, tal como poderá ser constatado nos mapas de comportamento presentes no Anexo III.



Figura 4.1 – Calçada e Passeio das Virtudes



Figura 4.2 – Localização do Passeio das Virtudes (software Google Earth e mapa de 2003)

4.2.1.2. Evolução Histórica

De acordo com Barbosa e Dias (2006), segundo a tradição, o local onde hoje se situa o Passeio das Virtudes teria sido anteriormente designado por “Jazigo dos Judeus”, uma vez que teria sido o local onde a comunidade judaica teria o seu cemitério (o almocávar). Porém, após a expulsão da comunidade judaica de Portugal no século XVI, toda esta zona foi arranjada, passando mais tarde a área de lazer.

O paredão visível na Figura 4.1, terá sido mandado erguer em 1787, pelo então juiz da Alfândega e Inspetor da Marinha do Douro, Rodrigo António de Abreu e Lima, tendo no entanto ruído pouco tempo depois. Contudo, Francisco de Almada Mendonça, corredor e provedor da Câmara do Porto, ordenou a sua reconstrução tendo ficado concluída em 1799. Estas obras de reconstrução contemplaram ainda a construção de um passeio público e de uma grade a todo o comprimento, assente num parapeito de pedra, suportado por 14 arcos cegos, que permite a fruição da vista panorâmica sobre o rio e a cidade (Camara Municipal do Porto, 2006).

4.2.1.3. Usos e Funções

O Passeio das Virtudes enquanto espaço público desempenha a função de espaço de lazer, sendo a sua envolvente sobretudo caracterizada por edifícios de habitação, existindo igualmente pequeno comércio e restauração na envolvente. O espaço é limitado a norte pela Escola Artística e Profissional da Árvore, importante cooperativa cultural da cidade.

4.2.1.4. Configuração Morfológica

Com cerca de 300 metros de perímetro e mais de dois mil metros quadrados de área, o Passeio das Virtudes apresenta uma geometria irregular e uma relação tangencial à Rua do Passeio das Virtudes e à Calçada com o mesmo nome.

O Passeio é revestido por saibro e lajeado de granito, visível na Figura 4.3, enquanto que a calçada apresenta cubos graníticos.



Figura 4.3 – Passeio das Virtudes

Em termos de elementos evocatórios encontram-se neste espaço público duas esculturas e, do lado oposto, um conjunto de estátuas de Nicolau Nasoni do século XVIII. Ao longo deste espaço é possível encontrar arborização de grande porte e relvado, estando este espaço equipado com bancos e duas mesas de piquenique.

4.2.1.5. Funcionamento/ Vivência Urbana

Tal como já havia sido referido anteriormente, não existe um número ótimo de pessoas para um dado espaço público. A dotação de um espaço depende de variáveis tais como a área, a disponibilidade de equipamentos ou até mesmo o tipo de atividades que nele estão a ser desenvolvidas, pelo que a sua determinação é bastante subjetiva.

As contagens e o mapa de comportamento deste espaço (presente no Anexo III) revelaram a presença, durante o período de contagem, de 19 pessoas no espaço, sendo 18 indivíduos do sexo masculino. A Figura 4.4 apresenta, resumidamente, os resultados obtidos do mapa de comportamento.

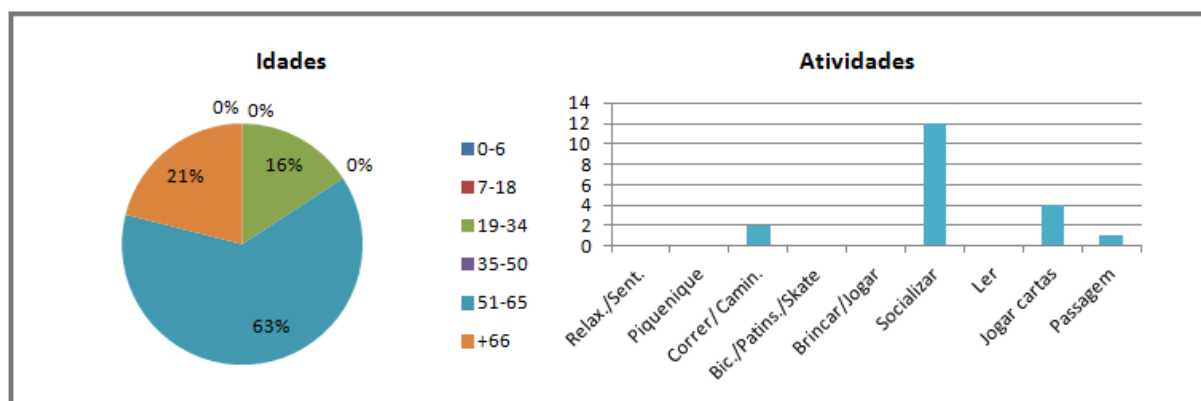


Figura 4.4 – Resultados do mapa de comportamento do Passeio das Virtudes

Importa realçar que, neste caso, a atividade socializar está diretamente associada à atividade jogar cartas. De facto, quatro indivíduos encontravam-se a jogar cartas e doze estavam à volta a acompanhar e comentar o jogo (Figura 4.5). Os restantes estavam de passagem ou a caminhar.



Figura 4.5 – Vivência urbana do Passeio das Virtudes

Tal como é possível visualizar, a maioria dos utilizadores do espaço apresentavam idades compreendidas entre os 51 e os 65 anos. A não presença de faixas etárias mais jovens poderá estar diretamente relacionada com as limitações do espaço, nomeadamente no que se refere à sua área que, na verdade, acaba de certa forma por impossibilitar o desenvolvimento de atividades tais como andar de bicicleta ou mesmo jogar à bola.

A Figura 4.6 representa a distribuição dos utilizadores pelo espaço estudado. De notar que os indivíduos meramente de passagem não foram representados.

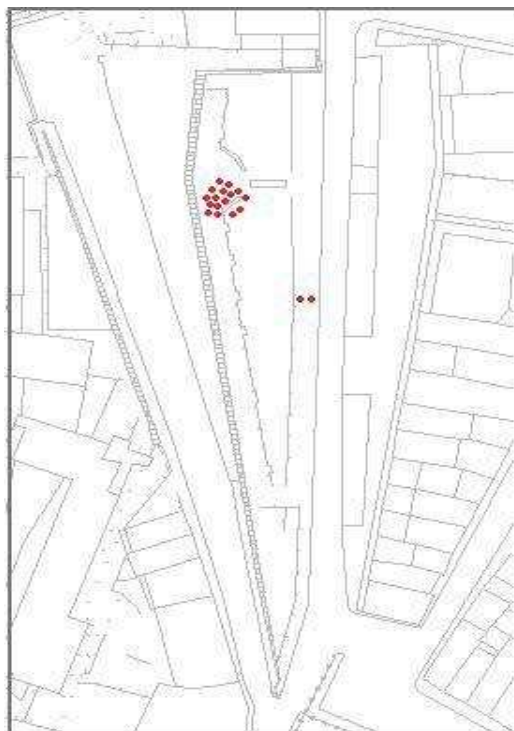


Figura 4.6 – Distribuição dos utilizadores no Passeio das Virtudes²

Em concordância com o indicado do mapa de comportamento, os utilizadores observados neste espaço dividia-se em dois grupos. O mais pequeno encontrava-se a caminhar junto à rua, o grande grupo estava em redor de uma mesa das duas mesas de piquenique que o espaço disponibiliza.

4.2.1.6. Permeabilidade

No que diz respeito à permeabilidade visual do espaço é possível constatar que este é perfeitamente visível à distância, em toda a sua extensão. O acesso físico é igualmente bastante fácil, estando numa rua com pouco trânsito onde, apesar da não existência de passeadeiras, o atravessamento da via poderá perfeitamente ser feito em segurança.

4.2.1.7. Resiliência e Robustez

Embora este espaço público não tenha experimentado alterações profundas, nomeadamente na sua forma, desde a sua transformação em espaço de lazer, a verdade é que mesmo tendo passado já vários séculos, o espaço continua a cumprir o seu papel de espaço de lazer, evidenciando uma muito razoável vivência urbana.

² Refira-se que, para todos os espaços analisados neste capítulo, os pontos vermelhos nos esquemas de distribuição representam os utilizadores que desenvolveram atividades nesses espaços. Em nenhum dos espaços foram representados os utilizadores meramente de passagem, exceção feita aos que se encontravam a correr/caminhar ou a andar de bicicleta, patins ou skate que foram representados no local onde foram observados no preciso momento de preenchimento do mapa de comportamento.

Pequenas alterações, nomeadamente na estética paisagística do espaço e na dotação de mobiliário urbano adequado, foram suficientes para que este espaço fosse capaz de evoluir com o tempo, continuando a cumprir com a sua função de espaço de lazer.

Mas é sobretudo a sua característica intrínseca mais importante, e que prevalece desde a sua génese, que mais contribui para o bom funcionamento desde espaço secular: a sua paisagem privilegiada sobre o rio e a cidade.

4.2.2. PRAÇA DA REPÚBLICA

4.2.2.1. Identificação

A Praça da República (58) (Figura 4.7) foi a primeira grande praça a ser construída na cidade do Porto, tendo sido aberta por volta da década de sessenta do século XVIII. Localiza-se na zona antiga da cidade, na freguesia de Cedofeita, constituindo o topo norte da Rua do Almada, o mais importante espaço de circulação do primeiro período morfológico (Figura 4.8).



Figura 4.7 – Praça da República



Figura 4.8 – Localização da Praça da República (software Google Earth e mapa de 2003)

4.2.2.2. Evolução Histórica³

O grande largo hoje ocupado pela Praça da República foi inicialmente denominado por Campo de Santo Ovídio, devendo esta designação à existência no local de uma capela com o mesmo nome (que passaria mais tarde a hospício de eremitas de Santo Agostinho), datada do século XVII.

A abertura da praça terá surgido por determinação de João Almada de Melo, no início da segunda metade do século XVIII, que pretendia que no final da Rua do Almada se abrisse uma grande praça para uso público.

Em 1784, a praça ganhou uma nova dimensão em consequência dos melhoramentos efetuados e do alargamento para Norte, até à rua da Boavista, que começara na altura a ser construída. Pouco depois, em 1797, é edificado o edifício do quartel militar, que delimita a praça a norte.

Além da denominação de Campo de Santo Ovídio, a praça adquiriu o nome de Campo da Regeneração, em 1835 e, finalmente, em 1910 adquiriu o atual nome de Praça da República.

O atual jardim de Teófilo de Braga, que se encontra no centro da praça, seria anteriormente de terreiro e campo de manobras do quartel, tendo servido de espaço de concentração a vários acontecimentos importantes da cidade.

4.2.2.3. Usos e Funções

A Praça da República enquanto espaço público desempenha a função de espaço de passagem e lazer, desenvolvendo-se nela atividades urbanas diversificadas, tal como será desenvolvido mais á frente no ponto dedicado à vivência urbana deste espaço.

A sua envolvente é fortemente marcada pelo quartel militar, destacando-se igualmente na edificação envolvente o Palacete das Águias, que terá sido residência do escritor José Cervaens, e o palacete da família Alves Machado, que ocupa atualmente o espaço do antigo Solar do Conde de Resende. Na envolvente é possível identificar ainda edifícios destinados à habitação, comércio e serviços.

4.2.2.4. Configuração Morfológica

A Praça da República apresenta uma área de 25076 metros quadrados e um perímetro de 644 metros. Tem uma geometria retangular e uma relação central com os espaços de circulação envolventes, afluindo a esta praça oito ruas, entre elas, a rua do Almada, a da Boavista, da Lapa e dos Mártires da Liberdade.

A praça encontra-se revestida por cubo e lajeado granítico, saibro e relva, apresentando arborização de grande, médio e pequeno porte com desenho geométrico, canteiros de flores e pequena vegetação. Está equipada com telefones, vários bancos e caixotes do lixo.

O jardim possui duas esculturas, um busto de Baco de Teixeira Lopes e o Rapto de Ganimedes de Fernandes Sá e ainda, a poente, encontra-se a estátua de Padre Américo do escultor Henrique Moreira.

³ A redação da evolução histórica da Praça da República teve por base o trabalho desenvolvido por Barbosa (2011)

4.2.2.5. Funcionamento/ Vivência Urbana

Durante o período de estudo desta praça foi possível contabilizar um total de 50 utilizadores, 40 do sexo masculino e 10 do feminino, com idades bastante heterogêneas e que se encontravam a desenvolver atividades diversificadas, tal como sugere a Figura 4.9. O mapa de funcionamento deste espaço encontra-se disponível no Anexo III.

Importa referir que não foram contabilizadas as pessoas que se encontravam apenas de passagem devido ao seu grande número e à dificuldade de contagem associada à grande dimensão da praça.

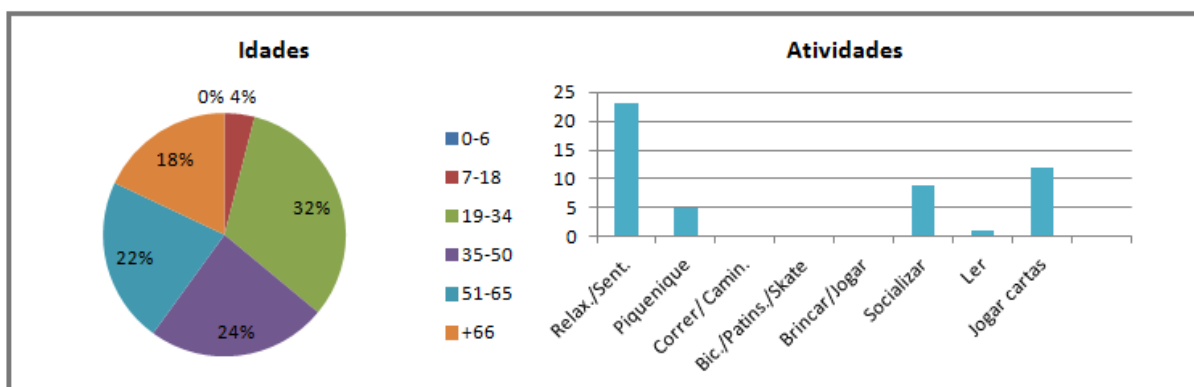


Figura 4.9 – Resultados do mapa de comportamento da Praça da República

Tal como os gráficos sugerem, a atividade mais observada foi o relaxar/sentar, para isso utilizavam não só os bancos disponíveis como também o próprio relvado, tal como é possível visualizar na Figura 4.10. Neste âmbito importa referir que a grande disponibilidade de sombra neste espaço poderá ter contribuído determinadamente para a escolha desta praça para descansar, tendo em conta o calor que se fazia sentir no dia em que foi realizado o estudo.



Figura 4.10 – Vivência urbana da Praça da República

Nesta praça foi também possível encontrar indivíduos a jogar cartas, a socializar e a fazer piquenique. Note-se que esta última atividade teve clara influência da hora em que se realizou o estudo. Quanto à

atividade jogar cartas, não existindo mesas, os utilizadores acabavam por improvisá-las através de placas de madeira que amarravam aos bancos.

A presença de um número considerável de indivíduos do sexo feminino, a grande heterogeneidade de idades e o tipo de atividades observadas são, efetivamente, bons indicadores da vivência urbana desta praça.

A Figura 4.11 apresenta um esquema com a distribuição dos utilizadores que se encontravam em permanência na praça.

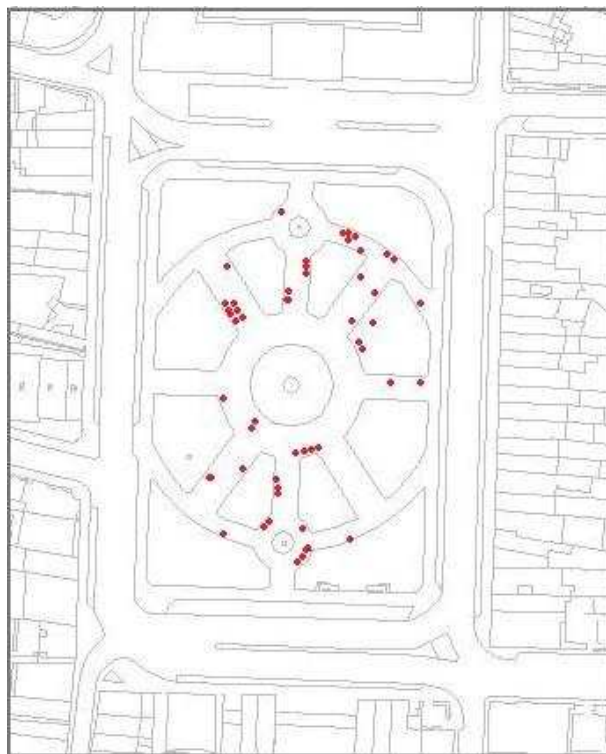


Figura 4.11 – Distribuição dos utilizadores na Praça da República

Tal como seria de prever, tendo em conta que a principal atividade observada foi o relaxar/sentar, a distribuição dos utilizadores está diretamente associada à distribuição dos bancos pela praça, havendo curiosamente uma maior ocupação da zona norte e sul do espaço. Esta distribuição poderá ser explicada pelo posicionamento das passadeiras de acesso ao espaço. Efetivamente, o maior número de passadeiras encontra-se nos lados norte e sul do espaço, existindo igualmente duas passadeiras nas laterais, uma na este e outra na oeste.

Refira-se igualmente que apesar de se ter observado pessoas que se encontravam sozinhas pela praça, estas acabaram por escolher locais para se sentar junto a outros já ocupados. A maioria dos utilizadores encontravam-se a desenvolver atividades em grupo, principalmente a jogar cartas.

4.2.2.6. Permeabilidade

Relativamente à permeabilidade, a Praça da República é perfeitamente visível á distância e a sua arborização não compromete a visualização do interior do espaço, pelo contrário, é uma clara mais-valia do local.

O acesso físico à praça é também bastante fácil, tal como sugere o grande número de pessoas de passagem e de utilizadores do espaço. Para isso contribui a existência de cinco passadeiras perfeitamente sinalizadas e bem distribuídas pelo perímetro da praça.

4.2.2.7. Resiliência e Robustez

Não tendo experimentado grandes alterações desde a sua transformação em praça, na segunda metade do século XVIII, a Praça da República é um bom exemplo de resiliência e robustez. Efetivamente, a sua dimensão e geometria conferem ao espaço grande versatilidade e adaptabilidade ao longo do tempo.

Tendo sido pensada desde início como espaço de uso público, a praça foi servindo ao longo do tempo de espaço de socialização e de concentração de vários acontecimentos da cidade, sendo hoje em dia um dos mais importantes espaços públicos da cidade.

4.2.3. PRAÇA DA RIBEIRA

4.2.3.1. Identificação

A Praça da Ribeira (75) (Figura 4.12) é um dos espaços públicos mais antigos da cidade, existindo referências anteriores a 1340. Localizada no centro histórico da cidade, na freguesia de São Nicolau (Figura 4.13), é nos dias de hoje um dos principais locais turísticos e de vivência noturna do Porto.



Figura 4.12 – Praça da Ribeira



Figura 4.13 – Localização da Praça da Ribeira (software Google Earth e mapa de 2003)

4.2.3.2. Evolução Histórica

Tal como foi referido no ponto 2.2.2, a Praça da Ribeira foi muito importante no desenvolvimento da cidade, tendo sido ao longo de vários anos o principal ponto de chegada e comercialização de mercadorias, estabelecendo-se a partir deste ponto ligações terrestres com outras terras. Foi o centro da atividade comercial da cidade até ser substituída, no início do século XIX, pela Praça Nova.

Por volta de 1470 ocorreu na praça um grande incêndio que destruiu parcialmente várias casas da sua envolvente, uma vez que estas, na altura, eram construídas em taipa (Barbosa, 2011).

Em 1776, João de Almada e Melo, na altura Presidente das Obras Públicas, foi um dos grandes impulsionadores das profundas alterações operadas na praça, com o intuito de lhe conferir um cariz mais monumental. O programa inicialmente pensado não foi totalmente cumprido, tendo as obras ficado concluídas em 1786 (Câmara Municipal do Porto, 2006).

4.2.3.3. Usos e Funções

A Praça da Ribeira é atualmente uma praça multiusos, sendo utilizada fundamentalmente como local de circulação, passagem e lazer. A sua beleza paisagística, associada a uma envolvente comercial e de restauração, faz da praça um destino obrigatório para os turistas da cidade.

Além das esplanadas e do comércio, é possível encontrar na envolvente da praça edifícios com a função de hotelaria, habitação e serviços públicos.

4.2.3.4. Configuração Morfológica

Apresentando uma geometria irregular, a Praça da Ribeira possui uma área de 1881 metros quadrados e um perímetro de cerca de 200 metros. Relativamente às vias de comunicação mais próximas apresenta uma localização periférica.

Os materiais usados para revestir a praça são o cubo granítico e o lajeado em pedra, não contemplando quaisquer elementos naturais para além do rio que marca, naturalmente, a paisagem envolvente.

Embora não apresente quaisquer equipamentos para além de caixotes do lixo, a praça encontra-se parcialmente ocupada por esplanadas, como é visível na Figura 4.12, o que proporciona uma grande disponibilidade de lugares sentados neste espaço.

A praça possui uma fonte, a Fonte da Praça da Ribeira, que consiste numa estrutura arquitetónica adossada á parede de uma das casas, apresentando uma altura equivalente a três andares. Esta fonte é visível na Figura 4.11. No local onde hoje se encontra a peça escultória de José Rodrigues, conhecida vulgarmente por “Cubo da Ribeira”, estaria anteriormente um chafariz do século XVII.

4.2.3.5. Funcionamento/ Vivência Urbana

A Praça da Ribeira foi um dos espaços mais difíceis de estudar sob o ponto de vista do preenchimento do mapa de comportamento e de contagens (disponíveis no Anexo III). Tal dificuldade deve-se ao grande número de pessoas, sobretudo turistas, que afluíram á praça durante o período de contagem. Efetivamente em menos de meia hora foi possível contabilizar 186 utilizadores na praça, sendo 95 do sexo masculino e 91 do sexo feminino.

A Figura 4.14 apresenta um resumo dos dados recolhidos do mapa de comportamento deste espaço.

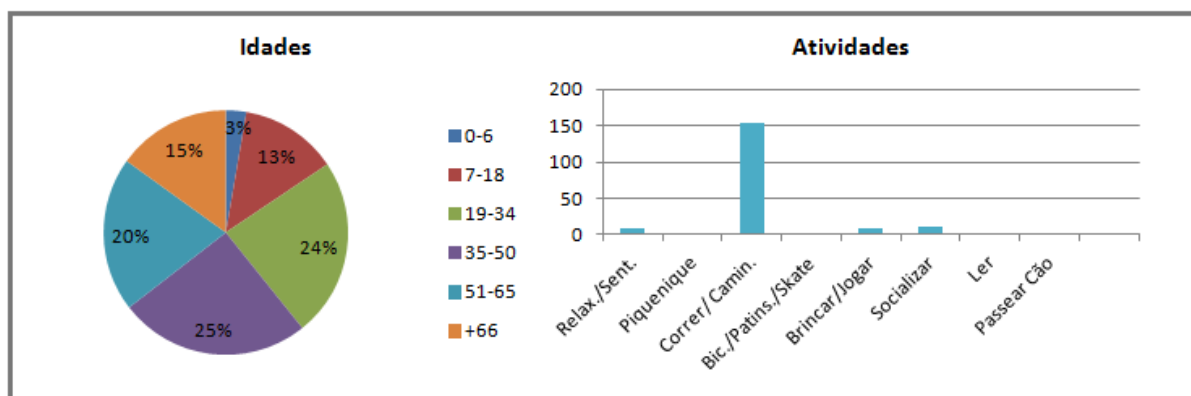


Figura 4.14 – Resultados do mapa de comportamento da Praça da Ribeira

Importa realçar que das 153 pessoas que se encontravam a caminhar pela praça, cerca de 80 eram turistas que continuavam o seu percurso pelo cais da ribeira, contíguo à praça.

Refira-se igualmente que no estudo efetuado não foram contabilizados os utilizadores que se encontravam sentados nas esplanadas, não só devido ao seu grande número, mas sobretudo porque se encontravam em permanente substituição, pelo que a contagem dificilmente seria capaz de traduzir a situação real.

A Figura 4.15 traduz claramente a intensa vivência urbana da praça, nomeadamente as atividades nela desenvolvidas e a heterogeneidade geracional que foi possível encontrar. A Figura 4.16 pretende dar uma ideia mais clara da distribuição das pessoas pela praça.



Figura 4.15 – Vivência urbana da Praça da Ribeira

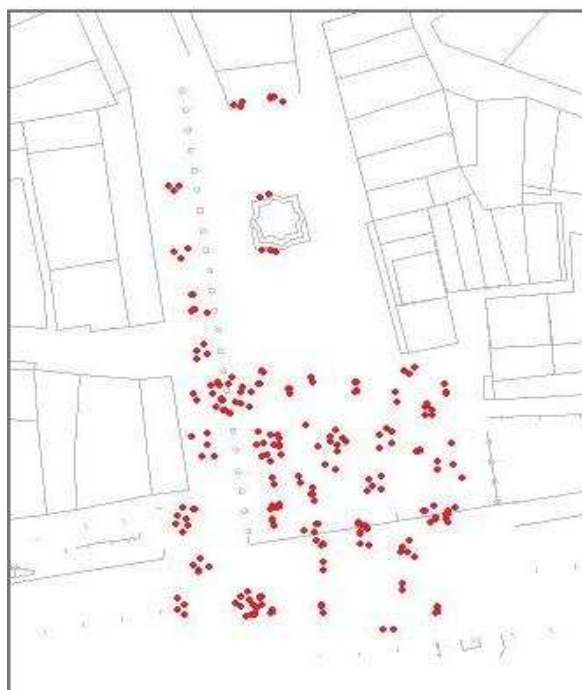


Figura 4.16 – Distribuição dos utilizadores na Praça da Ribeira

Note-se que, tal como seria de prever pelo número de utilizadores anteriormente indicado, grande parte da praça encontra-se densamente ocupada. De facto, o mesmo se observou na zona central, onde os utilizadores não foram contabilizados por se encontrarem nas esplanadas (não incluídas no mapa de comportamento pelas razões anteriormente referidas).

Esta ocupação praticamente homogénea de toda a praça está igualmente associada ao facto desta estar totalmente pavimentada sendo a sua área útil, isto é, a área efetivamente utilizável, de quase cem por cento da total.

4.2.3.6. Permeabilidade

Quanto á permeabilidade, este espaço é perfeitamente visível á distância, nomeadamente da outra margem do rio. Constitui um local aberto, de acesso físico e visual fácil, pelo que não existe sensação de insegurança neste espaço.

4.2.3.7. Resiliência e Robustez

A Praça da Ribeira é também um bom exemplo de capacidade de adaptabilidade e modificação ao longo do tempo, possuindo a resiliência e robustez que se pretende num espaço público. Tendo sido anteriormente o centro da atividade comercial da cidade, é hoje um espaço multifuncional e de lazer, que apresenta uma vivência urbana muito forte, particularmente estimulada pelo turismo local e pela bela paisagem associada.

O facto de ser um espaço aberto contribui para a sua polivalência e a sua localização junto ao rio faz com que esta praça tenha sido capaz de manter a sua importância para a cidade, outrora comercial e, hoje-em-dia, turística e de lazer.

4.2.4. JARDIM DO PASSEIO ALEGRE

4.2.4.1. Identificação

O Jardim do Passeio Alegre (8) (Figura 4.17), inaugurado nos finais do século XIX, localiza-se na freguesia da Foz do Douro na zona ocidental da cidade (Figura 4.18). Toda a zona do Passeio Alegre está classificada como Imóvel de Interesse Público, tendo o jardim e as suas imediações diversos monumentos e património classificado.



Figura 4.17 – Jardim do Passeio Alegre



Figura 4.18 – Localização do Jardim do Passeio Alegre (*software Google Earth* e mapa de 2003)

4.2.4.2. Evolução Histórica⁴

Embora o jardim tenha sido inaugurado no final do século XIX, existem referências a este local desde o século XIII. De facto, este local ocupa o espaço sobranante das obras de retificação da foz, que se iniciaram no reinado de D. Maria I.

Inicialmente este espaço terá sido chamado de Cantareira uma vez que seria o local onde se pisariam os cântaros, à espera de vez, para encher com água da fonte.

O desenho atual do jardim deve-se ao arquiteto paisagista Emílio David e terá começado a ser construído simultaneamente com o molhe norte. As primeiras árvores terão sido plantadas em 1870, mas o jardim só terá sido oficialmente concluído com a construção do coreto em 1892. Em 1906 é construída a fonte luminosa e os obeliscos, visíveis na Figura 4.17, trazidos da Quinta da Prelada em 1937.

4.2.4.3. Usos e Funções

O Jardim do Passeio Alegre, além da sua componente paisagística, é também um local de circulação, comercial, de lazer e que convida, simultaneamente, à prática desportiva.

Para além dos imóveis com interesse patrimonial, na envolvente do jardim é ainda possível encontrar edifícios com função residencial, comercial e de serviços públicos.

4.2.4.4. Configuração Morfológica

Apresentando uma geometria trapezoidal, central às vias de comunicação, o Jardim do Passeio Alegre tem 57792 metros quadrados de área e 1130 metros de perímetro.

Encontra-se revestido por lajeado em granito, relva e saibro e apresenta uma grande diversidade de elementos naturais: arborização de pequeno, médio e grande porte com desenho geométrico ou implantação arbitrária, canteiros de flores e pequena vegetação. O elemento água está presente não só na foz do rio, como também nas fontes existentes no jardim.

⁴ A redação da evolução histórica do Jardim do Passeio Alegre teve por base o trabalho desenvolvido por Barbosa (2011)

De facto, e tal como já foi referido anteriormente, este espaço apresenta vários monumentos de interesse: um lago, uma fonte, um chafariz, um coreto, dois obeliscos e um quiosque. Este espaço disponibiliza ainda bancos de jardim, wc, caixotes do lixo, um bar, minigolfe e um pequeno campo de basquetebol.

4.2.4.5. Funcionamento/ Vivência Urbana

O Jardim do Passeio Alegre, tal como foi referido no ponto 4.2.4.3, é um espaço bastante polivalente, com grande potencial enquanto espaço de lazer, relaxe e desportivo. No entanto, estando situado na zona ocidental da cidade, a sua vivência urbana mais intensa ocorre principalmente durante o fim-de-semana, altura em que várias famílias se deslocam a esta zona da cidade especialmente para virem usufruir deste espaço. Tendo ficado estabelecido que o estudo dos espaços públicos da amostra seria feito durante a semana, naturalmente que a vivência urbana observada não corresponde à máxima que ocorre aos fins-de-semana. Ainda assim, durante o período de contagem, afluíram à praça 32 pessoas, 20 homens e 12 mulheres, números bastante razoáveis para uma observação realizada ao início de tarde de uma segunda-feira.

O mapa de comportamento deste espaço encontra-se disponível no Anexo III e a Figura 4.19 expõe os principais dados daí retirados.

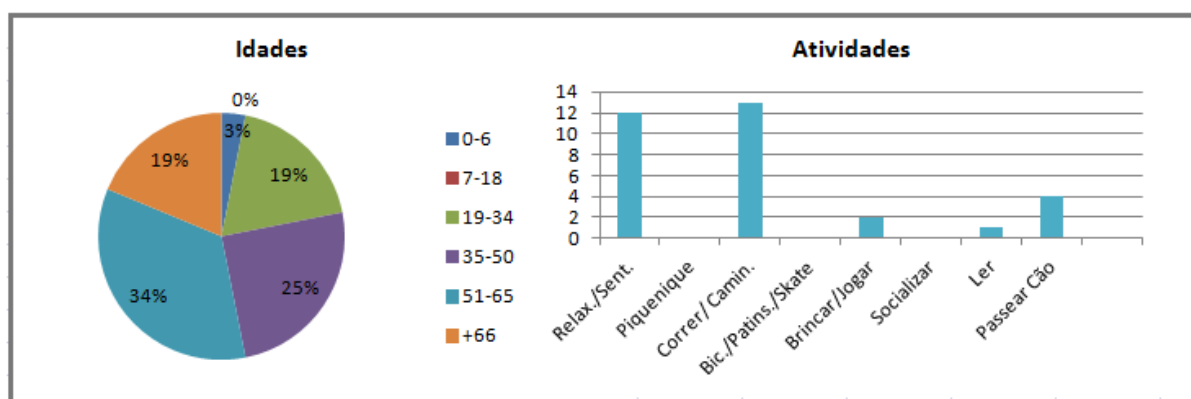


Figura 4.19 – Resultados do mapa de comportamento do Jardim do Passeio Alegre

Tal como sugerem as Figura 4.19 e 4.20, mais de 50% dos utilizadores do espaço, durante o período de estudo, tinham idades superiores a 50 anos, o que é compreensível pelas razões já mencionadas. A Figura 4.16 revela ainda que as principais atividades observadas foram o relaxar/sentar e o caminhar, no entanto foi ainda possível observar uma pessoa sentada num dos bancos de jardim a ler, quatro pessoas a passear os cães e ainda dois jovens a utilizarem o campo de basquetebol.



Figura 4.20 – Vivência urbana do Jardim do Passeio Alegre

Embora, tal como já foi referido, haja uma predominância de pessoas com idade superior a 50 anos, durante o período de contagem, a verdade é que foi possível observar outros utilizadores de faixas etárias mais jovens.

Esta heterogeneidade geracional e de atividades é um bom indicador do funcionamento urbano deste espaço, mesmo não tendo sido estudado num período de maior afluência.

Na Figura 4.21 é possível verificar que os utilizadores deste espaço se encontravam algo dispersos. Os que se encontravam a relaxar/sentar faziam-nos nos bancos de jardim, em particular nos que se encontravam mais próximos das fontes existentes. De realçar que neste espaço, muitos dos utilizadores encontravam-se a caminhar sozinhos, parando por vezes para contemplar algum elemento natural ou simbólico do espaço.

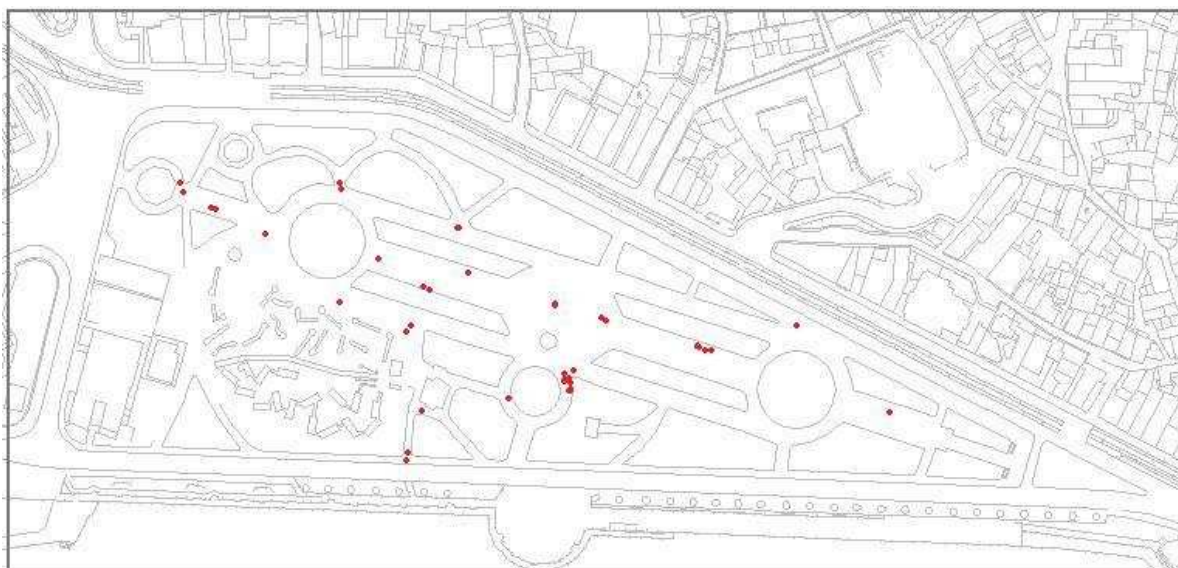


Figura 4.21 – Distribuição dos utilizadores no Jardim do Passeio Alegre

Por último, importa ainda mencionar que um importante impulsionador do funcionamento deste espaço é o minigolfe que, durante o período em que foi desenvolvido o trabalho de campo, se encontrava fechado para obras.

4.2.4.6. Permeabilidade

Não obstante a dimensão do espaço, grande quando comparado com outras praças e jardins da cidade do Porto, este é perfeitamente permeável na medida em que todo o seu interior é visível e o acesso físico a este espaço também se processa com facilidade e em segurança.

4.2.4.7. Resiliência e Robustez

Sendo um jardim secular, é de facto notável que este espaço tenha ainda uma vivência urbana tão forte nos dias de hoje, sobretudo tendo em consideração que não experimentou alterações profundas à sua configuração morfológica.

Para o seu bom funcionamento contribui determinantemente a sua localização junto à foz e ainda o facto de ser um espaço amplo e polivalente capaz de atrair pessoas de várias faixas etárias. Esta multifuncionalidade tem sido basilar para a robustez deste espaço público.

4.2.5. JARDIM DE MARQUES DE OLIVEIRA

4.2.5.1. Identificação

O Jardim de Marques de Oliveira (114) (Figura 4.22), vulgarmente conhecido por Jardim de São Lázaro, é o mais antigo jardim municipal da cidade do Porto, tendo sido inaugurado em 1833. O jardim, fresco e frondoso devido às suas antigas árvores, localiza-se na zona consolidada da cidade, na freguesia do Bonfim (Figura 4.23).



Figura 4.22 – Jardim de Marques de Oliveira



Figura 4.23 – Localização do Jardim de Marques de Oliveira (*software Google Earth* e mapa de 2003)

4.2.5.2. Evolução Histórica⁵

O Jardim de Marques de Oliveira foi o primeiro jardim público da cidade, tendo sido mandado construir em 1833. A existência da Biblioteca Municipal a nascente e a necessidade de acabar com a feira que na altura se realizava neste local, pareceram ter sido os motivos principais que levaram a Câmara Municipal do Porto a abrir este jardim.

A designação mais conhecida deste jardim, Jardim de São Lázaro, advém da antiga gafaria medieval (hospital de leprosos) aí instalada no princípio do século XVI e que veio a ser demolida no século XVIII.

O arranjo paisagístico, de fisionomia romântica, foi projetado inicialmente por João José Gomes, o primeiro jardineiro municipal da cidade. É o único jardim do Porto que ainda conserva o seu gradeamento envolvente.

4.2.5.3. Usos e Funções

O Jardim de Marques de Oliveira é um dos locais de lazer mais frequentados da cidade. Muito do seu sucesso deve-se à sua frescura proporcionada pela sombra das suas árvores seculares.

Na proximidade do espaço encontra-se a Faculdade de Belas Artes e na sua envolvente destaca-se a Biblioteca Municipal a nascente, e a sul a fachada barroca do antigo convento de São Domingos. O jardim encontra-se igualmente circunscrito por edifícios de serviços, habitação, comércio e educação.

4.2.5.4. Configuração Morfológica

Com 310 metros de perímetro e 5740 metros quadrados de área, o Jardim de Marques de Oliveira apresenta uma geometria trapezoidal, circunscrita por um gradeamento, e estabelece uma relação central com as vias de comunicação.

O jardim é revestido por saibro e apresenta algumas das mais antigas árvores da cidade, outras de pequeno e médio porte e ainda canteiros de flores e pequena vegetação. O elemento água também está presente, corporizado pelo lago central.

⁵ A redação da evolução histórica do Jardim de Marques de Oliveira teve por base o trabalho desenvolvido por Barbosa e Dias (2006)

No jardim destaca-se o antigo lavatório da sacristia do extinto convento de São Domingos, o gradeamento e os quatro portões seculares, o coreto e ainda três esculturas. O jardim disponibiliza vários bancos e caixotes do lixo, sendo comum os utilizadores trazerem de suas casas mesas de plástico, situação que será constatada no ponto seguinte.

4.2.5.5. Funcionamento/ Vivência Urbana

O Jardim de Marques de Oliveira, juntamente com a Praça da Ribeira, foram os espaços públicos onde se contabilizou um maior número de utilizadores, mas ao contrário do que aconteceu nessa praça, aqui os utilizadores não eram turistas. Efetivamente, durante o período de contagem estavam no jardim 165 pessoas, 150 dos quais eram indivíduos do sexo masculino.

Os resultados registados no mapa de comportamento deste espaço público, disponível no Anexo III, encontram-se resumidamente na Figura 4.24. A Figura 4.25 é claramente demonstrativa da vivência urbana deste espaço.

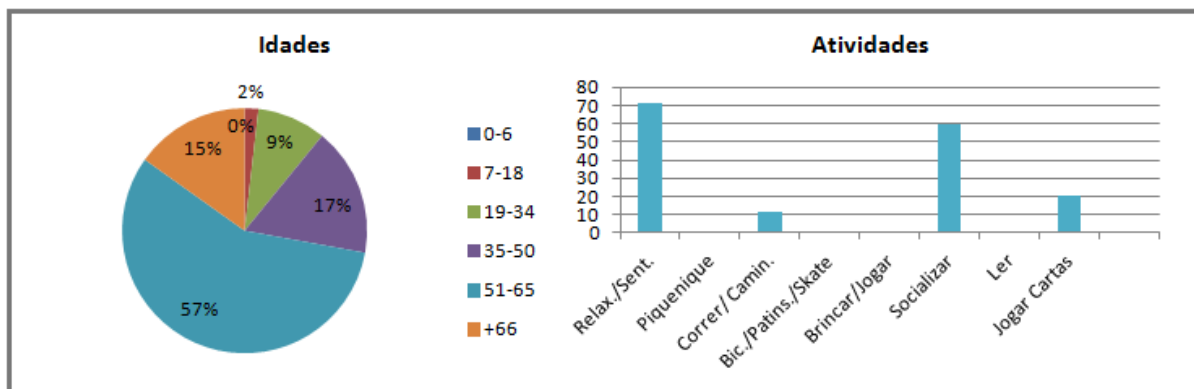


Figura 4.24 – Resultados do mapa de comportamento do Jardim de Marques de Oliveira



Figura 4.25 – Vivência urbana do Jardim de Marques de Oliveira

Tal como é possível verificar na Figura 4.25, a atividade mais vezes observada foi o relaxar/sentar. De facto, durante o período de contagem, todos os bancos do jardim se encontravam ocupados. A maioria dos utilizadores que se encontravam a socializar, estavam a fazê-lo à volta da atividade Jogar Cartas tal como é possível verificar na Figura 4.26. Um facto interessante que foi possível observar é que, não havendo mesas disponíveis no jardim, os utilizadores, de modo a poderem jogar cartas, trazem-nas de casa. Este facto também é visível na Figura 4.26.



Figura 4.26 – Pormenor do desenvolvimento das atividades socializar e jogar cartas

Apesar de terem sido observados utilizadores de várias idades, a maioria das pessoas que se encontravam a usufruir deste espaço possuíam idades superiores a 50 anos. Não obstante, estes conviviam em perfeita harmonia com os utilizadores mais jovens, incluindo estudantes da Faculdade de Belas Artes, normais utilizadores deste espaço.

Na figura 4.27 encontra-se representada a distribuição dos utilizadores pelo jardim.

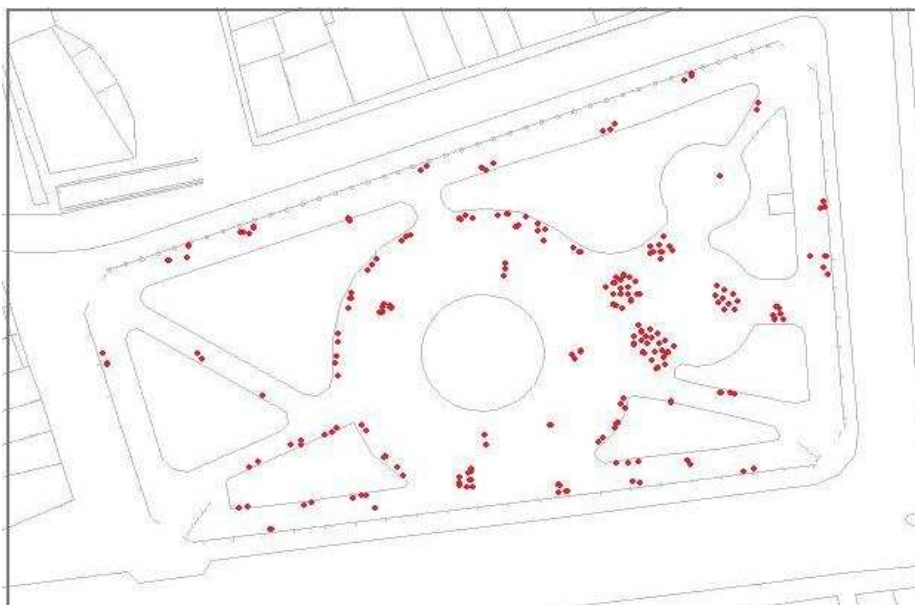


Figura 4.27 – Distribuição dos utilizadores no Jardim de Marques de Oliveira

Tal como é possível observar na Figura 4.27, a maioria dos utilizadores encontram-se em grupo. Os maiores estão associados à atividade jogar cartas, localizando-se na zona este do jardim, mais ampla e livre. Foi também possível observar que, embora alguns utilizadores tenham tido preferência por outras zonas do jardim, a maioria se encontrava em redor do lago central.

4.2.5.6. Permeabilidade

Apesar do gradeamento envolvente e da arborização de grande porte, o jardim é totalmente permeável visualmente. Também a sua permeabilidade física está assegurada, nomeadamente através da existência de quatro entradas para o jardim.

4.2.5.7. Resiliência e Robustez

Tal como foi anteriormente referido, o Jardim de Marques de Oliveira abriu pela primeira vez ao público em 1833 e desde então, sem grandes alterações morfológicas, tem vindo a cumprir em pleno a sua função de espaço de lazer na cidade.

O sucesso do funcionamento deste espaço está também na sua localização central e na multifuncionalidade da sua envolvente, tendo um reflexo direto na vivência deste espaço.

É igualmente de realçar a sua polivalência, não sendo um espaço muito grande, nem estando equipado com uma grande diversidade de mobiliário urbano, a verdade é que permite uma grande liberdade de utilização e o desenvolvimento de diversas atividades, nomeadamente devido ao espaço livre adjacente ao coreto.

É, por conseguinte, um espaço robusto e resiliente, permanecendo, desde a sua abertura, como um espaço público de referência na cidade.

4.3. ESPAÇOS PÚBLICOS COM GÉNESE NO 2º PERÍODO MORFOLÓGICO

4.3.1. AVENIDA DOS ALIADOS

4.3.1.1. Identificação

A Avenida dos Aliados (82) (Figura 4.28), confinada a sul e a norte, respetivamente, pela Praça da Liberdade e pela Praça do General Humberto Delgado (Figura 4.29), constitui a mais importante avenida da cidade do Porto. Localizados na freguesia de Santo Ildefonso, em plena baixa da cidade, estes três espaços públicos apresentam um carácter central que, aliado à imponência do conjunto arquitetónico envolvente, conferem a este espaço o estatuto de “sala de visitas” da cidade do Porto.

A abertura da Avenida dos Aliados e da Praça do General Humberto Delgado ocorreu em 1917, portanto no segundo período morfológico. Já a Praça da Liberdade pertence, na verdade, ao primeiro período morfológico. No entanto, uma vez que se pretende analisar estes três espaços como um todo contínuo, optou-se por associa-los ao segundo período morfológico. Posteriormente, se necessário em algum critério ou pormenor, realizar-se-ão as devidas ressalvas.



Figura 4.28 – Avenida dos Aliados



Figura 4.29 – Localização da Avenida dos Aliados (software Google Earth e mapa de 2003)

4.3.1.2. Evolução Histórica

Na área onde hoje é possível encontrar a Avenida dos Aliados e a Praça do General Humberto Delgado, existia o denominado Bairro do Laranjal, que se iniciava por trás do antigo edifício dos paços do concelho, existente na Praça Nova (atual Praça da Liberdade). Em 1916, Elísio de Melo, grande promotor da abertura desta avenida, ordena a demolição deste bairro, de forma a permitir estabelecer o prolongamento para norte da Praça da Liberdade (Barbosa, 2011).

Relativamente à Praça da Liberdade, aberta oficialmente no século XVII, teve anteriormente várias designações. No século XV era conhecida por Lugar de Paio de Novais ou Sítio da Arca. Depois, em 1682, devido à fonte lá construída nesse ano, obteve a designação de Praça da Natividade e posteriormente, Praça das Hortas. No século XVIII, consequência das alterações de que é objeto passa a designar-se Praça Nova e, mais tarde Praça de D. Pedro IV. Durante o século XIX, a instalação da Câmara no topo norte (1819), a inauguração da Ponte de D. Luís (1887) e a extensão da via-férrea até S. Bento (1896), foram fatores determinantes que contribuíram para tornar a praça num importante centro político, económico e social. Finalmente, em outubro de 1910, adquire a designação atual, Praça da Liberdade (IGESPAR, 2011).

As obras de abertura da Avenida iniciaram-se a 1 de fevereiro de 1916 com a demolição do edifício que serviu de paços do concelho, acompanhada pelo consequente desaparecimento da rua do Laranjal e de D. Pedro (IGESPAR, 2011).

Atualmente, os paços do concelho encontram-se na Praça do General Humberto Delgado. Esta praça deve o seu nome ao general “sem medo”, símbolo da oposição ao governo do estado novo (Barbosa, 2011).

Em 2006, o conjunto destes três espaços públicos foram alvo de uma intervenção de requalificação da autoria dos arquitetos Álvaro Siza e Eduardo Souto Moura. Esta intervenção, ainda hoje, é alvo de protestos por parte dos portuenses que se manifestam sobretudo contra a alteração do “espírito do lugar” e contra a eliminação quase total de elementos naturais.

4.3.1.3. Usos e Funções

Anteriormente, este espaço público, em particular a sua faixa central, era maioritariamente usado como local de repouso e passagem. Nos dias de hoje, em consequência da intervenção empreendida, o espaço experimentou alterações morfológicas profundas nomeadamente ao nível da redução da faixa central, do alargamento dos passeios laterais e da disponibilidade de mobiliário urbano e elementos naturais que tiveram repercussões na forma como o espaço é utilizado. Efetivamente, no dia-a-dia, este é sobretudo usado como local de passagem. O facto de ser amplo e aberto torna-o um espaço multiusos, capaz de conter o grande fluxo de pessoas que aí afluí em ocasiões especiais tais como as festas São Joaninas ou mesmo em celebrações de vitórias desportivas. Também permite que nele ocorram eventos temporários tais como a Feira do Livro e alguns dos acontecimentos académicos da semana da Queima das Fitas.

Na envolvente deste espaço, onde anteriormente predominavam os botequins, nomeadamente o “Porto Clube”, o “Europa”, o “Guichard” e o “Internacional” (IGESPAR, 2011), é hoje ocupada por entidades bancárias, companhias seguradoras, escritórios, serviços públicos, comércio, hotelaria e ainda edificado com função cultural.

4.3.1.4. Configuração Morfológica

O conjunto dos três espaços públicos em análise ocupa uma área total de 24026 metros quadrados e um perímetro de 1432 metros. Apresenta uma geometria regular constituída pela sobreposição da forma trapezoidal com a forma circular e apresenta um posicionamento central face às vias de comunicação.

Quanto ao revestimento, este espaço era anteriormente revestido a calçada portuguesa, possuindo um grande mosaico com desenhos alusivos aos descobrimentos e á colonização. Os jardins e as árvores enriqueciam este ambiente tornando-o ainda mais simbólico. Atualmente o principal material de revestimento da grande faixa central é o lajeado em granito, apresentando também calcário e basalto. A faixa central apresenta algumas árvores de pequeno porte, sendo a arborização mais densa ao longo dos passeios da avenida.

Também é nos passeios onde se encontram o maior número de bancos de jardim, havendo na faixa central dois bancos em pedra. Em todo o espaço público estão ainda disponíveis caixotes do lixo, cobertos para transportes públicos e ainda sanitários públicos.

Na placa central encontra-se uma fonte denominada fonte da juventude, em mármore, realizada por Henrique Moreira, um pouco mais acima, do mesmo autor, surge uma escultura denominada “Os Meninos”. Na Praça do General Humberto Delgado é possível encontrar a estátua do poeta Almeida Garrett de Barata Feyo, inaugurada em 1954. Na Praça da Liberdade está uma estátua equestre de D. Pedro IV, do escultor Francês Calmels.

Tal como tem vindo a ser referido ao longo deste ponto, este espaço público experimentou recentemente grandes alterações morfológicas pelas mãos dos arquitetos Siza Vieira e Souto Moura, motivadas fundamentalmente pela passagem subterrânea pela avenida do Metro do Porto. As entradas para a nova estação de metro obrigaram a um alargamento dos passeios e, consequentemente, a um notável estreitamento das placas centrais.

Assim, o novo projeto passou pela eliminação dos jardins, procurando privilegiar o adensamento arbóreo, libertando o solo pavimentado. O projetos propôs ainda o redesenho do mobiliário urbano, incluindo cobertos de paragens, bancos e recipientes de lixo. Para a iluminação pública os arquitetos optaram por reutilizar os antigos candeeiros, recuperados e otimizados em termos de qualidade e intensidade de luz. Incluía igualmente a introdução de mobiliário amovível que já não se encontra presente neste espaço atualmente.

Na opinião de alguns especialistas esta intervenção tem alguns aspetos ambíguos, nomeadamente o facto da fonte e das estátuas acabarem por ficar um pouco desnudadas por falta de envolvimento.

Esta intervenção teve também repercussões na vivência urbana. Este aspeto será abordado no ponto seguinte.

4.3.1.5. Funcionamento/ Vivência Urbana

O trabalho de campo realizado neste conjunto de espaços públicos permitiu aferir a existência de locais com características vivenciais perfeitamente distintas. Efetivamente, o funcionamento urbano das plataformas centrais tem características diferentes dos largos passeios laterais. As primeiras são sobretudo utilizadas como local de passagem e atravessamento, sendo nas laterais onde as pessoas acabam por usufruir do mobiliário urbano disponível. No entanto, tendo em conta as características físicas do local seria muito difícil contabilizar o grande número de pessoas que se encontravam nos passeios laterais, tendo-se optado por apenas aferir qualitativamente as atividades neles desenvolvidas. Nas plataformas centrais, durante o período de contagem foi possível contabilizar 48 pessoas, 26 das quais mulheres. Os dados obtidos do mapa de comportamento das plataformas centrais, disponível no Anexo III, encontram-se resumidamente na Figura 4.30.

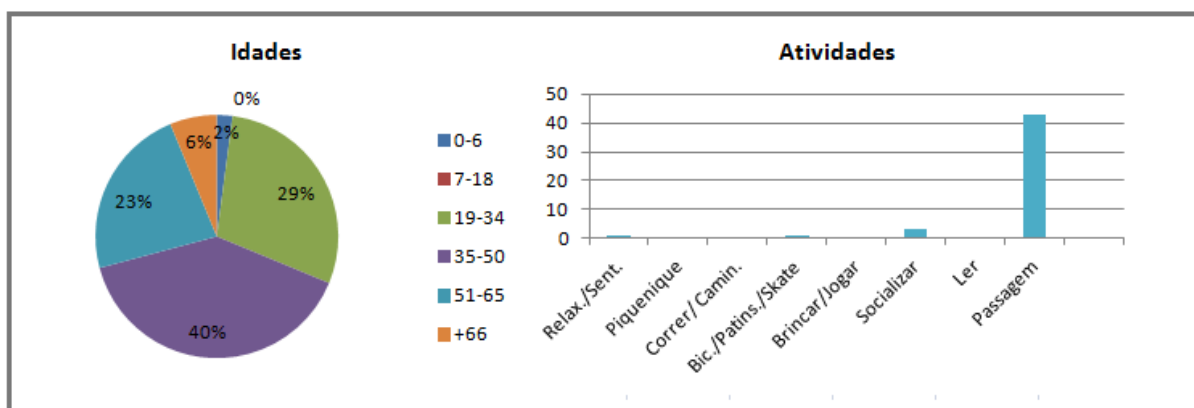


Figura 4.30 – Resultados do mapa de comportamento das plataformas centrais da Avenida dos Aliados

Tal como é possível observar na Figura 4.30, a maior parte dos utilizadores das plataformas centrais pertencem à chamada classe ativa, encontrando-se neste espaço meramente de passagem. De referir que 19 das 41 pessoas que estavam de passagem eram turistas que tiravam fotografias e passeavam pela avenida. Importa igualmente referir que a única pessoa que se encontrava sentada, fazia-o numa das saliências da estátua de D. Pedro IV o que, de alguma forma, reflete a inexistência de bons locais para relaxar, nas plataformas centrais. De facto, os bancos existentes não se encontram junto a elementos arbóreos o que faz com que não tenham sombra, além disso, encontram-se isolados, sem quaisquer outros elementos na envolvente imediata, acabando por ser pouco convidativos.

Assim, tal como é visível na Figura 4.31, as pessoas acabam por utilizar sobretudo os passeios laterais onde foi possível observar o desenvolvimento de variadas atividades: relaxar/sentar, socializar, brincar, nas esplanadas, a passear e também, naturalmente, de passagem.



Figura 4.31 – Vivência urbana nos passeios laterais da Avenida dos Aliados

Pelo que foi possível observar, as transformações levadas a cabo neste espaço acabaram por tornar as plataformas centrais da avenida menos atrativas, sendo meramente usadas como local de passagem e atravessamento, tendo-se observado apenas cinco utilizadores em permanência, tal como é visível na Figura 4.32.

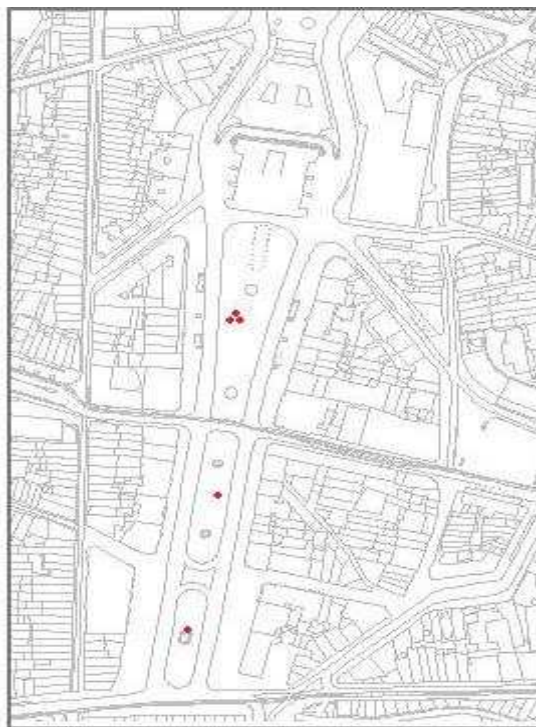


Figura 4.32 – Distribuição dos utilizadores nas plataformas centrais da Avenida dos Aliados

4.3.1.6. Permeabilidade

Sendo um espaço aberto e de grandes dimensões, a Avenida dos Aliados apresenta uma boa permeabilidade visual. Apesar do grande trânsito, o espaço é igualmente acessível em termos físicos, não existindo problemas de acesso às plataformas centrais nem de atravessamento da avenida.

4.3.1.7. Resiliência e Robustez

Dos espaços públicos até agora analisados, a Avenida dos Aliados foi aquele que experimentou alterações morfológicas mais profundas. Aberta em inícios do século XIX, foi adquirindo ao longo do tempo o estatuto de um dos mais importantes espaços públicos da cidade do Porto.

Independentemente da discussão que ainda hoje existe em volta da operação de requalificação deste espaço empreendida por Siza Vieira e Souto Moura, esta acaba por constituir uma boa prova da capacidade de adaptabilidade deste espaço às novas exigências que vão surgindo à medida que a cidade evolui.

Efetivamente, a avenida foi transformada de um espaço verde de repouso, num espaço multifunções, de expressão artística, social e cultural, permitindo ainda albergar a grande variedade de acontecimentos que fazem parte da cultura urbana da cidade e que muito contribuem para a sua vitalidade. No entanto, tal como se viu, esta transformação teve repercussões na forma como o espaço é utilizado, estando as faixas centrais muito mais vazias no dia-a-dia do que outrora.

Algumas das suas características intrínsecas, nomeadamente a sua localização, orientação, dimensão e ainda a forma geométrica dos vários espaços, conferem a esta avenida o seu grande potencial de adaptabilidade, sendo evidente que no futuro, este espaço público possa vir a experimentar novas transformações sem que a sua importância para a cidade seja comprometida.

4.3.2. PRAÇA NOVE DE ABRIL

4.3.2.1. Identificação

A Praça Nove de Abril (49) (Figura 4.33 e 4.34), localizada na freguesia de Paranhos, é uma grande praça da cidade do Porto, particularmente conhecida pelo seu jardim central, o Jardim de Arca d'Água, projetado por Jerónimo Monteiro da Costa e inaugurado em 1928. A primeira referência cartográfica a este espaço é dada no mapa de 1892, pertencendo ao conjunto de espaços públicos com génese no segundo período morfológico.



Figura 4.33 – Praça Nove de Abril



Figura 4.34 – Localização da Praça Nove de Abril (software Google Earth e mapa de 2003)

4.3.2.2. Evolução Histórica⁶

Anteriormente à existência de abastecimento domiciliário, os portuenses abasteciam-se de água em fontes e chafarizes cuja água provinha de vários mananciais. O mais importante, pela pureza e qualidade da água, e também devido ao seu grande caudal era o da Arca de Água (ou Arca das Três Fontes, por serem três as nascentes de água neste espaço). Apenas em 1884 deixou de ser a principal

⁶ A redação da Evolução Histórica da Praça Nove de Abril teve por base o trabalho desenvolvido por Barbosa e Dias (2006)

fonte de abastecimento de água da cidade, quando os então aquedutos foram substituídos por um renovado sistema de abastecimento de água domiciliário que captava a água da Central de Captação e Elevação do Sousa.

Este espaço é também conhecido pelo duelo travado entre os escritores Ramalho Ortigão e Antero de Quental, em 1866, altura em que este espaço era denominado por Largo de Arca de Água. O nome dado à praça deve-se à batalha de La Lys, travada pelas tropas portuguesas em 1918, durante a I Guerra Mundial.

4.3.2.3. Usos e Funções

Mesmo estando situada numa zona mais periférica da cidade, a Praça Nove de Abril constitui um importante jardim da cidade do Porto, utilizado sobretudo como um espaço de lazer e descanso. Na sua envolvente é possível encontrar edifícios de habitação, serviços, restauração e ainda a Universidade Fernando Pessoa e o seu centro de estudos e investigação.

4.3.2.4. Configuração Morfológica

Apresentando uma geometria retangular, a Praça Nove de abril constitui um espaço público com dimensões muito aproximadas da já estudada Praça da República, tendo igualmente um posicionamento central face às vias de comunicação.

O saibro, o cubo granítico, o lajeado em granito e o betuminoso revestem esta praça que se caracteriza pela sua vegetação diversificada. De facto, para além da cerca de uma centena de plátanos frondosos, colocados a delimitar as alamedas laterais da praça e dos numerosos cedros, é possível também encontrar arborização de médio e pequeno porte, canteiros de flores e pequena vegetação.

O lago com alguns animais e uma gruta artificial adjacente são o *ex-libris* deste espaço que coloca à disposição dos seus utilizadores um elevado número de bancos, caixotes do lixo, telefone, sanitário, bebedouros, elementos publicitários e ainda o Centro de Convívio de Arca d'Água que funciona na referida gruta.

Além dos elementos já mencionados, este espaço possui ainda um coreto, um miradouro sobre o lago e uma escultura de Charters de Almeida, inaugurada em 1972, intitulada “A Família”.

4.3.2.5. Funcionamento/ Vivência Urbana

Embora à primeira vista este espaço pareça um pouco vazio, sobretudo devido à sua grande dimensão e à imponência dos elementos naturais colocados a delimitar as alamedas laterais da praça, a verdade é que à medida que se penetrou neste espaço foi possível contabilizar um total de 67 pessoas, 23 das quais do sexo feminino, que tiravam partido dos espaços de relaxe, do mobiliário urbano e das bonitas vistas sobre o lago e os vários jardins cuidados. Os dados obtidos a partir do mapa de comportamento deste espaço, disponível no Anexo III, encontram-se resumidos na Figura 4.35.

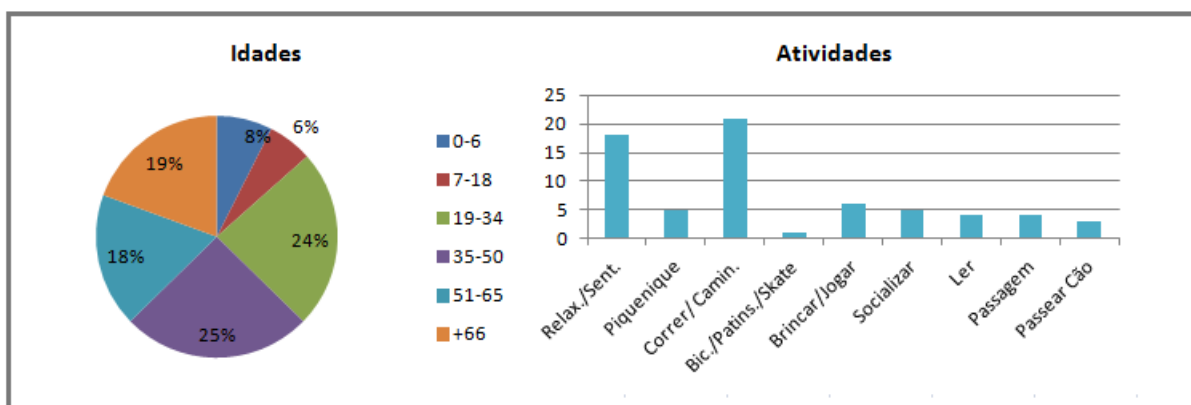


Figura 4.35 – Resultados do mapa de comportamento da Praça Nove de Abril

A Praça Nove de Abril, de todos os espaços públicos até agora analisados, foi aquele que apresentou uma distribuição mais homogênea de indivíduos das várias faixas etárias e, simultaneamente onde foi possível verificar uma maior diversidade de atividades a serem desenvolvidas. As atividades mais vezes observadas, visíveis na Figura 4.36, foram o relaxar/ sentar e o caminhar/correr, sendo que o somatório das restantes atividades representa igualmente um valor bastante expressivo.



Figura 4.36 – Vivência urbana da Praça Nove de Abril

A grande representatividade do grupo etário dos 19 aos 34, encaracterística dos espaços públicos já estudados, está associada á proximidade deste espaço á Universidade Fernando Pessoa. De notar igualmente que 14% dos utilizadores deste espaço tinham idades compreendidas entre os 0 e os 18 anos, devendo-se este facto ao espaço livre à sombra que este local apresenta, ideal para as crianças jogarem e brincarem em dias de sol como o do dia da contagem.

A partir da Figura 4.37 é possível aferir que as pessoas que se encontravam a caminhar e correr utilizavam sobretudo as alamedas laterais da praça, para as restantes atividades os utilizadores preferiam maioritariamente zonas mais interiores, em particular os espaços junto ao lago, localizado no quadrante nordeste da praça. Efetivamente foi possível observar que todos os bancos de jardim mais próximo deste elemento encontravam-se ocupados.

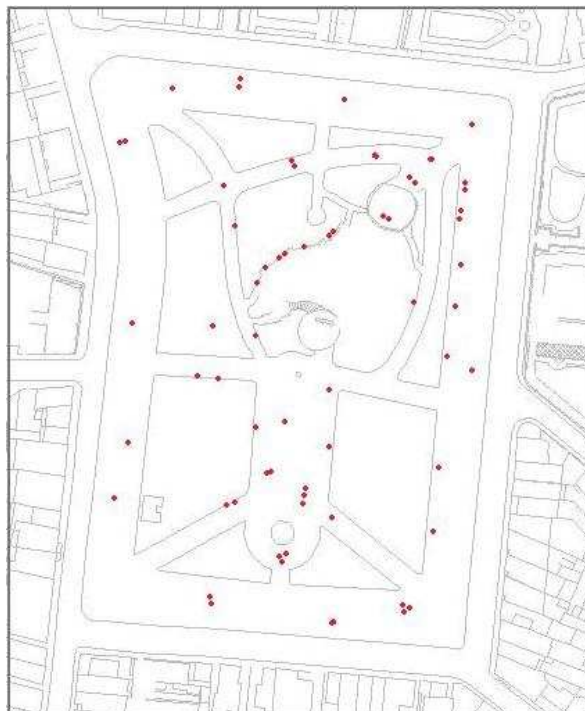


Figura 4.37 – Distribuição dos utilizadores na Praça Nove de Abril

4.3.2.6. Permeabilidade

Embora o acesso visual à praça seja fácil devido às suas grandes dimensões, esta mesma característica faz com que o seu interior não seja perfeitamente visível do lado exterior. Não obstante, este facto não compromete a sensação de segurança que se faz sentir no jardim. O fácil e seguro acesso físico á praça também é garantido através das nove passadeiras que permitem alcançar este espaço.

4.3.2.7. Resiliência e Robustez

Sem que tenha sido necessário empreender qualquer intervenção de revitalização nesta praça, esta tem sido, ao longo dos seus quase cem anos de existência, um dos mais importantes espaços públicos da zona norte, mais periférica da cidade.

O facto de pôr à disposição dos seus utilizadores um agradável conjunto de espaços, diversificados e multifuncionais contribui para o seu sucesso. O mesmo se poderá dizer da grande diversidade de vegetação que, além de fazer desta praça um espaço frondoso, permite fazer dela quase um retiro de toda uma envolvente dinâmica e fortemente densificada.

4.3.3. PRAÇA MOUZINHO DE ALBUQUERQUE

4.3.3.1. Identificação

A Praça Mouzinho de Albuquerque (50) (Figura 4.38) constitui um importante jardim e nó viário da cidade, comumente conhecido por “Rotunda da Boavista”. Situa-se numa zona consolidada da cidade (Figura 4.39), nas freguesias de Cedofeita e Massarelos e é a maior praça da cidade do Porto. Este

espaço, aparecendo pela primeira vez cartografado no mapa de 1892, faz parte do conjunto de espaços públicos com génese no segundo período morfológico.



Figura 4.38 – Praça Mouzinho de Albuquerque



Figura 4.39 – Localização da Praça Mouzinho de Albuquerque (software Google Earth e mapa de 2003)

4.3.3.2. Evolução Histórica⁷

Este espaço terá sido construído por volta de 1877. A então Praça da Boavista abrigou durante vários anos a Feira de São Miguel que anteriormente se realizava na Cordoaria. No local onde hoje se encontra o edifício da Casa da Música, existia a Estação de Recolha da Boavista, que era, naquele tempo, uma das principais infraestruturas de apoio ao sistema de transporte de carros elétricos e americanos da cidade. Pelo meio da praça, passava naquela altura a linha do elétrico que ia desde a Praça Carlos Alberto até à Foz, via Boavista e Fonte da Moura.

⁷ A redação da Evolução Histórica da Praça Mouzinho de Albuquerque teve por base o trabalho desenvolvido por Barbosa (2011)

A decisão de ajardinar a praça e de erguer no seu centro um grande monumento foi tomada alguns anos antes da instauração da República, tendo a escolha do monumento sido sujeita a um concurso de seleção. O projeto escolhido é da autoria do escultor Alves de Sousa e do Arquiteto Marques da Silva e constitui um obelisco com 45 metros em homenagem aos Heróis da Guerra Peninsular, possuindo igualmente um papel identificador e estrutural desta praça.

Durante o século passado, este espaço albergou durante vários anos a Feira do Livro e foi igualmente um ponto importante das Festas Sanjoaninas. Na viragem para o novo século, a praça foi alvo de uma operação de reestruturação e requalificação que a tornou mais aprazível e segura, nomeadamente devido à planificação dos seus jardins.

4.3.3.3. Usos e Funções

O edificado que circunscreve a praça apresenta funções diversificadas: comercial, escolar, residencial, escritórios e serviços públicos.

O edifício mais marcante na envolvente desta praça é a Casa da Música. Esta obra, do arquiteto Rem Koolhaas, inserida nas intervenções do Porto 2001, foi um elemento fundamental na transformação do significado urbano desta praça. Efetivamente, este edifício tornou-se um ponto de visita obrigatória para os turistas da cidade que acabam por visitar igualmente os jardins da Praça Mouzinho de Albuquerque.

Este espaço público é usado como um local turístico, de passagem, circulação e lazer.

4.3.3.4. Configuração Morfológica

A Praça Mouzinho de Albuquerque é a maior praça da cidade do Porto. Apresenta uma geometria circular com um perímetro de 698 metros e uma área de 38710 metros quadrados. É também um importante nó rodoviário, partindo dele oito ruas para diversos pontos da cidade.

Esta praça apresenta como materiais de revestimento o asfalto, a betonilha, o cubo granítico, o lajeado em pedra e o saibro, contemplando ainda áreas relvadas.

Tal como foi referido anteriormente, no centro deste espaço encontra-se o Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular. Este obelisco de 45 metros de altura apresenta duas figuras simbólicas no cimo: *“uma águia, símbolo do anúncio do declínio napoleónico, esmagada pelo poder leonino do patriotismo anónimo do povo”* (Barbosa, 2011).

Esta praça apresenta ainda uma grande diversidade de elementos naturais: arborização de grande, pequeno e médio porte, algumas com desenho geométrico, outras com implantação arbitrária, canteiros de flores e pequena vegetação.

Em termos de equipamentos, este espaço público está dotado de bancos, caixotes do lixo, bebedouros e ainda sanitários públicos, embora estes se encontrem fechados.

4.3.3.5. Funcionamento/ Vivência Urbana

A praça é um local que apresenta um grande fluxo de pessoas de passagem, nomeadamente devido às estações de metro e autocarros existentes nas suas imediações. Assim, devido a este grande fluxo e devido ainda à grande área da praça, não foi possível contabilizar as pessoas que se encontravam meramente de passagem. As restantes que afluíram à praça, um total de 107, das quais 44 do sexo

feminino, desenvolveram atividades bastante diversificadas tal como é possível aferir na Figura 4.40 que apresenta um resumo dos dados recolhidos do mapa de comportamento deste espaço. Este poderá ser encontrado no Anexo III.

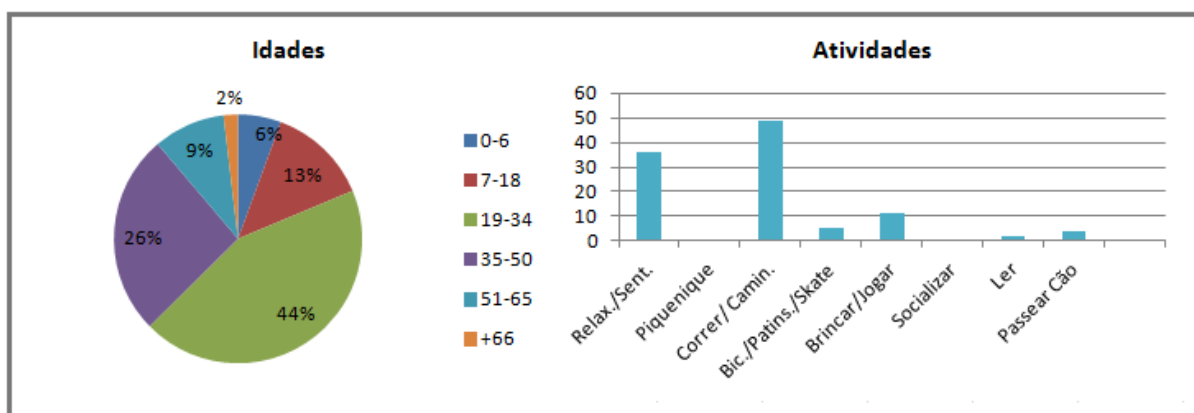


Figura 4.40 – Resultados do mapa de comportamento da Praça Mouzinho de Albuquerque

Contrariamente ao que se tem vindo a verificar nos restantes espaços públicos, à exceção da Praça da Ribeira, na Praça Mouzinho de Albuquerque, a faixa etária mais representada na amostra recolhida foi a dos 19 aos 34 anos. Tal é devido sobretudo à considerável afluência de turistas com estas idades que se encontravam na praça durante o período de contagem. Estavam sobretudo a caminhar e observar o espaço, tirando fotografias, o que contribui para a grande expressão da atividade caminhar/correr.

Mas não eram só turistas que se encontravam na praça. De facto foi possível verificar que grande parte dos bancos se encontravam ocupados por pais, avós, netos, casais de namorados e até amigos a jogar à bola, mesmo não havendo na praça um local apropriado para esta atividade. Efetivamente, e tal como evidencia a Figura 4.41, a vivência urbana deste espaço público é, de facto, muito diversificada.



Figura 4.41 – Vivência urbana da Praça Mouzinho de Albuquerque

A Figura 4.42 apresenta a distribuição dos utilizadores observados nesta praça, sendo possível verificar que a zona central da praça tende a ser a mais utilizada, estando os bancos de jardim desta

zona, na sua maioria, ocupados. Nos jardins envolventes os utilizadores formavam grupos tendencialmente mais pequenos e desenvolviam atividades mais calmas tais como ler e relaxar/sentar. Exceção feita para um grupo de oito jovens que se encontravam a jogar á bola e a conviver num dos jardins do quadrante sudeste da praça.

Em termos gerais verifica-se que a maioria dos utilizadores afluí à praça através das entradas mais a norte, o que poderá ser explicado nomeadamente pela grande afluência de turistas provenientes da Casa da Música (a noroeste da praça) bem como pela localização dos transportes públicos (metro e autocarros) também nesta zona.

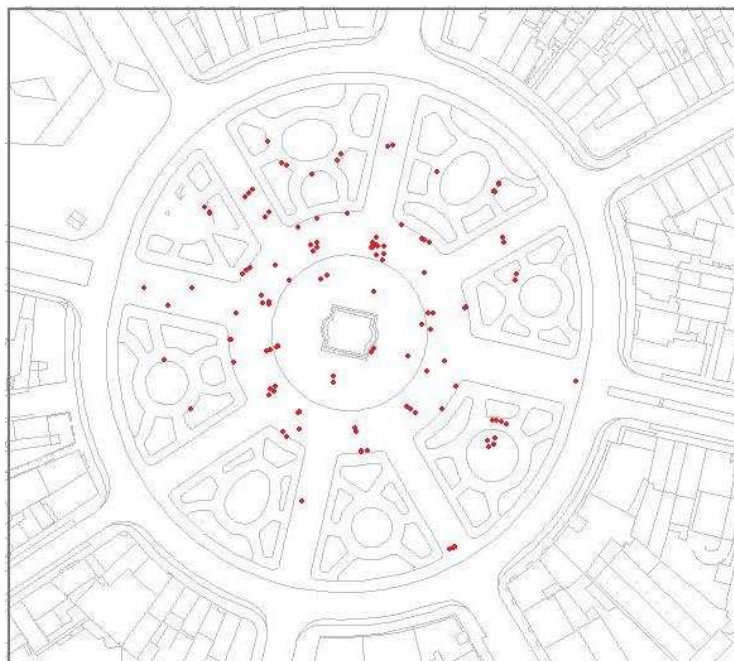


Figura 4.42 – Distribuição dos utilizadores na Praça Mouzinho de Albuquerque

4.3.3.6. Permeabilidade

Embora, nem sempre tenha sido assim, desde a operação de requalificação deste espaço, particularmente do arranjo paisagístico que levou nomeadamente à planificação nos vários jardins da praça, a sua permeabilidade visual ficou totalmente assegurada, não se levantando questões de segurança como outrora acontecera.

O acesso físico a este espaço não apresenta também grandes dificuldades, o que explica a grande quantidade de pessoas que utilizam a praça meramente de passagem. No entanto, deverá repensar-se o posicionamento das passeadeiras dado que, embora elas existam, muitos peões optam por não as utilizar, acedendo à praça por locais para eles mais convenientes mas, seguramente, mais inseguros.

4.3.3.7. Resiliência e Robustez

Mesmo sendo um espaço centenário, a Praça Mouzinho de Albuquerque apresenta nos dias-de-hoje uma agradável e diversificada vivência urbana, muito motivada não só pelas atividades da envolvente mas também devido à sua grande dimensão e variedade de elementos naturais que possibilita o desenvolvimento de várias atividades em subespaços de diferentes características.

Nem sempre assim foi, tendo havido um período de tempo em que este espaço era pouco movimentado nomeadamente devido á sua fraca permeabilidade visual de então que criava uma certa sensação de insegurança. Mas após a sua requalificação, esta praça voltou a ganhar uma nova vida, sendo portanto um exemplo de capacidade de adaptação ao longo do seu período de vida e, igualmente, de robustez.

4.3.4. PRAÇA DO MARQUÊS DE POMBAL

4.3.4.1. Identificação

A Praça do Marquês de Pombal (121) (Figura 4.43 e 4.44) é um grande largo localizado na confluência das freguesias de Paranhos, Bonfim e Santo Ildefonso, acedendo-se a ele através de algumas das principais artérias da cidade como é o caso da rua de Santa Catarina e da Constituição. Sendo densamente arborizada, este espaço é particularmente procurado em dias de calor, pertencendo igualmente ao grupo dos espaços públicos da cidade onde se juntam pessoas para jogar cartas. Embora haja referências anteriores a este espaço, a praça aparece pela primeira vez cartografada no mapa de 1892, pertencendo assim ao grupo de espaços públicos com génese no segundo período morfológico.



Figura 4.43 – Praça do Marquês de Pombal



Figura 4.44 – Localização da Praça do Marquês do Pombal (software Google Earth e mapa de 2003)

4.3.4.2. Evolução Histórica⁸

O local onde hoje se encontra a Praça do Marquês do Pombal fazia parte, nos inícios do século XIX, de uma grande quinta que se localizava no limite norte da zona urbana da cidade.

Neste local passaram, entre 1832 e 1833, as linhas de defesa liberais de D. Pedro, que se opuseram aos absolutistas de D. Miguel, durante o chamado Cerco do Porto. Nessa altura, este espaço era designado por Largo da Aguardente e aqui eram cobrados impostos sobre todas as mercadorias que entravam na cidade.

Por volta de 1850 este espaço tinha já uma configuração próxima da atual, tendo o seu atual nome sido atribuído em 1882. Mas a decisão de o tornar um espaço público de lazer surgiu apenas em 1898, altura em que toda esta zona foi ajardinada, criou-se uma frondosa alameda e construiu-se o coreto em ferro que ainda hoje se encontra no local.

Mais recentemente, em 2006, no âmbito da construção da Estação do Marquês do Metro do Porto, este espaço experimentou algumas alterações morfológicas ao nível do jardim, tendo-se igualmente colocado novos bancos e o lago substituído pela “Fonte da Confidente”, fonte que, antes das operações de requalificação da Porto 2001, se encontrava na Praça de D. João I.

4.3.4.3. Usos e Funções

Atualmente este espaço funciona como um espaço público de lazer, relaxe e passagem. Esta última função é intensificada pela existência, na praça, de duas entradas para a estação subterrânea de metro do Marquês.

A sua envolvente é marcada pela existência de edifícios de habitação, serviços, serviços públicos, comércio, restauração e ainda pela emblemática Igreja da Imaculada Conceição, construída em 1938 segundo o projeto do arquiteto francês frei Paul Bellot.

4.3.4.4. Configuração Morfológica

A Praça do Marquês de Pombal possui uma relação central com as vias de comunicação, apresentando uma geometria aproximadamente retangular, arredondada nos cantos, com cerca de 332 metros de perímetro e uma área de aproximadamente 5070 metros quadrados.

Apresenta uma frondosa arborização de grande porte, com desenho geométrico e implantação arbitrária e pequena vegetação. É revestida a saibro e relvado, contendo um lago, uma fonte e um coreto. A praça dispõe ainda de sanitários, telefones, bancos, mesas de piquenique, caixotes do lixo e um quiosque.

4.3.4.5. Funcionamento/ Vivência Urbana

A Praça do Marquês do Pombal é uma das mais procuradas da cidade. Efetivamente, no período de contagem estiveram neste espaço 83 pessoas, apenas treze das quais do sexo feminino. É de salientar que o estudo foi realizado ao final da manhã que, embora seja um período de grande afluência à praça, não corresponde ao máximo que normalmente se verifica ao início da tarde.

⁸ A redação da Evolução Histórica da Praça do Marquês de Pombal teve por base o trabalho desenvolvido por Vasconcelos (2008)

Mais uma vez, à semelhança do que acontecera noutros espaços públicos já estudados, o grande número de pessoas que se encontravam meramente de passagem por este espaço não permitiu que a contabilização destas se concretizasse com fiabilidade, pelo que se optou por ignorar este conjunto de utilizadores.

A Figura 4.45 apresenta, resumidamente, os dados obtidos através do mapa de comportamento deste espaço, que se encontra disponibilizado no Anexo III.

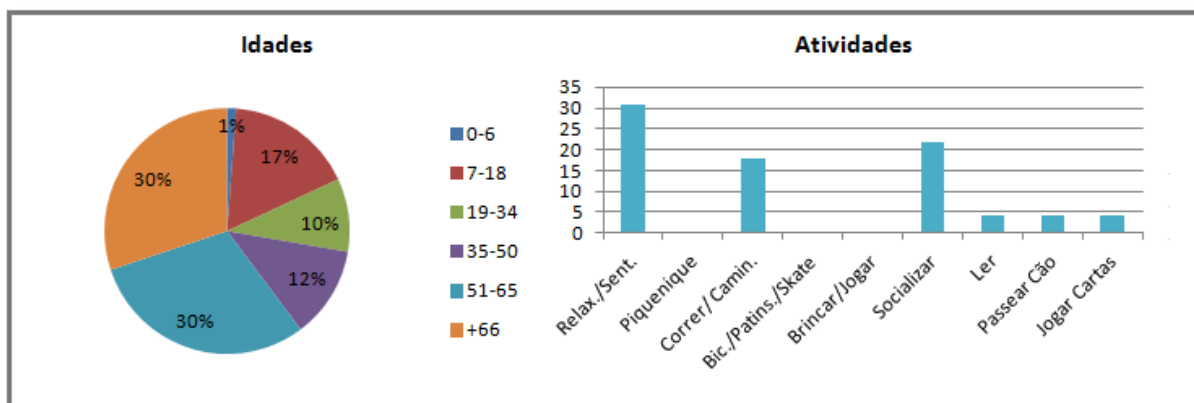


Figura 4.45 – Resultados do mapa de comportamento da Praça do Marquês do Pombal

Tal como é possível visualizar na figura, relaxar/ sentar, caminhar e socializar foram as atividades mais observadas durante o período de estudo deste espaço. Note-se que mais de metade dos utilizadores deste espaço tinha idades superiores a 51 anos, sendo que a terceira faixa etária mais visualizada corresponde às idades compreendidas entre os 7 e os 18 anos. Estes números são um bom indicativo da vivência urbana harmoniosa, intergeracional e diversificada deste espaço, que se procura representar na Figura 4.46.



Figura 4.46 – Vivência urbana da Praça do Marquês do Pombal

À semelhança do observado em espaços anteriormente estudados, nesta praça existe igualmente uma tendência para a maioria dos utilizadores se posicionarem na zona envolvente do lago central, estando todos os bancos desta zona ocupados (Figura 4.47).

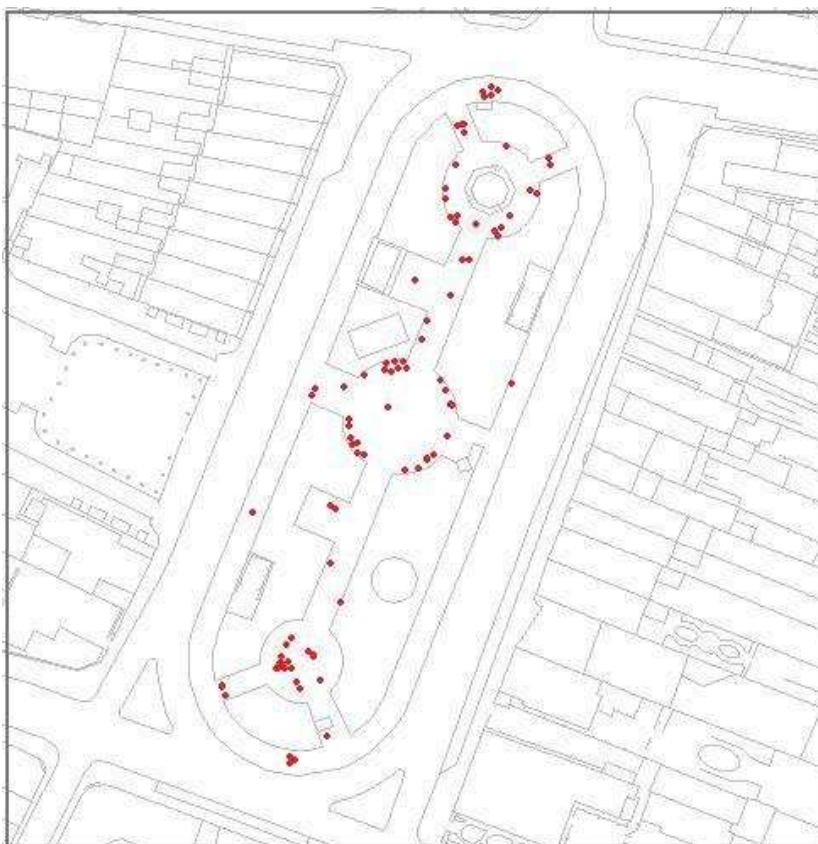


Figura 4.47 – Distribuição dos utilizadores na Praça do Marquês de Pombal

Também a envolvente do coreto, na zona norte da praça, tinha os seus bancos de jardim praticamente todos ocupados. Na zona sul da praça observaram sobretudo as atividades de socializar e jogar cartas, sendo que para esta última estavam a ser disponibilizadas as mesas de picnic aí dispostas.

4.3.4.6. Permeabilidade

Relativamente à permeabilidade física e visual deste espaço poderá dizer-se que a praça é perfeitamente acessível visualmente e fisicamente, existindo um total de quatro passadeiras á sua volta. A arborização, embora bastante densa, permite perfeitamente a visualização do interior deste espaço a partir do exterior.

4.3.4.7. Resiliência e Robustez

Desde a sua génese que esta tem sido uma das mais importantes praças da cidade do Porto, fundamentalmente devido à saudável vivência urbana que se verifica. A sua configuração física e disponibilidade de mobiliário urbano permitem que nela se desenvolvam atividades diversificadas atraindo quer utilizadores idosos como jovens.

A praça foi capaz de se modificar, para a passagem do metro, mantendo a sua vivência urbana e importância para a cidade. Aliás, a passagem do metro por este espaço veio aumentar ainda mais o número de pessoas que afluem a este local.

4.3.5. PRAÇA DE FRANCISCO SÁ CARNEIRO

4.3.5.1. Identificação

A Praça de Francisco Sá Carneiro (122) (Figura 4.48 e 4.49 mais conhecida pela sua antiga designação de Praça de Velásquez, localiza-se na zona das Antas, na Freguesia do Bonfim. Este espaço público foi construído na década de cinquenta do século passado, fazendo parte do conjunto de espaços públicos com génese no segundo período morfológico.



Figura 4.48 – Praça de Francisco Sá Carneiro



Figura 4.49 – Localização da Praça de Francisco Sá Carneiro (software Google Earth e mapa de 2003)

4.3.5.2. Evolução Histórica⁹

A Praça de Francisco Sá Carneiro não experimentou alterações dignas de referência desde a sua construção na década de cinquenta, à exceção do seu nome. Efetivamente, aquando da sua construção, este espaço foi designado por Praça Velásquez, devendo o seu nome ao pintor espanhol com origem portuense Diego de Silva y Velásquez.

A configuração dos limites da praça é anterior à construção da envolvente. Na altura, pretendia-se descentralizar a carga de serviços do centro da cidade, e construir junto dela o edifício mais alto da cidade, algo que acabou por não acontecer.

4.3.5.3. Usos e Funções

O edificado que circunscreve esta praça tem essencialmente uma função comercial, residencial, restauração, escritórios e serviços. Importa acrescentar que esta marca o eixo do chamado Bairro das Antas, caracterizado pelo seu traçado regular e ricas construções, constituindo uma das zonas mais valorizadas ao nível do mercado imobiliário.

Enquanto espaço público, a praça desempenha as funções de espaço de circulação, passagem e lazer.

4.3.5.4. Configuração Morfológica

A Praça Francisco Sá Carneiro apresenta uma geometria semicircular com 653 metros de perímetro e 27270 metros quadrados de área. Possui uma relação central com as vias de comunicação, partindo dela quatro ruas, entre as quais a Avenida de Fernão Magalhães.

É revestida a lajeado de granito, relva e saibro e possui uma grande diversidade de elementos naturais, designadamente arborização de pequeno, médio e grande porte com implantação arbitrária, canteiros de flores e pequena vegetação. O espaço disponibiliza bancos, caixotes do lixo, wc e cabines telefónicas.

No centro da praça encontra-se um monumento de homenagem a Francisco Sá Carneiro, inaugurado em 1990, da autoria do escultor Gustavo Bastos.

Este espaço público ainda não experimentou qualquer alteração à sua configuração morfológica inicial.

4.3.5.5. Funcionamento/ Vivência Urbana

Apesar da sua localização periférica face ao centro da cidade, este espaço público é bastante frequentado, mesmo durante a semana. Efetivamente, durante o período de contagem estiveram na praça 94 pessoas, 43 das quais indivíduos do sexo masculino.

A Figura 4.50 apresenta, resumidamente, os dados obtidos através do mapa de comportamento deste espaço, que se encontra disponibilizado no Anexo III.

⁹ A redação da Evolução Histórica da Praça de Francisco Sá Carneiro teve por base o trabalho desenvolvido por Barbosa (2011)

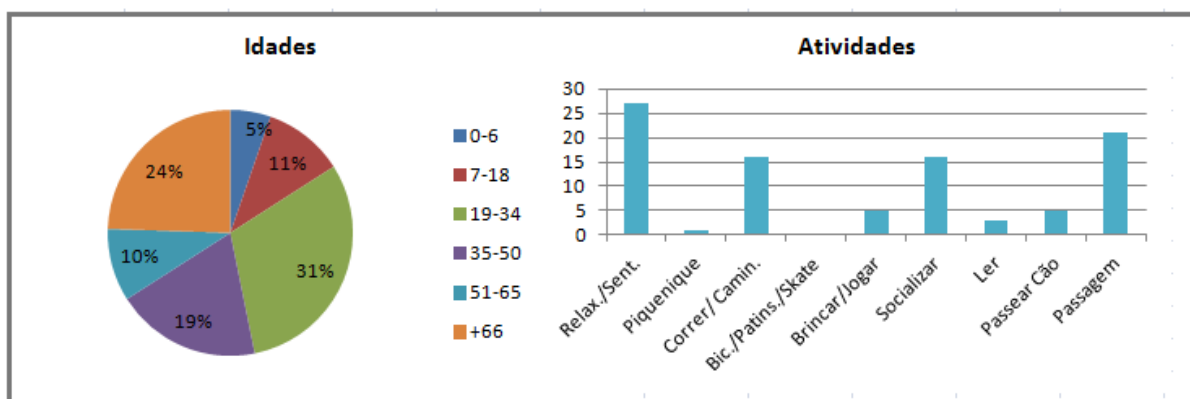


Figura 4.50 – Resultados do mapa de comportamento da Praça de Francisco Sá Carneiro

Tal como é possível visualizar na figura, os utilizadores deste espaço apresentavam idades bastante heterogéneas, sendo que os dois grupos etários mais visualizados foram os com idades superiores a 66 anos e os com idades compreendidas entre os 19 e os 34 anos. Estes dados são claros indicadores da harmonia intergeracional que foi possível presenciar neste espaço.

A Figura 4.51 exemplifica a atividade mais desenvolvida na praça: o relaxar/ sentar. Na praça, durante o período de contagem, desenvolveram-se também as atividades indicada na Figura 4.50. Tal como já foi dito anteriormente, este espaço apresenta também a função de circulação e passagem, tendo sido esta a segunda atividade mais registada.



Figura 4.51 – Vivência urbana da Praça Francisco Sá Carneiro

A disposição representada na Figura 4.52 é maioritariamente consequência da disposição dos bancos nesta praça. De facto, enquanto que na zona central se desenvolviam as atividades brincar, socializar, passear o cão, correr e caminhar, na sua envolvente decorriam as atividades de relaxar/sentar, ler e fazer piquenique, precisamente nos bancos de jardim aí disponibilizados.

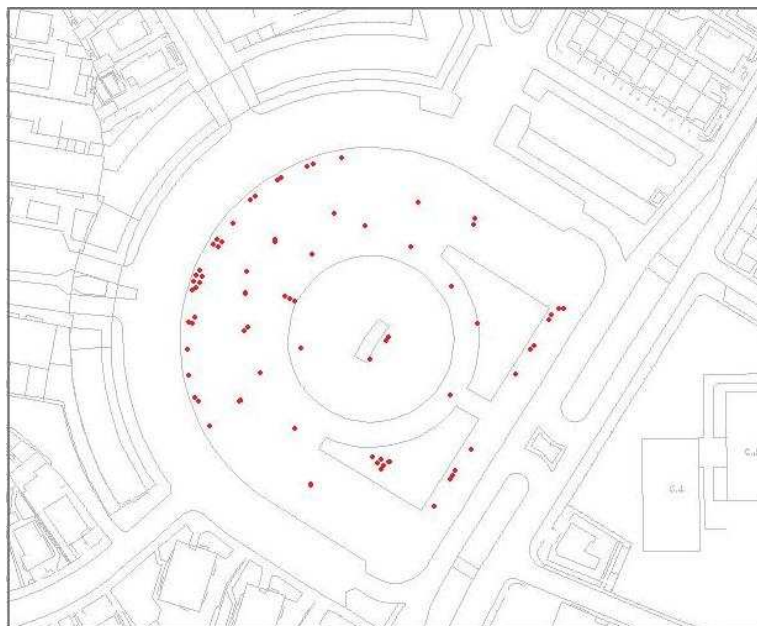


Figura 4.52 – Distribuição dos utilizadores na Praça Francisco Sá Carneiro

4.3.5.6. Permeabilidade

Sendo um espaço aberto e com vegetação não muito densa, a permeabilidade visual deste espaço está perfeitamente assegurada. É também possível aceder fisicamente à praça com facilidade, existindo a toda a volta um total de 6 passagens para peões.

4.3.5.7. Resiliência e Robustez

Tal como foi referido anteriormente, a Praça de Francisco Sá Carneiro não apresentou qualquer evolução desde a sua abertura sendo ainda hoje capaz de dar resposta às exigências de relaxe e lazer urbano dos utilizadores que a ela afluem.

De notar que, mesmo se encontrando numa zona mais periférica da cidade, este espaço continua a ser bastante utilizado durante os dias da semana, aspeto que se deve principalmente à grande variedade de atividades que se desenvolvem na envolvente.

4.3.6. ESPLANADA DO MOLHE

4.3.6.1. Identificação

A Esplanada do Molhe (4) (Figura 4.53 e 4.54), na frente marítima da cidade, localiza-se na freguesia de Nevogilde e constitui “*uma varanda que se lança sobre o mar, com extensões laterais*” (Barbosa, 2011). A criação deste terraço e dos jardins laterais, junto ao mar, deu-se no final da década de vinte do século passado, portanto, no segundo período morfológico.



Figura 4.53 – Esplanada do Molhe



Figura 4.54 – Localização da Esplanada do Molhe (software Google Earth e mapa de 2003)

4.3.6.2. Evolução Histórica¹⁰

A formação deste espaço encontra-se associada ao antigo molhe de Carreiros, que tinha uma importante função portuária até ao aparecimento do porto comercial de Leixões em 1908.

Vinte anos depois, em 1928, a Câmara municipal do Porto iniciou uma expropriação de alguns terrenos de forma a permitir a criação de um terraço e jardim junto ao mar, transformando assim este local num espaço público de recreio e lazer. As obras terão ficado concluídas em Abril de 1929.

¹⁰ A redação da Evolução Histórica da Esplanada do Molhe teve por base o trabalho desenvolvido por Barbosa (2011)

4.3.6.3. Usos e Funções

Relativamente aos usos e funções deste espaço público, este é utilizado como local de circulação e passagem, de lazer, desportivo, comercial, contemplando ainda uma evidente função paisagística. As funções comerciais e residencial são as predominantes na envolvente deste espaço.

4.3.6.4. Configuração Morfológica

Este espaço público, com geometria irregular e uma relação tangencial com a Avenida de Montevideu, apresenta cerca de 1470 metros de perímetro e 16700 metros quadrados de área.

É dotado de vários equipamentos: wc, telefones, bancos, caixotes do lixo, parque infantil, ciclovía, bar/café, painel informativo municipal.

Além da pérgola, visível na Figura 4.53, este espaço apresenta ainda uma escultura de 1934 de Américo Gomes designada “Homem do Leme” e uma fonte.

Embora este espaço não tenha experimentado alterações morfológicas profundas desde a sua génese, em 2001, os jardins foram alvo de uma ligeira intervenção de requalificação. A proximidade do mar foi contribuindo ao longo do tempo para a degradação do betão da pérgola que necessitou de ser reabilitada em 2005.

4.3.6.5. Funcionamento/ Vivência Urbana

Este espaço público, sendo bastante polivalente, tem um grande potencial como espaço de lazer, relaxe e desportivo.

No entanto, à semelhança do que acontece com o Jardim do Passeio Alegre (ponto 4.2.4), estando situado na zona ocidental da cidade, numa zona fundamentalmente residencial, a sua vivência urbana mais intensa ocorre fundamentalmente ao fim-de-semana, altura em que várias famílias se deslocam à zona ocidental da cidade especialmente para usufruir da sua costa marítima. Assim sendo, naturalmente que o funcionamento observado não corresponde ao seu máximo, ainda assim, durante o período de estudo estiveram neste espaço um total de 72 pessoas, 37 das quais do sexo feminino.

A Figura 4.55 apresenta, resumidamente, os dados obtidos através do mapa de comportamento deste espaço, que se encontra disponibilizado no Anexo III.

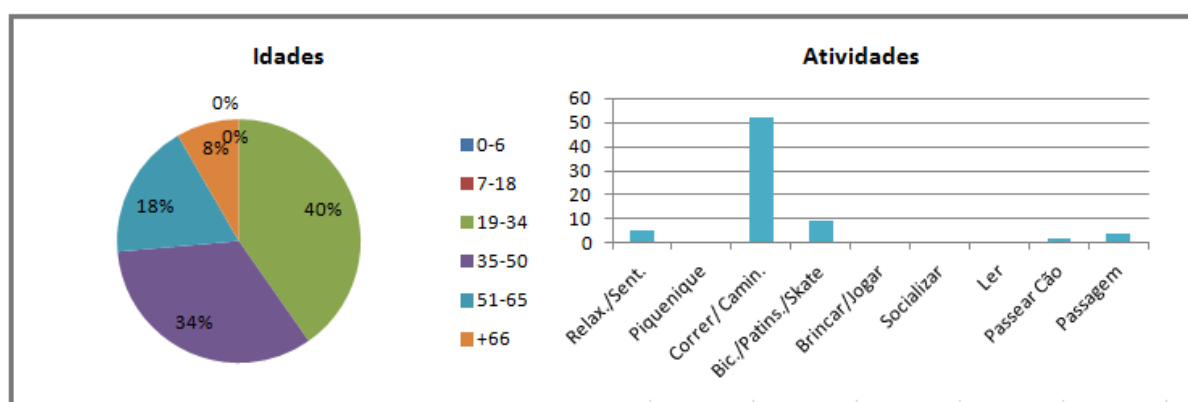


Figura 4.55 – Resultados do mapa de comportamento da Esplanada do Molhe

Tal como é possível observar no primeiro gráfico da Figura 4.55, mais de 70% dos utilizadores da praça tinham, idades compreendidas entre os 19 e os 50 anos, não tendo sido observada a presença de crianças no local. Este cenário é bastante díspar do que sucede durante o fim-de-semana onde a afluência de crianças a este local é bastante elevada.

Durante o período de contagem, a maioria dos utilizadores encontravam-se neste espaço a fazer exercício físico ou a caminhar, o que explica a expressividade desta atividade no segundo gráfico da Figura 4.55. A ciclovia existente neste espaço também estava a ser utilizada, sobretudo por pessoas que se deslocavam de bicicleta e patins. Estas atividades explicam o grande número de utilizadores ao longo do corredor lateral, visível na Figura 4.56. Note-se no entanto que, as pessoas que se encontravam a fazer exercício físico utilizavam o corredor lateral, enquanto que aquelas que se encontravam a passear, preferiam fazê-lo pelo interior do espaço junto aos jardins.

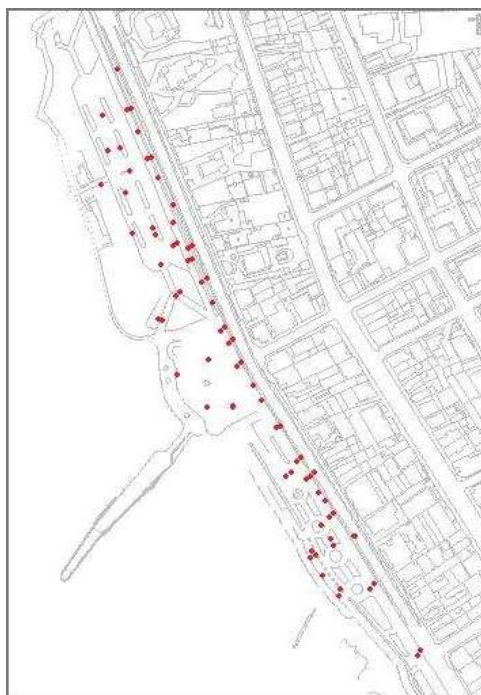


Figura 4.56 – Distribuição dos utilizadores na Esplanada do Molhe

É necessário realçar que, embora não se tenha registado um grande número de utilizadores sentados a relaxar, esta atividade tem grande destaque neste espaço, principalmente durante o fim-de-semana, pelas razões anteriormente explicadas.

A Figura 4.57 é um claro exemplo do potencial paisagístico e de lazer deste espaço público.



Figura 4.57 – Vivência urbana da Esplanada do Molhe

4.3.6.6. Permeabilidade

Sendo um espaço amplo e aberto, a sua permeabilidade visual está totalmente assegurada. Relativamente ao acesso físico, embora este espaço seja tangencial a uma avenida bastante movimentada da cidade, existem ao longo desta várias passagens de peões que permitem o acesso seguro a este espaço.

4.3.6.7. Resiliência e Robustez

Pelas características analisadas, este espaço apresenta um grande potencial de adaptabilidade ao longo do tempo. Efetivamente, pequenas alterações têm sido feitas neste sentido, tendo resultado muito bem, como é o caso da introdução da ciclovía e do parque infantil.

4.3.7. JARDIM DAS VIRTUDES

4.3.7.1. Identificação

O Jardim das Virtudes (142) (Figura 4.58 e 4.59), na freguesia de Miragaia, tem a grande virtude de se situar numa zona nobre do Porto: o seu centro histórico. Este jardim, localizado numa encosta, oferece uma vista ímpar sobre o Douro. Embora tenha sido recentemente reinaugurado, os limites deste jardim encontram-se cartografados, pela primeira vez, no mapa de 1892, pertencendo por isso ao segundo período morfológico da cidade.



Figura 4.58 – Jardim das Virtudes



Figura 4.59 – Localização do Jardim das Virtudes (software Google Earth e mapa de 2003)

4.3.7.2. Evolução Histórica

O Jardim das Virtudes desenvolve-se em socacos pelo vale onde corria o rio Frio. Este ribeiro, com nascente na Rua da Torrinha, devido ao desenvolvimento urbano acabou por ser totalmente encanado. Antigamente, passava pelo local onde hoje se encontra o Hospital de Santo António e abastecia o Chafariz das Virtudes (Camara Municipal do Porto, 2006).

Este chafariz, monumento nacional, é o *ex-libris* do Jardim das Virtudes. Construído em 1619, inseria-se no programa centenário de abastecimento de água à cidade que terá decorrido durante toda a idade média. Este terá sido concebido por Pantaleão de Seabra e Sousa, fidalgo da Casa Real e regedor da Cidade (IGESPAR, 2011).

4.3.7.3. Usos e Funções

Este jardim público é utilizado como espaço de lazer e relaxe. Na sua envolvente é possível encontrar edifícios de habitação, escolares e de serviços públicos.

4.3.7.4. Configuração Morfológica

O Jardim das Virtudes apresenta uma relação periférica com as vias de comunicação e uma geometria irregular que conta com uma área de cerca de 10000 metros quadrados e um perímetro de aproximadamente 650 metros.

É revestido maioritariamente por vegetação, havendo pequenas zonas onde se pode encontrar lajeado granítico. Este espaço disponibiliza vários bancos e caixotes do lixo. Os elementos naturais são diversificados apresentando vegetação de pequeno, médio e grande porte com implantação arbitrária, pequena vegetação e canteiros com flores.

Além do Chafariz das Virtudes, anteriormente mencionado, o jardim apresenta ainda várias outras fontes e miradouros.

Este espaço foi recuperado em 2003, tendo sido necessário sobretudo levar a cabo trabalhos de estabilização dos taludes e muros deste espaço.

4.3.7.5. Funcionamento/ Vivência Urbana

Com vista panorâmica sobre o rio Douro, este é um espaço público que convida a passear ou relaxar e desfrutar da sua tranquilidade. No entanto, o acesso a este espaço é um pouco escondido, fazendo com que a maioria dos utilizadores sejam residentes da envolvente.

Durante o período de contagem estiveram no jardim um total de 27 pessoas, 13 das quais do sexo feminino. O resumo da informação retirada do mapa de comportamento deste espaço, disponível no Anexo III, encontra-se na Figura 4.60.

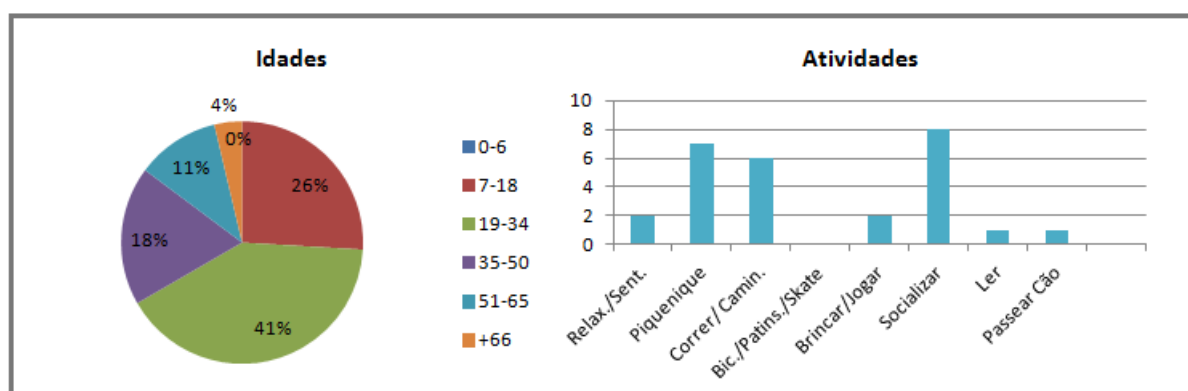


Figura 4.60 – Resultados do mapa de comportamento do Jardim das Virtudes

Tal como é possível visualizar na Figura 4.60, a maioria dos utilizadores deste espaço têm idades inferiores a 34 anos. A figura mostra igualmente que as atividades desenvolvidas neste jardim são bastante diversificadas, havendo uma predominância de pessoas a socializar, a fazer piquenique e a caminhar. Esta diversidade de atividades é indício da multifuncionalidade deste espaço que, apesar de não ter muitos utilizadores, acaba por ter uma vivência urbana tranquila e diversificada. A Figura 4.61 é exemplo de uma das atividades observadas neste espaço.

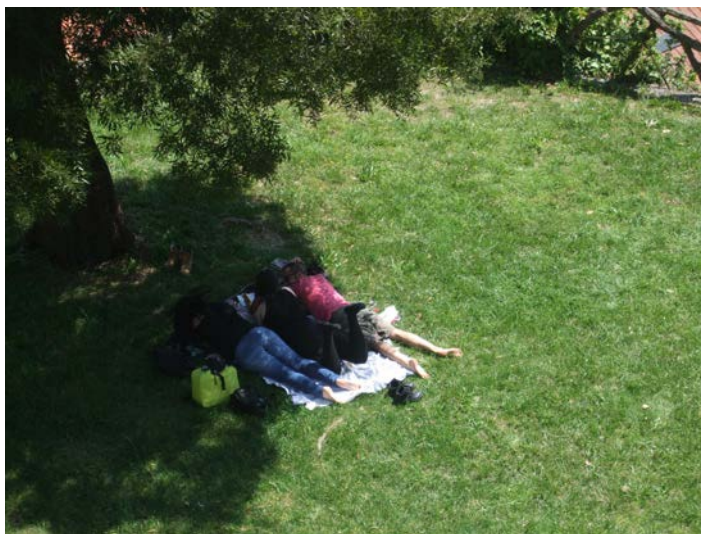


Figura 4.61 – Vivência urbana do Jardim das Virtudes

A Figura 4.62 permite constatar que sendo um espaço verde amplo, aberto e multifuncional, apresenta quase a totalidade da sua área disponível para o desenvolvimento das várias atividades urbanas, acabando por se verificar que estes se fixaram de modo disperso, em grupos que dificilmente interagem uns com os outros. Constitui um espaço onde é possível obter uma maior privacidade e isolamento da cidade envolvente.

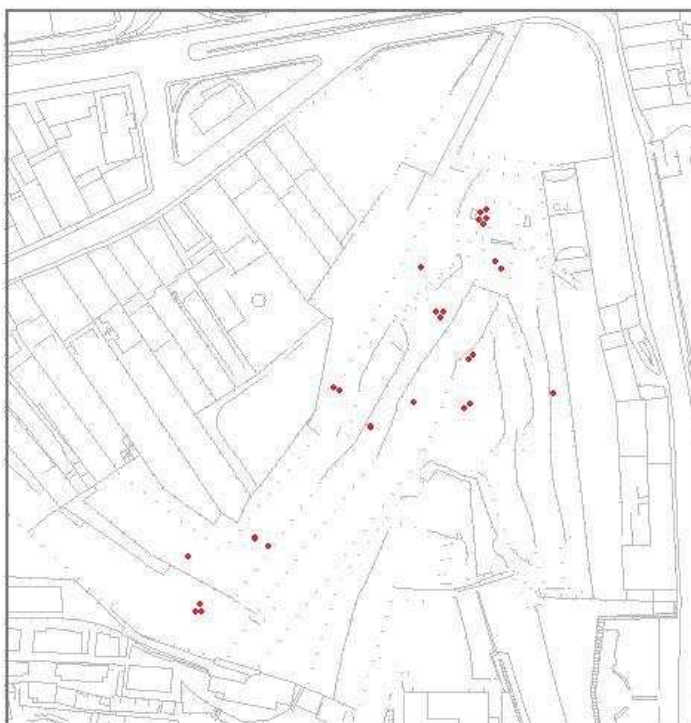


Figura 4.62 – Distribuição dos utilizadores no Jardim das Virtudes

4.3.7.6. Permeabilidade

A permeabilidade é um dos aspetos mais frágeis deste jardim. Efetivamente tanto a permeabilidade física como a visual apresentam debilidades.

O acesso físico a este espaço não é fácil. Apesar de possuir duas entradas, uma delas encontrava-se fechada e a outra é feita através de um pequeno portão no Largo do Viriato.

Estando numa encosta, numa zona densa da cidade, a sua visualização a partir do exterior não é fácil, sobretudo devido à não existência de vias de comunicação tangenciais a este espaço. O facto de ser aos socacos também faz com que seja impossível a visualização total do jardim.

4.3.7.7. Resiliência e Robustez

Apesar das suas fragilidades ao nível da permeabilidade, o Jardim das Virtudes é um bonito e multifuncional espaço verde centenário da cidade, utilizado por várias faixas etárias da população, sobretudo jovens.

Naturalmente que apresenta algumas limitações devido à sua topografia, mas a recente intervenção veio trazer melhorias neste sentido.

A localização é um dos principais pontos fortes deste espaço que peca sobretudo pelo seu difícil acesso físico e falta de sinalização.

4.4. ESPAÇOS PÚBLICOS COM GÉNESE NO 3º PERÍODO MORFOLÓGICO

4.4.1. PRAÇA DE D. AFONSO V

4.4.1.1. Identificação

A Praça de D. Afonso V (28) (Figura 4.63 e 4.64) localiza-se na freguesia da Foz do Douro, tangencialmente à rua do Professor Luís de Pina. Este espaço aparece pela primeira vez cartografado no mapa de 1978, fazendo parte do grupo de espaços públicos com génese no terceiro período morfológico.



Figura 4.63 – Praça de D. Afonso V



Figura 4.64 – Localização da Praça de D. Afonso V (software Google Earth e mapa de 2003)

4.4.1.2. Evolução Histórica

A Praça de D. Afonso V, pertencendo ao último período morfológico, não possui ainda nenhuma evolução histórica digna de realce.

O nome desta praça pretende homenagear o décimo-segundo rei de Portugal, D. Afonso V, cognominado o *Africano* devido às suas conquistas no Norte de África.

4.4.1.3. Usos e Funções

Esta praça é principalmente utilizada como espaço de passagem, possuindo na sua envolvente edifícios de habitação, comércio e restauração.

4.4.1.4. Configuração Morfológica

A Praça D. Afonso V possui uma geometria retangular com aproximadamente 970 metros quadrados de área e um perímetro de 143 metros. Tem uma localização tangencial face á rua do Professor Luís de Pina, perpendicular à avenida Marechal Gomes da Costa.

É revestida por cubos de calcário e basalto, que configuram padrões circulares e relativamente a elementos naturais possui apenas arborização de grande e pequeno porte. A praça possui ainda dois bancos de pedra e caixotes do lixo.

Não tendo ainda experimentado quaisquer alterações morfológicas desde a sua génese, esta praça é atualmente alvo de críticas por parte dos moradores da envolvente, estando em curso um abaixo-assinado para alterar algumas das suas características morfológicas. Segundo estes “a ideia é tornar a praça mais verde, tem pouca iluminação e, como está, ninguém usufrui do espaço” (Jornal de Notícias, 2010).

4.4.1.5. Funcionamento/ Vivência Urbana

Durante o período de contagem, as 13 pessoas que afluíram á praça, 7 delas do sexo feminino, fizeram-no meramente de passagem, como mostra o resumo dos dados retirados do mapa de

comportamento deste espaço, presentes na Figura 4.65. O mapa de comportamento desta praça encontra-se disponibilizado no Anexo III.

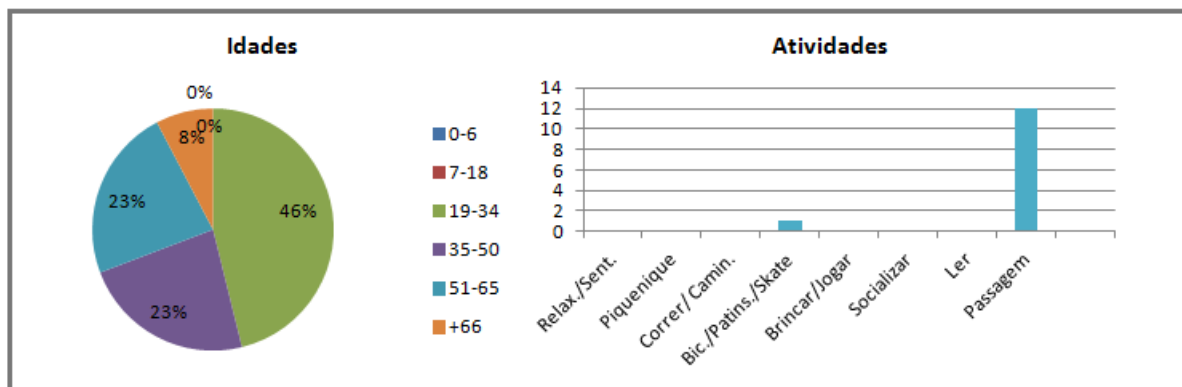


Figura 4.65 – Resultados do mapa de comportamento da Praça D. Afonso V

Importa realçar que este é o único dos dezassete espaços estudados que não constituiu local de permanência para nenhum dos seus utilizadores o que contribui naturalmente para o empobrecimento da sua vivência urbana.

No edifício que limita um dos lados da praça existe uma pequena esplanada que ocupa uma parcela da praça, no entanto, também esta se encontrava vazia durante o período de estudo.

Assim sendo, o esquema de distribuição deste espaço (Figura 4.66) acaba por não trazer nada de novo a este análise uma vez que o único utilizador representado encontrava-se a andar de bicicleta pelo que a localização representada traduz apenas o momento em que este foi contabilizado no mapa de comportamento.

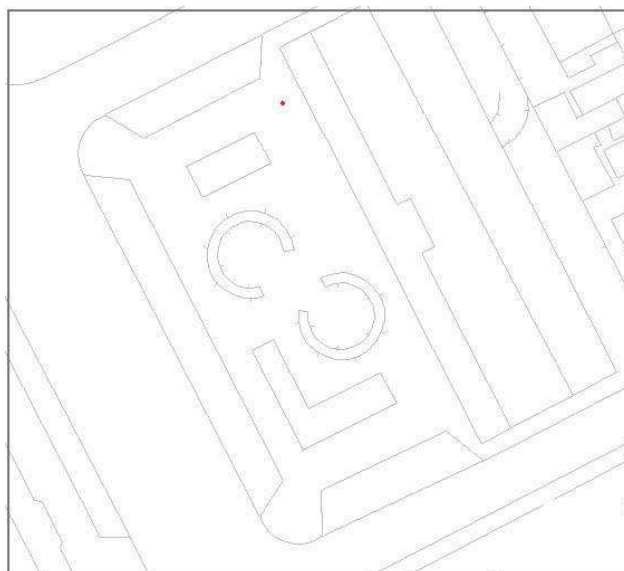


Figura 4.66 – Distribuição dos utilizadores na Praça D. Afonso V

4.4.1.6. Permeabilidade

A praça encontra-se perfeitamente acessível fisicamente, sendo igualmente visível à distância. No entanto, os bancos encontram-se voltados um para o outro, tangencialmente a canteiros de flores com uma grande altura que impedem a visualização desta zona da praça, tornando-a menos apetecível.

4.4.1.7. Resiliência e Robustez

Sendo um espaço relativamente recente não há ainda muito que se possa dizer acerca da sua resiliência. No entanto, o estudo efetuado vai ao encontro das críticas tecidas pelos moradores e comerciantes da envolvente que, tal como já foi referido, consideram que o espaço atualmente se encontra desprovido de uso, significado e apropriação urbana.

4.4.2. JARDINS DO EDIFÍCIO MOTA GALIZA

4.4.2.1. Identificação

Os Jardins do Edifício Mota Galiza (100) (Figura 4.67 e 4.68) localizam-se na freguesia de Massarelos, na rua Júlio Dinis, tendo sido construídos no mesmo ano do edifício com o mesmo nome, ou seja, há aproximadamente doze anos. Assim, estes jardins fazem parte do conjunto de espaços públicos com génese no terceiro período morfológico.



Figura 4.67 – Jardins – Edifício Mota Galiza



Figura 4.68 – Localização dos Jardins do Edifício Mota Galiza (software Google Earth e mapa de 2003)

4.4.2.2. Evolução Histórica

Sendo um espaço público com pouco mais de uma década ainda não existem factos históricos a destacar.

No entanto, relativamente á sua génese, poderá dizer-se que este espaço é um claro exemplo da tendência atual de projetar espaços públicos com o objetivo de valorização do imobiliário envolvente no imediato, funcionando simultaneamente como uma espécie de compensação de massa não construída, em contraponto à elevada densidade habitacional, respondendo assim à obrigatória salvaguarda de espaço público para uso da população residente.

4.4.2.3. Usos e Funções

Estes jardins são usados como local de lazer, relaxe e passagem, sendo a sua envolvente composta por edifícios de habitação, serviços, comércio e educação.

4.4.2.4. Configuração Morfológica

Este espaço público está disposto tangencialmente às vias de comunicação envolventes, apresentando uma geometria irregular com cerca de 8580 metros quadrados de área e 440 metros de perímetro.

Encontra-se revestido com vegetação e cubo granítico, apresentando uma fonte (desativada), bancos de jardim e caixotes do lixo. Relativamente a elementos naturais é possível visualizar neste espaço arborização de grande, médio e pequeno porte, relvado e pequena vegetação.

Desde a sua génese, não experimentou ainda quaisquer alterações à sua configuração morfológica inicial.

4.4.2.5. Funcionamento/ Vivência Urbana

Durante o período de contagem, estiveram na praça um total de 37 pessoas, 14 das quais do sexo feminino. A Figura 4.69 procura sintetizar os dados obtidos através do mapa de comportamento deste espaço. Este encontra-se disponibilizado no Anexo III.

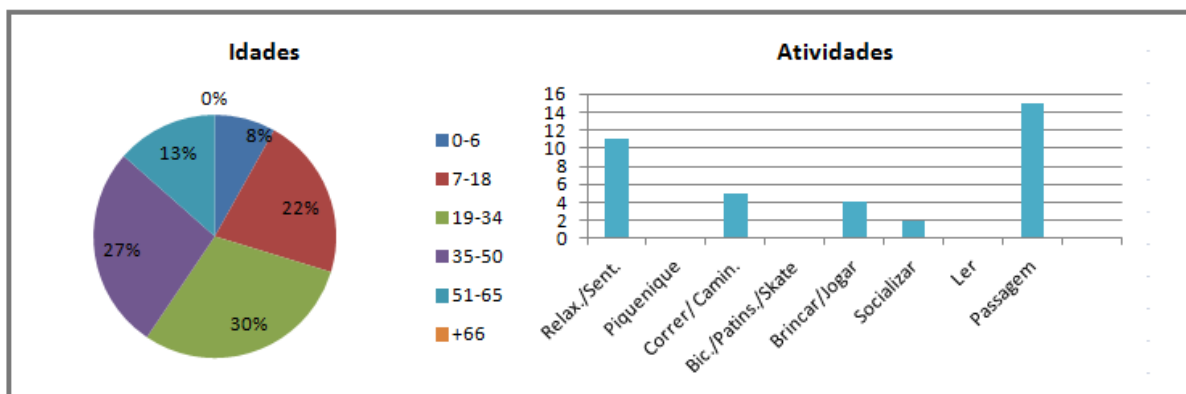


Figura 4.69 – Resultados do mapa de comportamento dos Jardins do Edifício Mota Galiza

Tal como é possível visualizar na Figura 4.66, 30% dos utilizadores deste espaço têm idades inferiores a 18 anos, algo que poderá ser explicado pela proximidade a edifícios escolares, bem como pela multifuncionalidade das áreas relvadas destes jardins.

No segundo gráfico da Figura 4.69 verifica-se que 15 dos 37 utilizadores deste espaço encontravam-se de passagem, tendo sido esta a atividade mais observada, seguindo-se a atividade relaxar/sentar. Na Figura 4.70 é possível visualizar estas duas atividades.



Figura 4.70 – Vivência urbana dos Jardins do Edifício Mota Galiza

A distribuição dos utilizadores neste jardim encontra-se representada na Figura 4.71, onde é possível observar que a maior parte dos utilizadores encontram-se na zona norte do jardim. A maior parte dos utilizadores formam pequenos grupos localizados principalmente em zonas onde existem bancos de jardim, ou pequenos muros que servem para o efeito. O relvado central confere a este espaço um carácter mais multifuncional, tendo-se observado nele crianças a correr e a brincar livremente.

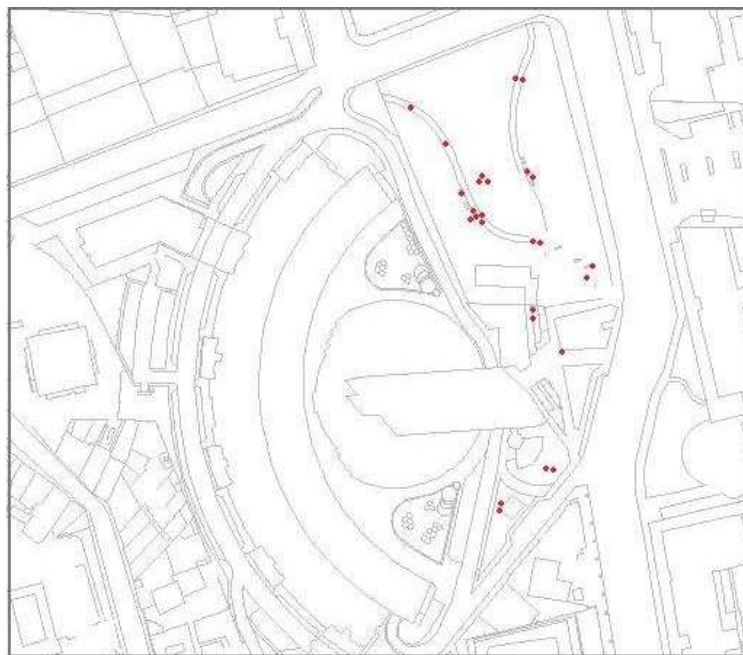


Figura 4.71 – Distribuição dos utilizadores nos Jardins do Edifício Mota Galiza

4.4.2.6. Permeabilidade

O espaço é perfeitamente acessível quer fisicamente como visualmente, pelo que a permeabilidade deste está perfeitamente assegurada.

4.4.2.7. Resiliência e Robustez

O espaço ainda é relativamente recente para se poder retirar alguma conclusão quanto á sua resiliência, no entanto, a sua multifuncionalidade contribui positivamente para a sua robustez.

Note-se, porém, que o facto da fonte ter claros indícios de abandono indicia que, muitas vezes, estes espaços criados por imposição e com objetivos de valorização imobiliária, acabam por negligenciar a questão da manutenção a longo prazo que poderá ter como consequência a degradação destes espaços.

4.4.3. JARDIM DA PENA

4.4.3.1. Identificação

O Jardim da Pena (144) (Figura 4.72 e 4.73) é um dos mais recentes jardins da cidade do Porto, tendo sido inaugurado em 2002. Localizado na freguesia de Massarelos, este pequeno jardim proporciona uma vista panorâmica sobre as encostas do Douro.



Figura 4.72 – Jardim da Pena



Figura 4.73 – Localização do Jardim da Pena (software Google Earth e mapa de 2003)

4.4.3.2. Evolução Histórica

Este jardim, com apenas uma década de existência, veio reabilitar um antigo espaço degradado de construções clandestinas.

4.4.3.3. Usos e Funções

O Jardim da Pena é um espaço de relaxe. Na sua envolvente, além de edifícios com uso habitacional, encontra-se também a Faculdade de Letras da Universidade do Porto e uma pequena esplanada.

4.4.3.4. Configuração Morfológica

Este espaço apresenta uma geometria irregular, com 1200 metros quadrados de área e um perímetro de cerca de 160 metros. É tangencial à rua da Pena.

Não apresenta elementos evocatórios e é revestido a saibro e relvado. Em relação a elementos naturais é possível encontrar neste espaço arborização de grande, pequeno e médio porte, bem como pequena vegetação. Este espaço é ainda dotado de bancos de jardim.

4.4.3.5. Funcionamento/ Vivência Urbana

Sendo um jardim pequeno, que apresenta unicamente bancos de jardim, acaba por se tornar um espaço demasiado rígido em termos funcionais, repercutindo-se na sua vivência urbana. Efetivamente, durante o período de contagem estiveram presentes neste espaço apenas 7 pessoas, 3 delas do sexo feminino.

Os dados retirados do mapa de comportamento deste espaço, disponível no Anexo III, encontram-se resumidos na Figura 4.74.

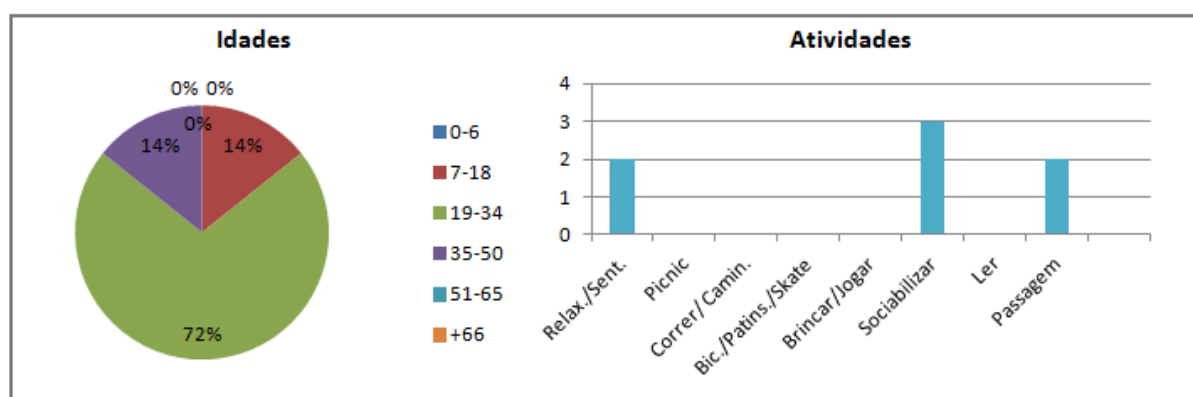


Figura 4.74 – Resultados do mapa de comportamento do Jardim da Pena

Tal como é possível visualizar na Figura 4.74, os utilizadores deste espaço eram maioritariamente jovens o que pode ser facilmente explicado pela proximidade à instituição de ensino superior.

Note-se que das 7 pessoas que se encontravam no local, 2 estavam de passagem, reduzindo para 5 o número de utilizadores que permaneceram efetivamente neste espaço.

Tendo em conta as características da envolvente e tendo-se constatado que a esplanada mais próxima estava com um bom índice de ocupação, seria de esperar que o mesmo acontecesse neste jardim.

A Figura 4.75 mostra um utilizador do jardim, a relaxar num dos bancos que este disponibiliza e a Figura 4.76 permite mostrar a distribuição no espaço dos seus 5 utilizadores.



Figura 4.75 – Vivência urbana do Jardim da Pena

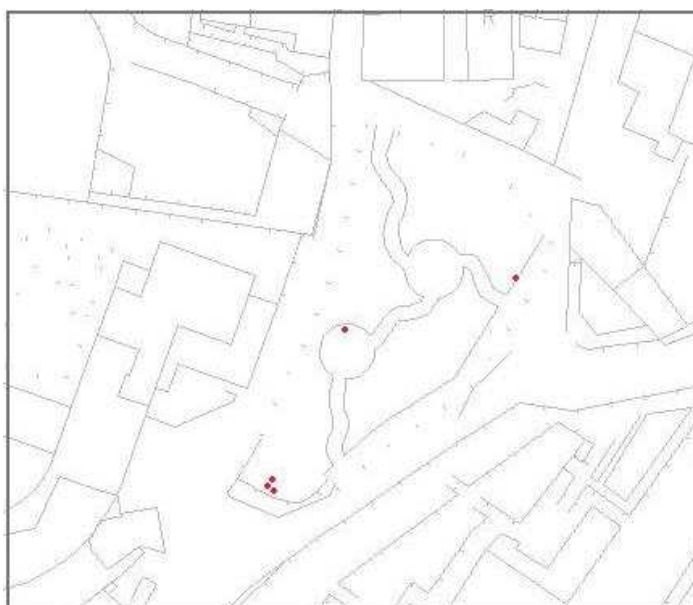


Figura 4.76 – Distribuição dos utilizadores no Jardim da Pena

Tal como é visível na Figura 4.76, três dos utilizadores encontravam-se a conversar junto a uma das entradas do jardim, enquanto que os dois utilizadores que utilizavam este espaço para relaxar optaram por utilizar dois dos bancos disponíveis.

4.4.3.6. Permeabilidade

A reduzida vivência urbana deste espaço poderá não estar apenas relacionada com a sua rigidez. Efetivamente as suas permeabilidades física e visual estão aquém daquilo que seria desejável. O jardim encontra-se a uma cota mais elevada do que a rua da Pena o que faz com que de longe este espaço pareça apenas um grande muro de pedra. Por outro lado, o próprio acesso físico é difícil,

fazendo-se através de ruas muito estreitas. Além disso o jardim encontra-se rodeado por um muro de pedra a toda a volta, havendo apenas duas entradas, uma delas muito estreita.

4.4.3.7. Resiliência e Robustez

Embora este espaço seja ainda relativamente recente, apresenta já alguns sinais de degradação, nomeadamente algum lixo no chão. Efetivamente, tendo em conta as potencialidades da envolvente, seria de esperar que este espaço tivesse uma vivência urbana diferente daquela que foi observada. Num futuro próximo, será conveniente que este espaço seja repensado com base nos seus potenciais utilizadores.

4.4.4. PARQUE URBANO DA PASTELEIRA

4.4.4.1. Identificação

O Parque Urbano da Pasteleira (145) (Figura 4.77 e 4.78) localiza-se na freguesia de Lordelo do Ouro. É dividido em duas parcelas pela rua de Afonso de Paiva, ligadas por três pontões em madeira. Este parque constitui uma importante estrutura verde da cidade que pretende dar resposta às necessidades da população envolvente quanto a recreio, lazer, contacto e conhecimento com a Natureza. Tendo sido inaugurado em 2001, este parque urbano faz parte do conjunto de espaços públicos com génese no terceiro período morfológico.



Figura 4.77 – Parque Urbano da Pasteleira



Figura 4.78 – Localização do Parque Urbano da Pasteleira (software Google Earth e mapa de 2003)

4.4.4.2. Evolução Histórica

Antes da reconversão deste espaço em 2001, este era designado por Mata da Pasteleira e aqui se encontravam inúmeras habitações de génese ilegal.

4.4.4.3. Usos e Funções

O Parque Urbano da Pasteleira é um espaço público de lazer e recreio, multifacetado, vocacionado para a prática desportiva e lúdico-cultural.

Na sua envolvente encontram-se edifícios de habitação, alguns deles de habitação social, escolares e ainda um centro de dia.

4.4.4.4. Configuração Morfológica

O Parque Urbano da Pasteleira apresenta uma geometria irregular com cerca de 80 mil metros quadrados de área.

Como revestimentos é possível encontrar o asfalto, o cubo granítico e o saibro mas a maioria deste espaço é relvado. Efetivamente, este parque, inspirado nas paisagens naturais, aproveitou uma considerável parte da mata existente, sobretudo na parcela nascente onde a arborização é mais densa. É possível encontrar uma grande diversidade de elementos naturais, com privilégio pela flora portuguesa: arborização de grande, pequeno e médio porte, sobretudo pinheiros bravos e sobreiros, pequena vegetação e canteiros de flores.

Este parque encontra-se dotado de vários equipamentos tais como mesas de piquenique, bancos, dois parques infantis, bebedouros, caixotes do lixo e ainda um equipamento destinado a ser uma cafeteria de apoio aos utilizadores do parque, que acabou por nunca ter sido utilizada, apresentando já evidentes sinais de degradação. Além destes, o parque tem ainda um grande lago artificial, contemplando ainda parte da ciclovia que liga o Parque da Cidade à ciclovia da Foz.

4.4.4.5. Funcionamento/ Vivência Urbana

Sendo um espaço grande e multifuncional, atrai principalmente moradores da zona envolvente que afluem ao parque para desenvolver atividades diversificadas. Durante o período de contagem

estiveram no parque um total de 73 pessoas, 28 das quais do sexo feminino. Na Figura 4.79 encontra-se representada a distribuição por idades dos utilizadores deste espaço bem como as atividades observadas. O seu mapa de funcionamento encontra-se disponibilizado no Anexo III.

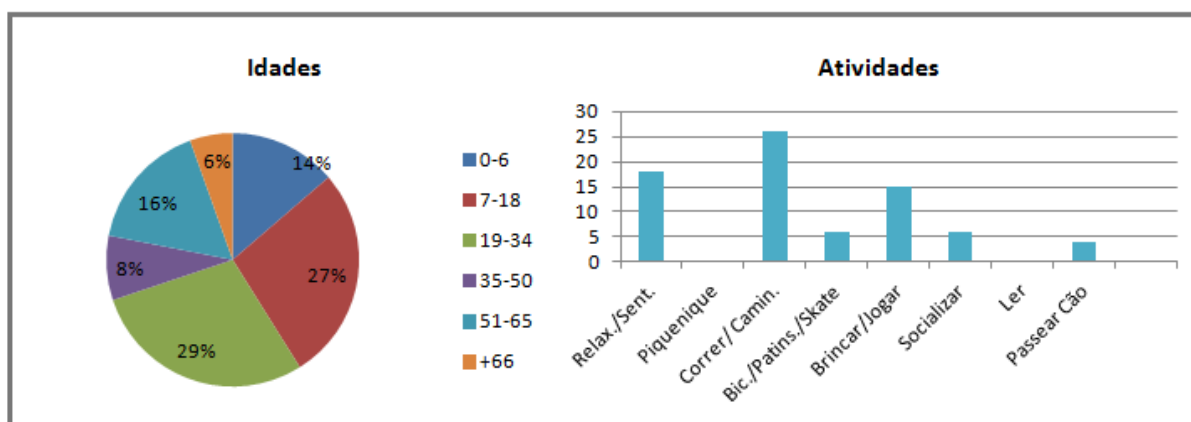


Figura 4.79 – Resultados do mapa de comportamento do Parque Urbano da Pasteleira

Tal como é possível observar no primeiro gráfico da Figura 4.79, mais de 40% dos utilizadores deste espaço tinham idades inferiores a 18 anos o que poderá ser explicado pela proximidade a edifícios com uso escolar. Importa igualmente acrescentar que este espaço é bastante atrativo para as crianças possuindo, além de grandes áreas relvadas para brincar e jogar, dois parques infantis, um deles representado na Figura 4.80.

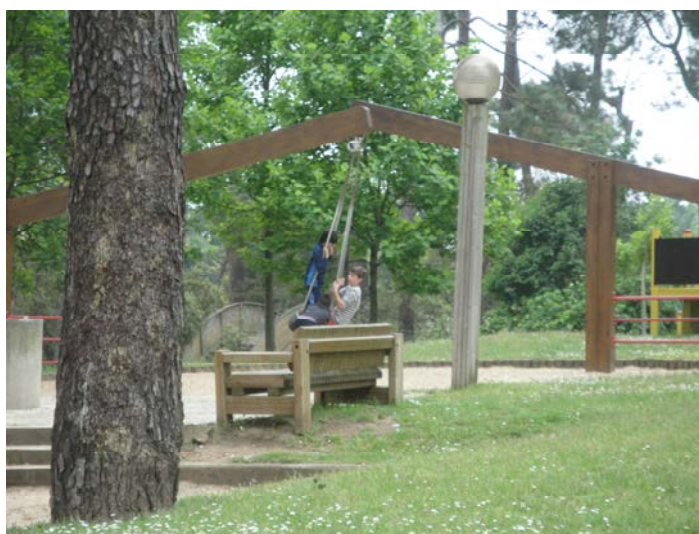


Figura 4.80 – Vivência urbana do Parque Urbano da Pasteleira

As atividades mais observadas neste espaço foram o correr/ caminhar e o relaxar/sentar, tendo também sido observado um considerável número de pessoas a socializar, a andar de bicicleta e a brincar. A distribuição dos utilizadores contabilizados encontra-se representada na Figura 4.81.

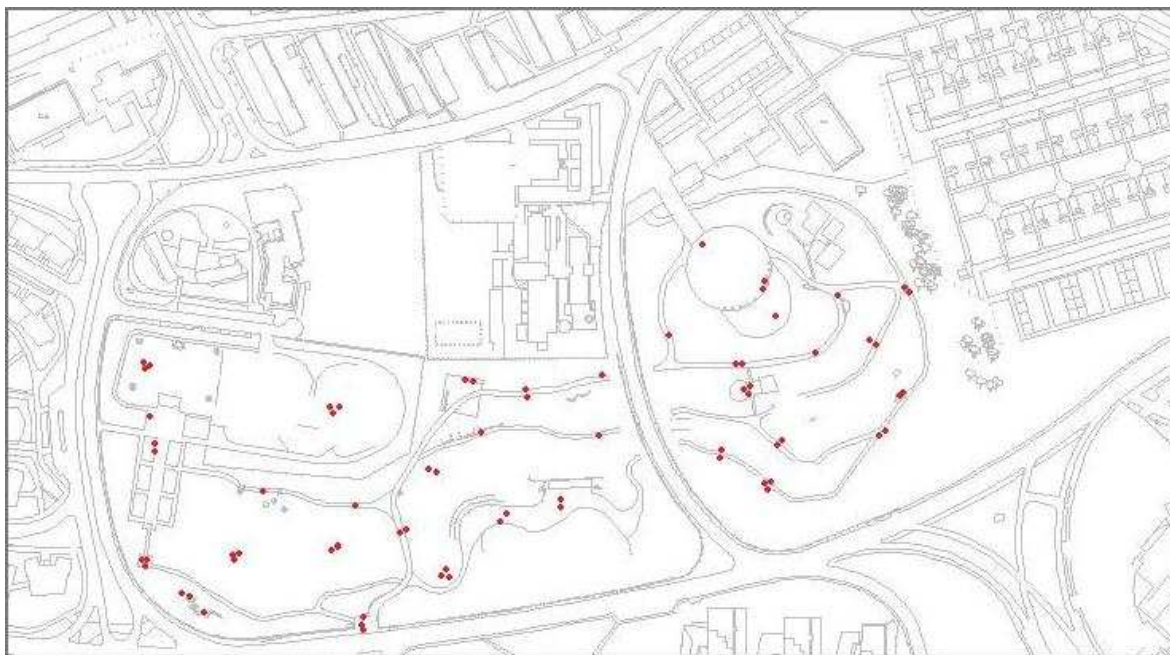


Figura 4.81 – Distribuição dos utilizadores no Parque Urbano da Pasteleira

Tal como é possível observar na Figura 4.81, sendo este um espaço amplo, os seus utilizadores tendem a apresentar uma distribuição dispersa, dando a ideia de procura de um espaço calmo como refúgio à cidade envolvente. A maioria dos utilizadores definia pequenos grupos. Os que se encontravam a relaxar faziam-no não só nos bancos de jardim como também nas zonas relvadas, já os que se encontravam a fazer exercício físico ou andar de bicicleta optaram por utilizar os caminhos traçados ao longo do parque.

Foi possível observar que as crianças presentes no espaço utilizavam não só os parques infantis para brincarem, como também as zonas relvadas.

Foi possível observar igualmente que cerca de um terço dos utilizadores optaram por se fixar em zonas junto ao lago existente, ou onde este seja visível.

A diversidade de atividades presenciadas bem como a presença de pessoas de várias faixas etárias vem reforçar a ideia da multifuncionalidade e atratividade deste pulmão da cidade.

4.4.4.6. Permeabilidade

Tendo em conta a área do espaço é natural que o seu interior não seja totalmente visível do exterior, no entanto a grande massa verde deste parque é perfeitamente visível á distância. O acesso físico a este espaço é fácil, existindo várias entradas em ambas as parcelas.

4.4.4.7. Resiliência e Robustez

Embora se tenha registado um elevado número de utilizadores deste espaço, dadas as suas dimensões, o parque poderia acomodar perfeitamente mais pessoas. Além disso, apesar de ser um espaço recente apresenta já alguns sinais de degradação visíveis não só na suposta cafetaria como também em outros equipamentos que contém já *grafitis*.

A multifuncionalidade deste espaço aliada à estreita relação com os diversos elementos naturais destacam-se enquanto fatores claramente positivos que contribuem determinantemente para a robustez deste espaço.

4.4.5. PARQUE DE SÃO ROQUE

4.4.5.1. Identificação

O Parque de São Roque (146) (Figura 4.82 e 4.83), antiga Quinta da Lameira, situado na Freguesia de Campanhã, foi aberto ao público em Julho de 1979, tornando-se desde então um autêntico pulmão da zona oriental da Cidade.



Figura 4.82 – Parque de São Roque



Figura 4.83 – Localização do Parque de São Roque (software Google Earth e mapa de 2003)

4.4.5.2. Evolução Histórica

A antiga Quinta da Lameira, hoje Parque de São Roque, pertencia à família Cálem, tendo sido adquirida pela Câmara Municipal em 1979 ao então proprietário António Ramos Pinto Cálem. Embora tenha sido nesse ano aberto ao público, este ficou durante alguns anos ao abandono só vindo a ser

recuperado e melhorado em 1993. O parque mantém ainda alguns elementos da antiga quinta tais como fontes e miradouros (Barbosa e Dias, 2006).

4.4.5.3. Usos e Funções

O Parque de São Roque é hoje um importante pulmão da zona oriental da cidade, funcionando como um local de lazer e circulação. Na sua envolvente é possível encontrar a Quinta da Bela Vista, o Complexo Desportivo do Monte Aventino e ainda vários edifícios com função habitacional.

4.4.5.4. Configuração Morfológica

O Parque de São Roque consiste num espaço verde com cerca de 40 mil metros quadrados, confrontado a norte com a travessa das Antas, a nascente com a Quinta da Bela Vista e a sul com a rua de São Roque da Lameira.

É revestido a cubo granítico e saibro possuindo uma grande diversidade de elementos naturais. De facto, para além da arborização de grande, médio e pequeno porte, há ainda a acrescentar inúmeros jardins, onde se encontram várias aves com destaque para o chapim azul, e onde se pode desfrutar dos pomares, sebes labirínticas, repuxos e fogaréus, entre outros elementos muito em voga no século XIX.

O parque possui ainda pequenos lagos, grutas, bancos, mesas de piquenique, sanitários, bebedouros e caixotes do lixo.

4.4.5.5. Funcionamento/ Vivência Urbana

Durante o período de contagem estiveram neste parque um total de 57 pessoas, 23 das quais do sexo feminino. Interessante notar a diversidade de atividades observadas, traduzindo-se numa interessante dinâmica urbana.

A Figura 4.84 apresenta resumidamente os resultados do mapa de comportamento deste espaço que poderá ser encontrado no Anexo III.

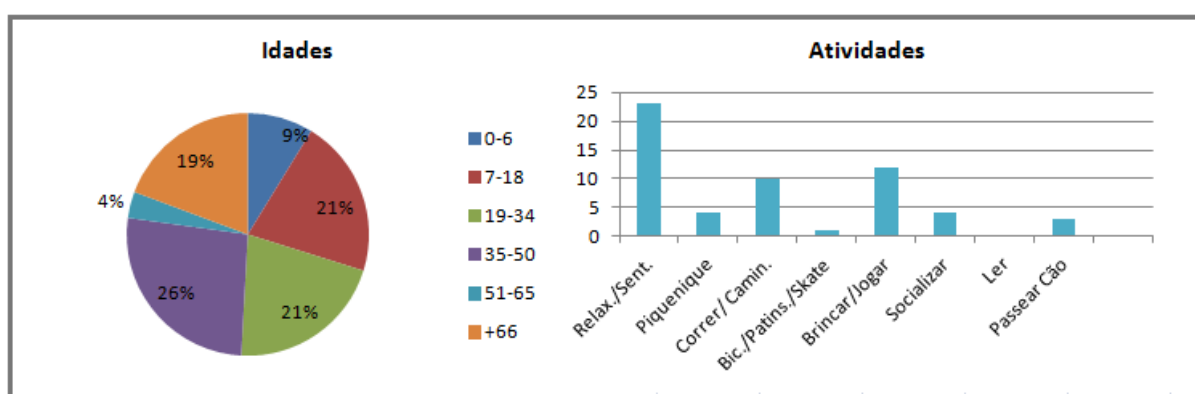


Figura 4.84 – Resultados do mapa de comportamento do Parque de São Roque

Os resultados do mapa de comportamento permitem atestar a diversidade de atividades observadas, estando o relaxar/sentar, o correr/caminhar e o brincar/jogar no topo das atividades mais

testemunhadas. Outro resultado interessante prende-se com a presença no espaço de utilizadores de várias faixas etárias, tal como é possível verificar no primeiro gráfico da Figura 4.84.

A Figura 4.85 é representativa da dinâmica urbana observada neste espaço público e a Figura 4.86 mostra a distribuição dos utilizadores pelo espaço.



Figura 4.85 – Vivência urbana do Parque de São Roque

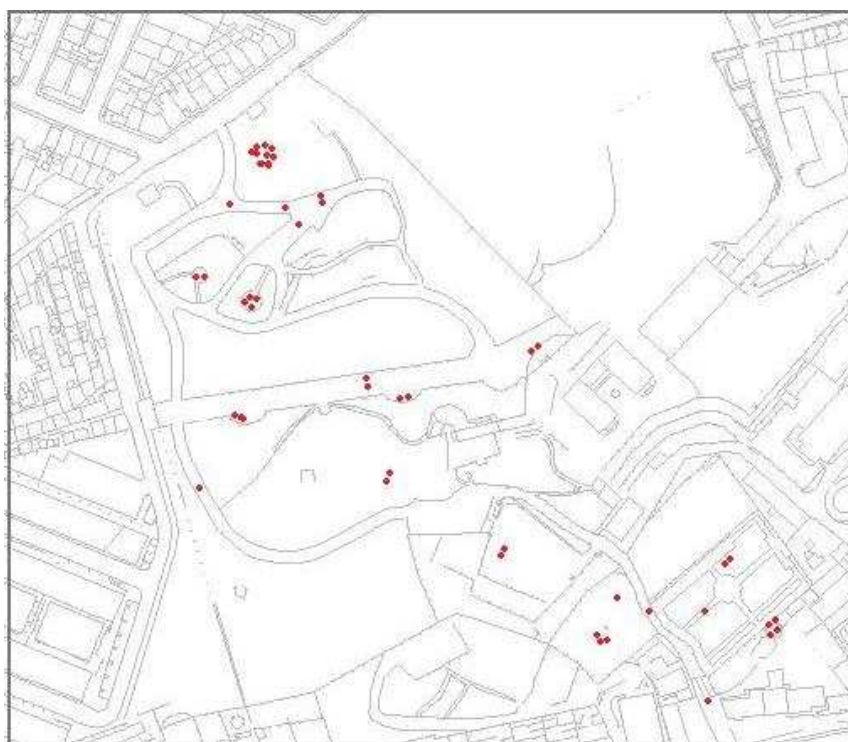


Figura 4.86 – Distribuição dos utilizadores no Parque de São Roque

Note-se que, á semelhança do que se verificou no Parque urbano da Pasteleira, também aqui os utilizadores formam, na sua maioria, pequenos grupos que se distribuem de forma dispersa pelo parque.

De referir que esta distribuição é igualmente consequência da disposição do mobiliário urbano existente e dos vários subespaços. Efetivamente, todas as pessoas que se encontravam a relaxar faziam-no nos bancos de jardim existentes, as que estavam a fazer piquenique utilizaram as mesas para o efeito. O único espaço relvado existente, junto ao labirinto, foi o escolhido para brincar e jogar á bola. Note-se igualmente que o labirinto constitui, de facto, um *ex-líbris* deste espaço, tendo sido o único espaço que, durante o período de contagem, apresentou sempre utilizadores que curiosamente não eram apenas crianças.

4.4.5.6. Permeabilidade

Este espaço público peca pela sua reduzida permeabilidade visual e física. Efetivamente, apresenta a toda a volta um alto muro de pedra que impossibilita a visualização para o interior do espaço. Quanto ao acesso físico, este poderá ser feito a partir de duas entradas situadas em ruas estreitas e pouco movimentadas.

4.4.5.7. Resiliência e Robustez

Este espaço, tendo sido anteriormente uma quinta privada, demonstrou ser capaz de se adaptar perfeitamente á função de espaço público de lazer, tendo mantido alguns pormenores da sua anterior função, tais como fontes e miradouros.

Sendo um espaço frondoso e com uma grande área, torna-se um espaço multifuncional e agradável, atraindo pessoas de várias faixas etárias.

No futuro, seria interessante reutilizar o edifício da antiga quinta que começa a manifestar sinais de degradação, tal como ilustra a Figura 4.87.



Figura 4.87 – Edifício da antiga Quinta da Lameira

4.5. SÍNTESE

Ao longo deste capítulo estudou-se os 17 espaços públicos constituintes da amostra com base nos critérios previamente definidos. Esta análise foi organizada por períodos morfológicos.

Para este estudo foi indispensável a observação dos espaços *in loco* o que permitiu dar respostas aos vários parâmetros associados aos usos e funções, configuração morfológica, permeabilidade e funcionamento e vivência urbana. Efetivamente, foi nesta última categoria onde o trabalho de observação se revelou mais fulcral e interessante.

Fazendo um balanço do trabalho de campo, as principais dificuldades estiveram associadas aos espaços públicos de maior dimensão onde não foi possível observar simultaneamente toda a área, como no caso do Parque Urbano da Pasteleira e do Parque de São Roque. Também existiram dificuldades no preenchimento do mapa de comportamento em espaços onde se encontravam um grande número de utilizadores como foi o caso da Praça da Ribeira.

Assim, partindo dos resultados apresentados neste capítulo, irá procurar-se seguidamente relacionar os vários espaços e parâmetros, de modo a conseguir dar resposta às questões centrais desta dissertação.

5

DISCUSSÃO, CONCLUSÕES E DESENVOLVIMENTOS FUTUROS

5.1. DISCUSSÃO

No capítulo anterior estudou-se pormenorizadamente a amostra de espaços públicos da cidade do Porto, tendo por base um conjunto de critérios. Neste ponto, pretende-se explorar os resultados obtidos, recorrendo sobretudo à comparação do desempenho de cada espaço público nos diferentes critérios e procurando relacioná-los entre si.

Nesta discussão de resultados importa ter em especial atenção as questões que se prendem com a tipologia, a localização, os usos envolventes, as alterações morfológicas, a área, o funcionamento dos espaços, a diversidade de atividades, a multifuncionalidade e a permeabilidade.

No Anexo IV, está disponível um quadro com o resumo destes parâmetros em cada espaço. A relação entre eles será explorada de seguida.

5.1.1. PERÍODO MORFOLÓGICO, ÁREA, ÍNDICE DE OCUPAÇÃO E PERMEABILIDADE

O Quadro 5.1 apresenta, resumidamente, os resultados obtidos pelos dezassete espaços estudados quanto ao período morfológico, área, índice de ocupação e permeabilidade. As cores mais escuras correspondem a valores mais elevados dentro do parâmetro em questão.

A determinação do chamado “índice de ocupação” surgiu da necessidade de avaliar o funcionamento dos espaços públicos quanto à sua ocupação. De facto, tal como foi sugerido anteriormente, não existe um número ótimo de pessoas para cada espaço, pelo que se procurou, através do quociente entre o número de pessoas que desenvolveram atividades no espaço durante o período de contagem (ou seja, número de utilizadores em permanência) e a área do espaço, encontrar uma medida que permita assim comparar quantitativamente os espaços estudados quanto ao seu funcionamento. Desta forma, o índice de ocupação é dado por:

$$\text{Índice de Ocupação(\%)} = \frac{\text{Nº de Utilizadores em Permanência}}{\text{Área do Espaço Público}} \times 100 \quad (5.1)$$

A colocação do índice de ocupação em percentagem prendesse exclusivamente com a maior facilidade de análise dos valores neste formato. Note-se igualmente que a aplicação deste índice tem obrigatoriamente de ser acompanhada com o devido enquadramento do espaço em análise, nomeadamente no que diz respeito à sua tipologia.

Quadro 5.1 – Relação entre o período morfológico, a área, o índice de ocupação e a permeabilidade

Período Morfológico	Nº	Toponímia	Tipologia	Área m ²	Nº Utilizadores em Permanência	Nº Utilizadores de Passagem	Índice de Ocupação	Permeabilidade
1º Período	70	Calçada/Passeio das Virtudes	A	2000	18	1	0,90%	sim
	58	Praça da República	P	25076	50	nc ¹	0,20%	sim
	75	Praça da Ribeira	P	1881	185 ²		9,84%	sim
	8	Jardim do Passeio Alegre	J/F	57792	32	0	0,06%	sim
	114	Jardim de Marques de Oliveira	J	5740	165	0	2,88%	sim
2º Período	82	Avenida dos Aliados ³	A	24026	5	43	0,02%	sim
	49	Praça Nove de Abril	P	25000	63	4	0,25%	+/-
	50	Praça Mouzinho de Albuquerque	P	38710	107	nc ¹	0,28%	sim
	121	Praça do Marquês de Pombal	P	5070	83	nc ¹	1,64%	sim
	122	Praça de Francisco Sá Carneiro	P	27270	73	21	0,27%	sim
	4	Esplanada do Molhe	F	16700	68	4	0,41%	sim
	142	Jardim das Virtudes	J	10000	27	0	0,27%	não
3º Período	28	Praça de D. Afonso V	P	970	0	13	0,00%	sim
	100	Jardim - Edifício Mota Galiza	J	8580	22	15	0,26%	sim
	144	Jardim da Pena	J	1200	5	2	0,42%	não
	145	Parque Urbano da Pasteleira	PU	80000	73	0	0,09%	+/-
	146	Parque de São Roque	PU	40000	57	0	0,14%	não

Relativamente à área dos espaços públicos estudados, poderá dizer-se que esta é bastante variável tanto ao nível das tipologias como ao nível dos períodos de formação. O Quadro 5.2 apresenta a média, a mediana e o desvio padrão das áreas por período morfológico.

¹ nc – não contabilizado devido ao grande número de pessoas de passagem

² Na Praça da Ribeira, tal como foi explicado anteriormente, os utilizadores estavam de passagem, no entanto, uma vez que eram na sua maioria turistas, acabavam por parar, contemplar e em muitos casos tirar fotografias. Assim, considerou-se que, embora de passagem, estes utilizadores desenvolviam simultaneamente atividades na praça.

³ Relembre-se que, na Avenida dos Aliados só foram quantificados os utilizadores de permanência e passagem nas faixas centrais.

Quadro 5.2 – Média, mediana e desvio padrão das áreas por período morfológico

		1º Período	2º Período	3º Período
Área (m ²)	Média	18498	20968	26150
	Mediana	5740	24026	8580
	Desvio padrão	23971	11338	34121

Analisando os valores obtidos para a média das áreas por período morfológico, constata-se que, no geral, há certa tendência para o aumento desta ao longo dos três períodos morfológicos. No entanto, analisando as medianas e o desvio padrão constata-se que, embora no terceiro período morfológico se tenham feito espaços públicos com grandes áreas, caso dos parques urbanos, também se fizeram outros com áreas bastante reduzidas, caso do Jardim da Pena e da Praça D. Afonso V. De facto, a análise única da amostra poderia deixar dúvidas quanto à tendência de crescimento dos espaços públicos, no entanto, relembra-se que o mapa dos espaços públicos com génese no terceiro período morfológico (Anexo 1) permite constatar que a tipologia parque urbano é claramente a dominante, havendo outros parques com áreas ainda maiores tais como o Parque da Cidade (141) e o Parque Oriental da Cidade (142).

O segundo período morfológico foi marcado por uma maior constância ao nível das áreas dos espaços públicos criados, tendo, na sua maioria, valores superiores a vinte mil metros quadrados o que leva a que seja este o período morfológico com maior mediana e, simultaneamente, com menor desvio padrão.

Ainda relativamente às áreas é possível constatar que as maiores áreas correspondem a grandes espaços verdes, dos parques urbanos da Pasteleira e de São Roque, ou a grandes jardins urbanos como é o caso do Jardim do Passeio Alegre e da Praça Nove de Abril.

Quanto ao índice de ocupação, constata-se, como seria de esperar, uma tendência inversa à das áreas. Efetivamente, a média deste parâmetro para o primeiro, segundo e terceiro períodos morfológicos dá, respetivamente, 2,773%, 0,447% e 0,181%, o que significa que, no geral, os espaços públicos com maior índice de ocupação são os do primeiro período morfológico. O maior índice de ocupação foi registado na Praça da Ribeira, seguindo-se o Jardim de Marques de Oliveira e a Praça do Marquês de Pombal. A Praça de D. Afonso V regista um índice de ocupação nulo uma vez que não foram contabilizados quaisquer utilizadores em permanência neste espaço.

Note-se que no caso da Praça da República, da Praça Mouzinho de Albuquerque e na Praça do Marquês do Pombal, para além do elevado número de utilizadores em permanência, apresentam igualmente um elevado número de utilizadores de passagem.

Tal como se pode constatar no capítulo anterior, vários são os fatores que podem influenciar a permeabilidade de um espaço, podendo-se referir a título de exemplo a localização, a área, os elementos naturais, a geometria ou mesmo vários fatores em simultâneo.

A maioria dos espaços públicos estudados apresenta valores satisfatórios relativamente à questão da permeabilidade. De facto, todos os espaços públicos do primeiro período morfológico respondem positivamente a este parâmetro. No segundo período apenas dois espaços apresentam problemas quanto à permeabilidade, visual no caso da Praça Nove de Abril e visual e física no caso do Jardim das Virtudes. No terceiro período morfológico, o Jardim da Pena e os dois parques urbanos apresentam problemas neste parâmetro. De facto a permeabilidade visual não é assegurada nestes dois últimos espaços devido às suas grandes áreas que impossibilitam a visualização plena dos espaços. O Parque

de São Roque e o Jardim da Pena apresentam igualmente problemas ao nível da acessibilidade física, associados sobretudo à sua localização, tal como foi referido no capítulo anterior. Naturalmente que a área tem influência na permeabilidade dos espaços embora não seja determinante. Por exemplo, o Jardim do Passeio Alegre, mesmo possuindo uma grande área, consegue satisfazer este requisito.

Sabe-se que geralmente a falta de permeabilidade de um espaço tem influência na sua atratividade e sensação de segurança o que, em alguns casos, acaba por influir no número de utilizadores dos espaços. De facto, no caso dos espaços públicos estudados, os que apresentam uma má permeabilidade apresentam igualmente valores não muito elevados ao nível do índice de ocupação e os que têm maiores índices, apresentam simultaneamente boa permeabilidade. No entanto, deverá fazer-se a salvaguarda de que a atratividade e, consequentemente, o índice de ocupação de um espaço são influenciados por vários outros parâmetros tais como a localização, a multifuncionalidade, os equipamentos, a manutenção entre outras características intrínsecas dos espaços.

5.1.2. PERÍODO MORFOLÓGICO, ÁREA, ÍNDICE DE OCUPAÇÃO, DIVERSIDADE DE ATIVIDADES E MULTIFUNCIONALIDADE

O Quadro 5.3 apresenta, resumidamente, os resultados obtidos pelos dezassete espaços estudados quanto ao período morfológico, área, índice de ocupação, diversidade de atividades observadas e multifuncionalidade. À semelhança do quadro anterior, as cores mais escuras correspondem a valores mais elevados dentro do parâmetro em questão.

Observando o quadro é possível verificar que são os espaços públicos do segundo período morfológico que apresentam uma maior diversidade de atividades observadas durante o período de contagem. Efetivamente, é deste período o espaço público que registou um maior número de atividades observadas, a Praça Nove de Abril, seguindo-se a Praça de Francisco Sá Carneiro e o Jardim das Virtudes. Os espaços públicos do terceiro período morfológico são mais heterogéneos quanto a este parâmetro, destacando-se os parques urbanos como espaços com grande diversidade de atividades em claro contraste com a Praça de D. Afonso V e o Jardim da Pena que apresentam o menor número de atividades observadas de toda a amostra estudada. Os espaços estudados do primeiro período morfológico não apresentam nenhuma situação extrema, tendo sido observado entre três a cinco atividades diferentes.

Note-se que curiosamente, na amostra estudada, a diversidade de atividades acaba por não ter grande influência no índice de ocupação uma vez que os espaços públicos com maiores índices de ocupação não coincidem com os que apresentam maior diversidade de atividades.

Já a área parece ter uma maior correlação com a diversidade de atividades. De facto, à exceção da Avenida dos Aliados, os espaços públicos com maiores áreas apresentam simultaneamente uma maior diversidade de atividades observadas.

Naturalmente que a diversidade de atividades é também influenciada por outras características morfológicas dos espaços, nomeadamente com a diversidade e maior ou menor disponibilidade de equipamentos e mobiliário urbano. De facto, pelo que se constatou no capítulo anterior, os espaços que apresentam grande diversidade de atividades, têm à disposição vários equipamentos urbanos. Veja-se, por exemplo, o caso da Praça Nove de Abril (ponto 4.3.2.4) ou do Parque de São Roque (ponto 4.4.5.4).

Quadro 5.3 – Relação entre o período morfológico, a área, o índice de ocupação, diversidade de atividades e multifuncionalidade

Período Morfológico	Nº	Toponímia	Tipologia	Área m ²	Índice de Ocupação	Diversidade de Atividades ⁴	Multifun- cionalidade
1º Período	70	Calçada/Passeio das Virtudes	A	2000	0,90%	3, 6, 8	não
	58	Praça da República	P	25076	0,20%	1, 2, 6, 7, 8	sim
	75	Praça da Ribeira	P	1881	9,84%	1, 3, 5, 6	não
	8	Jardim do Passeio Alegre	J/F	57792	0,06%	1, 3, 5, 7, 9	sim
	114	Jardim de Marques de Oliveira	J	5740	2,88%	1, 3, 6, 8	não
2º Período	82	Avenida dos Aliados	A	24026	0,02%	1, 4, 6	sim
	49	Praça Nove de Abril	P	25000	0,25%	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9	sim
	50	Praça Mouzinho de Albuquerque	P	38710	0,28%	1, 3, 4, 5, 7, 9	sim
	121	Praça do Marquês de Pombal	P	5070	1,64%	1, 3, 6, 7, 8, 9	sim
	122	Praça de Francisco Sá Carneiro	P	27270	0,27%	1, 2, 3, 5, 6, 7, 9	sim
	4	Esplanada do Molhe	F	16700	0,41%	1, 3, 4, 9	sim
	142	Jardim das Virtudes	J	10000	0,27%	1, 2, 3, 5, 6, 7, 9	sim
3º Período	28	Praça de D. Afonso V	P	970	0,00%	4	não
	100	Jardim - Edifício Mota Galiza	J	8580	0,26%	1, 3, 5, 6	sim
	144	Jardim da Pena	J	1200	0,42%	1, 6	não
	145	Parque Urbano da Pasteleira	PU	80000	0,09%	1, 3, 4, 5, 6, 9	sim
	146	Parque de São Roque	PU	40000	0,14%	1, 2, 3, 4, 5, 6, 9	sim

Existem, no entanto, um conjunto de atividades, tais como o correr/caminhar ou o brincar/jogar que não estão tão dependentes do equipamento disponível, estando mais da área dos espaços e da sua multifuncionalidade.

Quanto a esta última característica, constata-se que todos os espaços públicos estudados com génese no segundo período morfológico são multifuncionais. Nos outros dois períodos, são precisamente os espaços com menores áreas que não satisfazem este parâmetro.

Note-se igualmente que quer a diversidade de atividades como a multifuncionalidade estão também, de certa forma, relacionados com a tipologia. Efetivamente, os parques urbanos e os jardins e praças de grande dimensão são espaços que, regra geral, são multifuncionais e apresentam uma considerável diversidade de atividades.

Das dinâmicas de ocupação dos espaços estudados é possível igualmente estabelecer uma relação entre estas e a área. De facto, em espaços maiores, sobretudo em jardins e parques, caso por exemplo do Parque Urbano da Pasteleira, do Parque de São Roque e do Jardim das Virtudes, as pessoas tendem a ter uma ocupação mais dispersa, procurando localizações mais isoladas e recatadas.

Importa igualmente referir que a área efetivamente utilizável também influencia as dinâmicas de ocupação dos espaços. Isto é, espaços tais como a Praça da Ribeira, as plataformas centrais da

⁴ 1 - Relaxar/Sentar, 2 - Piquenique, 3 - Correr/Caminhar, 4 - Bicicleta/Patins/Skate, 5 - Brincar/Jogar, 6 - Socializar, 7 - Ler, 8 - Jogar Cartas, 9 - Passear Cão

Avenida dos Aliados ou o Parque Urbano da Pasteleira conferem uma grande liberdade de ocupação e têm uma maior percentagem de área que poderá ser “pisada” do que, por exemplo, o Jardim de Marques de Oliveira ou a Praça Nove de Abril que possuem subespaços mais rígidos que não podem ser utilizados tais como os seus canteiros de flores.

Foi possível igualmente aferir que, nos espaços onde existe um lago ou fonte, os utilizadores tendem a fixar-se junto a ele. Exemplo desta situação verificou-se, por exemplo, no Jardim de Marques de Oliveira, na Praça Nove de Abril e no Parque urbano da Pasteleira.

Verificou-se igualmente que a disposição do mobiliário urbano tem igualmente influência nas dinâmicas de ocupação dos espaços uma vez que as pessoas tendem, naturalmente, a utilizá-los quando existem.

Note-se também que os espaços onde existem áreas relvadas, caso, por exemplo, do Parque de São Roque, do Parque Urbano da Pasteleira e dos Jardins do Edifício Mota Galiza, estes tendem igualmente a ser ocupados, sobretudo para a atividade brincar e jogar.

Relativamente à relação entre as atividades observadas e o período morfológico, observe-se a Figura 5.1.

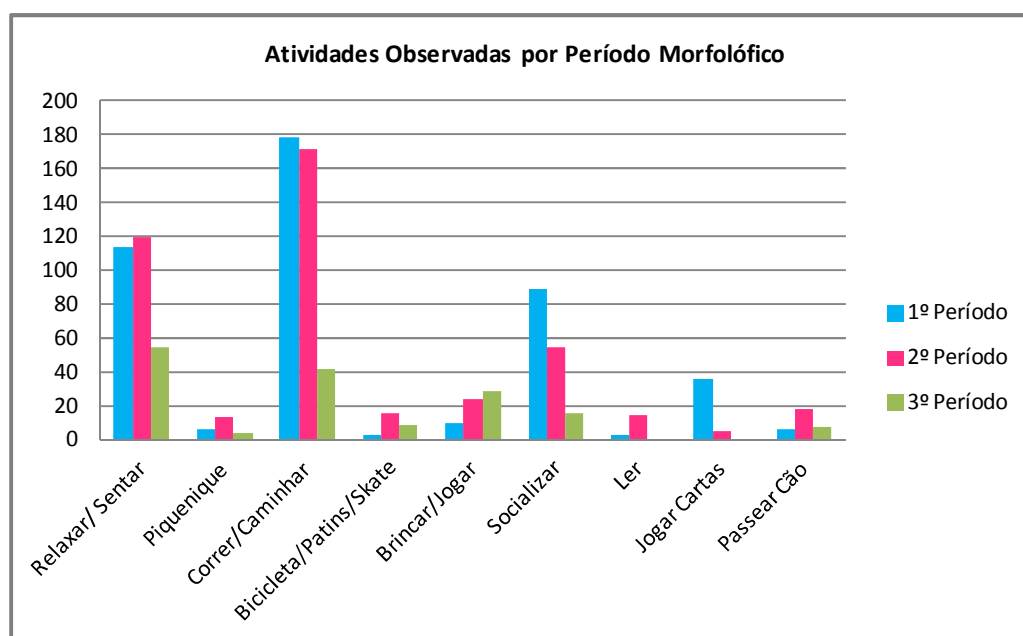


Figura 5.1 – Atividades observadas por período morfológico

A Figura 5.1 evidencia que, no conjunto dos três períodos, a atividade mais vezes observada foi o correr/caminhar e o relaxar/sentar, acabando por reforçar a importância da disponibilidade de espaços na cidade com áreas e condições para a prática deste tipo de atividades, reforçando igualmente a importância da disponibilidade de mobiliário urbano criteriosamente localizado, nomeadamente em espaços com sombra, com uma boa permeabilidade visual e, preferencialmente, com uma boa diversidade de elementos naturais que proporcione uma agradável paisagem. De facto, foi em espaços que reúnem estas condições onde estas atividades foram mais vezes observadas. Vejam-se os exemplos da Esplanada do Molhe na atividade correr/caminhar e do Jardim de Marques de Oliveira na atividade relaxar/sentar.

A figura permite ainda afirmar que os espaços públicos da cidade continuam a assumir uma grande importância enquanto locais de vivência urbana e socialização, aparecendo no pódio das atividades mais observadas o socializar.

Ainda sobre o funcionamento dos espaços, importa observar a distribuição etária por período morfológico, apresentada na Figura 5.2. Note-se que, para a elaboração dos gráficos da figura não foram contabilizados os utilizadores dos espaços que estavam meramente de passagem.

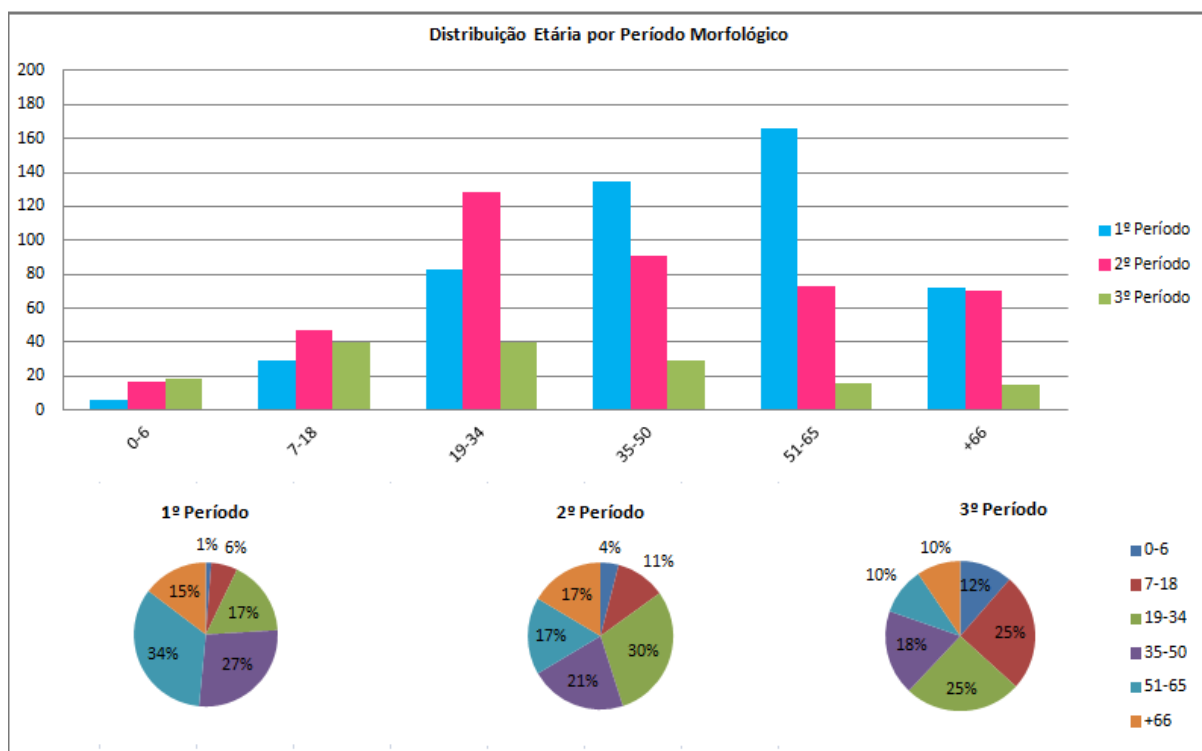


Figura 5.2 – Distribuição etária por período morfológico

Tal como é possível verificar no primeiro gráfico da Figura 5.2, na totalidade dos espaços públicos da amostra a maioria dos utilizadores tinha idade compreendida entre os 19 e os 65 anos. Analisando agora cada período separadamente, verifica-se que no primeiro há um claro predomínio da população mais velha, tendo-se registado 49% de utilizadores com idades superiores a 51 anos. Já no segundo, embora 34% dos utilizadores tenham idade superior a 51 anos, verifica-se que o grupo etário mais observado foi o dos 19 aos 34 anos. No terceiro período a tendência altera-se e os grupos etários mais jovens têm maior expressão, de facto 37% dos utilizadores dos espaços públicos estudados com génese neste último período têm idades inferiores a 18 anos.

Esta distribuição ajuda igualmente a explicar o facto de, na Figura 5.1, o terceiro período ser aquele onde se observou um maior número de utilizadores a jogar/brincar, atividade mais associada à população mais jovem, e de o primeiro período ser aquele onde se observou um maior número de utilizadores a jogar cartas, atividade mais associada à população mais idosa.

A localização dos espaços acaba, de certa forma, por influenciar esta distribuição etária. Efetivamente, a zona mais central da cidade é uma zona mais envelhecida ao nível dos seus habitantes, pelo que acaba por ser natural que, em espaços públicos mais centrais, como é o caso da maioria dos espaços públicos estudados do primeiro período morfológico, haja um maior predomínio de população mais velha.

5.1.3. PERÍODO MORFOLÓGICO, ALTERAÇÕES MORFOLÓGICAS, ÁREA E ÍNDICE DE OCUPAÇÃO

O Quadro 5.4 apresenta, resumidamente, os resultados obtidos pelos dezassete espaços estudados quanto ao período morfológico, alterações morfológicas, área e índice de ocupação. Mais uma vez, as cores mais escuras correspondem a valores mais elevados dentro do parâmetro em questão.

Quadro 5.4 – Relação entre o período morfológico, as alterações morfológicas, a área e o índice de ocupação

Período Morfológico	Nº	Toponímia	Tipologia	Alterações Morfológicas	Área m ²	Índice de Ocupação
1º Período	70	Calçada/Passeio das Virtudes	A	não	2000	0,90%
	58	Praça da República	P	não	25076	0,20%
	75	Praça da Ribeira	P	sim	1881	9,84%
	8	Jardim do Passeio Alegre	J/F	não	57792	0,06%
	114	Jardim de Marques de Oliveira	J	não	5740	2,88%
2º Período	82	Avenida dos Aliados	A	sim	24026	0,02%
	49	Praça Nove de Abril	P	não	25000	0,25%
	50	Praça Mouzinho de Albuquerque	P	sim	38710	0,28%
	121	Praça do Marquês de Pombal	P	sim	5070	1,64%
	122	Praça de Francisco Sá Carneiro	P	não	27270	0,27%
	4	Esplanada do Molhe	F	sim	16700	0,41%
	142	Jardim das Virtudes	J	sim	10000	0,27%
3º Período	28	Praça de D. Afonso V	P	não	970	0,00%
	100	Jardim - Edifício Mota Galiza	J	não	8580	0,26%
	144	Jardim da Pena	J	não	1200	0,42%
	145	Parque Urbano da Pasteleira	PU	não	80000	0,09%
	146	Parque de São Roque	PU	não	40000	0,14%

Relativamente às alterações morfológicas, verifica-se que os espaços públicos mais recentes, pertencentes portanto ao terceiro período morfológico, ainda não experimentaram qualquer alteração morfológica. Quanto aos espaços públicos com génese no primeiro período, apenas a Praça da Ribeira experimentou profundas alterações morfológicas que se deveram principalmente, tal como foi explicado no ponto 4.2.3.2, a um grande incêndio que ocorreu neste espaço em 1470. Já no segundo período morfológico, cinco dos sete espaços estudados necessitaram de intervenções ao nível da sua morfologia que se deveram a diversas razões: ao aumento da multifuncionalidade do espaço, caso da Avenida dos Aliados, à passagem do metro, caso da Praça do Marquês do Pombal, ou ao melhoramento da sua segurança e permeabilidade visual, caso da Praça Mouzinho de Albuquerque.

Não existindo qualquer estudo anterior a este relativo ao funcionamento destes espaços, não é possível estabelecer comparações quanto ao índice de ocupação antes e depois das alterações morfológicas, no entanto, o Quadro 5.4 mostra que a maioria dos espaços que experimentaram alterações morfológicas apresenta índices de ocupação razoáveis ou até bastante bons, caso por exemplo da Praça da Ribeira e da Praça do Marquês de Pombal. A exceção é feita à Avenida dos Aliados que apresenta um índice de ocupação reduzido.

Importa realçar que, tal como foi dito anteriormente, o índice de ocupação é influenciado por um conjunto variado de parâmetros não sendo razoável tirar ilações analisando apenas um deles isoladamente. No entanto, analisando o Quadro 5.4, é possível encontrar espaços que, mesmo não tendo experimentado alterações morfológicas, revelam um elevado índice de ocupação, caso do Jardim de Marques de Oliveira, o que poderá ser indicador de uma boa resiliência, robustez e capacidade de adaptação ao longo dos tempos. Pelo contrário, existem espaços que, mesmo sendo recentes, apresentam um baixo índice de ocupação o que poderá revelar a necessidade de se levar a cabo alterações morfológicas destes espaços, caso da Praça de D. Afonso V e do Jardim da Pena.

Por fim, em relação à área poderá dizer-se que as alterações morfológicas foram empreendidas tanto em espaços públicos maiores, caso da Praça Mouzinho de Albuquerque, como em espaços públicos mais pequenos, caso da Praça da Ribeira.

5.1.4. PERÍODO MORFOLÓGICO, LOCALIZAÇÃO, USOS DA ENVOLVENTE E ÍNDICE DE OCUPAÇÃO

O Quadro 5.5 apresenta a relação entre o período morfológico, a localização, os usos da envolvente e o índice de ocupação dos espaços estudados. Neste, as cores mais escuras correspondem a valores mais elevados dentro do parâmetro em questão, servindo apenas para distinguir no caso da localização.

Quadro 5.5 – Relação entre o período morfológico, a localização, os usos da envolvente e o índice de ocupação

Período Morfológico	Nº	Toponímia	Tipologia	Localização ⁵	Usos Envolvente ⁶	Índice de Ocupação
1º Período	70	Calçada/Passeio das Virtudes	A	zona histórica	hab, com, rest, ed	0,90%
	58	Praça da República	P	central	hab, com, ser	0,20%
	75	Praça da Ribeira	P	zona histórica	tur, hab, com, rest, hot, ser	9,84%
	8	Jardim do Passeio Alegre	J/F	periférica (o)	hab, com, ser	0,06%
	114	Jardim de Marques de Oliveira	J	zona histórica	hab, com, ser, ed, cul	2,88%
2º Período	82	Avenida dos Aliados	A	central	ser, ed, com, hot, cul, tur	0,02%
	49	Praça Nove de Abril	P	periférica (n)	hab, ser, rest, ed	0,25%
	50	Praça Mouzinho de Albuquerque	P	central	com, ed, hab, ser, tur	0,28%
	121	Praça do Marquês de Pombal	P	central	hab, ser, com, rest, rel	1,64%
	122	Praça de Francisco Sá Carneiro	P	periférica (ne)	com, hab, rest, ed, ser	0,27%
	4	Esplanada do Molhe	F	periférica (o)	com, hab	0,41%
	142	Jardim das Virtudes	J	zona histórica	hab, ed, ser	0,27%
3º Período	28	Praça de D. Afonso V	P	periférica (o)	hab, com, rest	0,00%
	100	Jardim - Edifício Mota Galiza	J	central	hab, ser, com, ed	0,26%
	144	Jardim da Pena	J	central	hab, ed	0,42%
	145	Parque Urbano da Pasteleira	PU	periférica (o)	hab, ed, ser	0,09%
	146	Parque de São Roque	PU	periférica (e)	hab, desp	0,14%

⁵ o – oeste, n – norte, ne – noroeste, e – este

⁶ hab – habitação, com – comércio, rest – restauração, ed – educação, ser – serviços, tur – turismo, hot – hotelaria, cul – equipamentos culturais, rel – equipamentos religiosos, desp – equipamentos desportivos

No primeiro período morfológicos a maioria dos espaços apresentam uma localização central ou na zona histórica, sendo que o único espaço que se encontra na periferia é o Jardim do Passeio Alegre, localizado numa zona onde desde o início do período estudado existia um núcleo habitacional, tal como é visível no primeiro mapa do Anexo I.

No segundo e terceiro período morfológico, os espaços públicos foram acompanhando a expansão da cidade, adotando localizações sucessivamente mais periféricas. Alguns destes espaços resultaram da alteração de uso do próprio espaço, caso, por exemplo da Avenida dos Aliados, antigo bairro do Laranjal, e do Jardim da Pena, antes ocupado por habitações de génese ilegal, e outros empreendidos totalmente de raiz caso, por exemplo, da Praça de Francisco Sá Carneiro e da Praça de D. Afonso V.

Verifica-se que os espaços públicos onde existe uma maior diversidade de usos da envolvente localizam-se na zona histórica ou central da cidade. Exceção feita à Praça de Francisco Sá Carneiro que se localiza numa zona que, embora periférica, constitui um importante núcleo de serviços da cidade.

Curiosamente, os maiores índices de localização foram registados na zona histórica e central da cidade e os menores na zona periférica. Tal poderá ser explicado pelas zonas mais periféricas da cidade terem como uso predominante a habitação, sendo nas zonas mais centrais, mais multifuncionais, onde se encontra um maior número de pessoas durante o dia. O estudo destes espaços também salientou a importância dos turistas que constituem uma importante parcela dos utilizadores de alguns dos espaços públicos das zonas mais centrais e históricas da cidade, não sendo tão atraídos para locais mais periféricos. A Avenida dos Aliados aparece aparentemente como exceção, mas deverá lembrar-se que o estudo quantitativo foi realizado apenas para as plataformas centrais, que apresentam de facto um baixo índice de ocupação, ao contrário dos passeios laterais onde se pode observar um grande número de pessoas, aliás, tão grande que não foi possível ser contabilizado.

Verifica-se igualmente que os espaços públicos que apresentam uma maior diversidade de usos na sua envolvente imediata possuem índices de ocupação elevados. No entanto, existem espaços com uma fraca diversidade de usos da envolvente imediata que apresentam elevados valores para o índice de ocupação. Este aspeto está mais uma vez associado ao facto do índice de ocupação ser influenciado por vários parâmetros em simultâneo, tal como foi referido anteriormente.

5.2. CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente trabalho de investigação foi determinantemente influenciado pelo fator tempo. De facto, as limitações temporais conduziram à necessidade de elaboração de uma amostra de espaços públicos relativamente reduzida, dezassete espaços, tendo em consideração o número total de espaços públicos listados para a cidade do Porto, cento e cinquenta e dois. No entanto, foi sobretudo o estudo exaustivo desta amostra que permitiu dar resposta às questões centrais desta dissertação.

Relativamente à hipótese de que a cada período morfológico correspondem espaços públicos distintos, com características intrínsecas tendencialmente homogéneas:

- A génese e localização dos espaços públicos em cada período morfológico apresentam características distintas: no primeiro, os espaços foram surgindo, algo timidamente, afastados no tempo, sobretudo no interior dos limites da antiga muralha fernandina; no segundo, o rápido alargamento dos limites da cidade foi acompanhado pelo aparecimento de um grande número de espaços públicos, tendo sido este o período mais rico em número de espaços

públicos criados; o terceiro foi marcado por uma tendência para a descentralização dos espaços, traduzindo-se no seu aparecimento em zonas mais periféricas da cidade.

- Não é possível estabelecer uma tipologia padrão em cada período morfológico, no entanto: o primeiro período é marcado pela existência de um grande número de largos, sobretudo resultantes da forma natural do terreno ou da concordância entre vias de comunicação ou associados a espaços religiosos, sendo ainda de referir que as praças criadas neste período são reflexo dos poderes vigentes da época na cidade, ou seja, os poderes militar, religioso e civil; no segundo período ocorreu a proliferação de um grande número de largos associados à função habitacional e de um grande número de praças, sendo esta a tipologia dominante neste período, com funções e configurações variadas, constituindo em muitos casos grandes jardins com esta designação; o terceiro período está associado a uma grande área dedicada a espaços verdes, em particular à tipologia parque urbano, reflexo de uma tentativa de valorização ambiental e paisagística da cidade, estando igualmente associado à criação de espaços que visam sobretudo a valorização imobiliária no imediato da envolvente local, servindo igualmente de compensação às grandes massas edificadas.
- Verifica-se, no geral, uma tendência para o aumento da área dos espaços públicos ao longo dos três períodos morfológicos, no entanto, enquanto o segundo período apresenta espaços com áreas bastante aproximadas, tendencialmente superiores a 20 mil metros quadrados, o terceiro apresenta uma certa heterogeneidade quanto a este parâmetro, contemplando alguns espaços bastante pequenos que contrastam com os grandes espaços verdes criados em abundância neste período.
- Constatasse a tendência para uma diminuição do índice de ocupação ao longo dos três períodos, com os espaços do primeiro período a apresentarem maiores índices do que os do segundo e estes do que os do terceiro período.
- Todos os espaços públicos estudados do segundo período morfológico são multifuncionais, o mesmo não se passando nos locais estudados pertencentes aos outros dois períodos. Note-se porém que, embora tal não seja explícito na amostra, uma grande parte dos espaços públicos com génese no terceiro período morfológico pertencem à tipologia parque urbano, sendo esta caracterizada, de um modo geral, pela grande multifuncionalidade destes espaços.
- Na amostra estudada, apenas um dos espaços públicos do primeiro período morfológico experimentou significativas alterações morfológicas, enquanto que a maioria dos espaços estudados pertencentes ao segundo período morfológico foram alvo de intervenções. Embora os do terceiro período não tenham ainda experimentado quaisquer alterações, importa realçar que alguns deles já evidenciam essa necessidade. Esta constatação poderá evidenciar uma maior resiliência por parte dos espaços públicos do primeiro período morfológico.
- Os espaços públicos do primeiro e segundo período morfológico apresentam geometrias tendencialmente mais regulares do que os do terceiro período morfológico.

Assim, sendo, atendendo ao descrito nestes pontos, o estudo empreendido aponta de facto para a validação desta hipótese.

Este trabalho teve igualmente a virtude de procurar estudar o funcionamento dos espaços públicos, algo que até agora não tinha sido estudado, nestes contornos, para a cidade do Porto. Neste contexto, procurou-se aferir a existência ou não de uma relação entre a configuração inicial dos espaços e o seu funcionamento e vivência urbana, a partir do estudo da amostra dos espaços tendo-se constatado que:

- À exceção da Avenida dos Aliados, os espaços públicos com maiores áreas apresentam simultaneamente uma maior diversidade de atividades.

- Os espaços públicos do segundo período morfológico são os que apresentaram uma maior diversidade de atividades, tendo-se verificado, para os espaços do terceiro período, situações extremas, sendo os parques urbanos aquelas que mais se destacaram positivamente quanto a este parâmetro.
- A diversidade de atividades de um espaço é influenciada pela maior ou menor dotação de mobiliário urbano.
- O estudo das dinâmicas de ocupação dos espaços estudados apontam para a tendência dos utilizadores procurarem locais para se fixarem junto a elementos naturais ou junto a outros elementos morfológicos de destaque tais como fontes e lagos.
- Os elementos naturais, sobretudo as árvores frondosas, revelaram ser um fator de atratividade dos espaços, nomeadamente devido às condições microclimáticas que acabam por conferir aos espaços, por exemplo em dias de mais calor, onde a procura de sombra é uma prioridade, ou em dias de vento.
- Nem sempre as pessoas utilizam os espaços e o seu mobiliário urbano da forma mais esperada, tendo-se observado utilizadores deitados e sentados no chão, mesmo existindo bancos livres e outros que, não existindo mobiliário apropriado para o desenvolvimento das atividades desejadas, adaptaram-no provisoriamente ou trouxeram-no mesmo de casa, tal como foi visível na Praça da República e no Jardim de Marques de Oliveira.
- As atividades mais observadas foram o relaxar/sentar e o correr/caminhar, estando as primeiras relacionadas principalmente com a disponibilidade de mobiliário urbano e as segundas, sobretudo, com a área do espaço e a existência de caminhos com revestimentos apropriados à prática deste tipo de atividades.

Assim, de modo geral poderá, de facto, afirmar-se que o funcionamento de um espaço é influenciado pela conjugação de um conjunto de características morfológicas, que, na sua maioria, este adquire desde a sua génese, tais como a área, a geometria, os revestimentos, e os elementos naturais e evocatórios. É igualmente influenciado pela dotação de equipamentos e mobiliário urbano.

No entanto, para além dos aspetos morfológicos, existem outros que influenciam igualmente o funcionamento de um espaço, tendo-se constatado que:

- A localização também tem influência, verificando-se que espaços públicos mais centrais apresentam vivências urbanas mais acentuadas e dinâmicas do que espaços públicos mais periféricos, sobretudo durante os dias da semana. Deixa-se, no entanto, a ressalva de que esta constatação poderá não ser válida para dias excecionais tais como fins-de-semana ou feriados.
- Os usos da envolvente têm igualmente influência no funcionamento dos espaços, não tanto pela sua quantidade e diversidade, mas sobretudo pelo tipo de usos. Por exemplo, o facto de um espaço ter na sua envolvente equipamentos escolares vai levar a uma maior presença de indivíduos com faixas etárias mais jovens. Algo semelhante se passa com espaços inseridos numa envolvente turística, onde se verificou um grande número de turistas a utilizar esses mesmos espaços.

O desenvolvimento deste trabalho permitiu ainda perceber a grande importância que os espaços públicos têm enquanto locais de vivência urbana, descontração, lazer e exercício físico, pelo que a manutenção da sua qualidade terá de ser sempre uma prioridade. Efetivamente, a propósito deste aspeto, interessa referir que, durante o trabalho de campo, observou-se, em quase todos os espaços estudados, a presença de funcionários que se encontravam a limpar os espaços ou a cuidar dos seus jardins, o que de certa forma é reflexo da importância atribuída pelas entidades públicas a estes espaços.

A manutenção da qualidade destes espaços poderá passar, em alguns casos, por intervenções morfológicas mais profundas, a fim de adaptá-los a novas exigências ou novas realidades urbanas. No entanto, estas terão de ser cuidadosamente pensadas a fim de não resultarem em perda, tal como aconteceu, por exemplo, nas plataformas centrais da Avenida dos Aliados.

Tanto nestes casos, como na criação de novos espaços públicos, a participação pública não poderá ser esquecida. De facto, esta poderá contribuir para a criação de espaços públicos sustentáveis, espaços de hoje e de amanhã, que potenciem a convivência urbana entre os diferentes grupos sociais e etários bem como a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, induzindo neles um maior sentimento cívico de pertença e de identificação com o património físico, natural e cultural da cidade.

Hoje, mais que nunca, é importante reforçar o conhecimento e o debate sobre o desenho urbano, o espaço público e o seu funcionamento de modo a enfrentar as ameaças que pairam sobre a vida urbana das cidades. Este trabalho dá assim um pequeno contributo neste sentido.

5.3. DESENVOLVIMENTOS FUTUROS

As limitações naturais de um trabalho de investigação deste tipo, sobretudo temporais e de meios, impediram o aprofundamento de alguns aspetos que seria interessante desenvolver futuramente, designadamente:

- Melhorar a robustez da amostra através de um significativo aumento do número de espaços públicos a estudar.
- Melhorar a representação esquemática da distribuição dos utilizadores nos espaços, recorrendo, por exemplo, a uma escala de cores para as diferentes atividades e uma outra para a representação das idades e utilizando ainda setas para representar, nesses esquemas, os utilizadores de passagem.
- Aumentar o número de horas de observação em cada espaço, recorrendo nomeadamente a filmagens, procurando perceber assim o funcionamento dos espaços em diferentes períodos do dia.
- Fazer o estudo do funcionamento dos espaços em dias excecionais tais como fins-de-semana e feriados.
- Perceber se as dinâmicas de funcionamento dos espaços se alteram em diferentes períodos do ano.
- Alargar a investigação para além dos espaços públicos de permanência, estudando igualmente os espaços públicos de circulação.
- Procurar perceber se a hipótese de que a cada período morfológico correspondem espaços públicos distintos com características tendencialmente homogêneas é igualmente válida para a cidade de Lisboa, onde Oliveira e Pinho (2006) identificam a existência de quatro períodos morfológicos capazes de sintetizar a evolução da sua forma urbana.
- Alargar este estudo a outras cidades nacionais e europeias, de dimensões diversas, explorando a possibilidade de existência de padrões de desenvolvimento semelhantes.

BIBLIOGRAFIA

- Alvão. (1993) *A cidade do Porto na Obra do Fotógrafo Alvão 1872:1946*. Edição da Fotografia Alvão, Porto.
- Alves, F. (2003) *Avaliação da qualidade do espaço público urbano: proposta metodológica*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Bacon, Eduard. (1992) *Design of cities*. Thames & Hudson, London.
- Bandeira, M. (2001) *O espaço urbano de Braga. Obras Públicas, Urbanismo e Planeamento*. Dissertação de Douturamento, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- Barata, F. (1996) *Transformação e Permanência na Habitação Portuense. As formas da casa na forma da cidade*. FAUP Edições, Porto.
- Barbosa, J e Dias, M. (2006) *Porto Cidade com Alma*. Porto.
- Barbosa, M. (2011) *As Praças da Cidade do Porto*. Edita-me, Porto.
- Bentley, I., Alcock, A., Murrain, P., McGlynn, S., Smith, G. (1985). *Responsive Environments. Manual for Designers*. Architectural Press, Oxford.
- Branco-Teixeira, M., Oliveira, V., Ribeiro, P. (2005). *Abertura de novos espaços públicos na malha consolidada do Porto. Porto Cidade Região - Encontro de Reflexão Prospectiva*. 276-287. Porto, Portugal.
- Câmara Municipal do Porto (<http://www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/77>). Acedido em 27 de Abril de 2012.
- Câmara Municipal do Porto (2006) *Parques urbanos e Metropolitanos. Manual de Boas Práticas*. Câmara Municipal do Porto, Porto.
- Caniggia, G. (1963) *Lettura di una Città: Como*. Centro Studi di Storia Urbanistica, Roma.
- Caniggia, G., Maffei, G. (2001) *Architectural Composition and Building Typology: Interpreting Basic Building*. Alinea Editrice, Florença.
- Cataldi, G. (2005) "The study of territory and the role of history in applied research in urban morphology". *Urban Morphology*, 9(2), 2005: 122-126.
- Coelho, J. (2001) *Espaço Público em Tempo Privado - das estratégias de (re)produção às configurações possíveis de "espaço público" na metrópole contemporânea*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- Conzen, M. (1988) *Morphogenesis, Morphological Regions and Secular Human Agency in the Historic Townscape as Exemplified by Ludlow. Urban Historical Geography: Recent Progress in Britain and Germany*. 253-272. Cambridge University Press, Cambridge.
- Costa, A. (1789) *Descrição topográfica e história da Cidade do Porto*. BPMP, Porto.

- Costa, J. (2002) *Bairro de Alvalade. Um paradigma do urbanismo português*. Livros Horizonte, Lisboa.
- Cullen, G. (1961) *Townscape*. The Architectural, London.
- Dias, M., Marques, M. (2002) *Porto Desaparecido*. Quimerra, Porto.
- Fernandes, A. (2002) *Urbanismo e Morfologia Urbana no Norte de Portugal: Viana do Castelo, Póvoa do Varzim, Guimarães, Vila Real, Chaves e Bragança*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Ferreira, A. (1995) *Aspetos da Organização do Espaço Português*. FAUP Edições, Porto.
- Ferreira, J. Sá, M., Leão, P. (2011) "Public Spaces Form: a possible analytical framework." *Bringing City Form Back in to Planning. CITTA 3rd Annual Conference on Planning Research*. 573-590. FEUP Edições, Porto.
- Ford, L. (2000) *The Spaces between Buildings*. The Johns Hopkins University Press, Maryland.
- Gauthier, P., Lilliland, J. (2006) "Mapping urban morphology: a classification scheme for interpreting contributions to the study of urban form." *Urban Morphology*, 10(1), 2006: 41-50.
- Gauthiez, B. (2004) "The history of urban morphology." *Urban Morphology*, 8(2), 2004: 71-89.
- Gehl, J. (1987) *Life Between Buildings: Using Public Space*. New York.
- Gehl, J., Gemzoe, L. (2004) *Public Spaces, Public Life*. Danish Architectural Press, New York.
- Gil, J., Montenegro, N., Beirão, J., Duarte, J. (2011) "On the discovery of urban typologies." *Bringing City Form Back in to Planning. CITTA 3rd Annual Conference on Planning Research*. Porto: FEUP Edições, 2011. 163-176.
- Heitor, T. (2001) *A vulnerabilidade do espaço em Chelas. Uma abordagem sintática*. Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e Tecnologia, Lisboa.
- Hillier, B., Leaman, A., Stansall, P., Bedford, M. (1976) "Space Syntax." *Environment and Planning B* 3(2), 1976: 147-185.
- Hillier, B., Hanson, J. (1984) *The social logic of space*. Cambridge University Press, Cambridge.
- Hillier, B. (1996) *Space is the machine*. Space Syntax, London.
- IGESPAR (2011). *Pesquisa de património*. Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (www.igespar.pt/pt/patrimonio). 20 de maio de 2012.
- Jacobs, A. (1993) *Great streets*. Massachusetts Institute of Technology, Cambridge.
- Koster, E. (2001) *A taste of a form - oriented approach to the history of urban development*. Dissertação de Doutoramento, Groningen University.
- Kostof, S. (1992) *The City Assembled: Elements of Urban Form Through History*. Little Brown, Boston.

- Kostof, S. (1999) *The City Chaped: Urban Patterns and Meanings Through History*. Thames & Hundson, New York.
- Krier, R. (1979) *Urban Space*. Academy Editions, London.
- Kropf, K. (1993) *Anenquiry into the definition of built form in urban morphology*. Dissertação de Doutoramento, University of Birmingham.
- Larkham, P. (2005) "Understanding Urban Form?" *Urban Design*, 93, 2005: 22-24.
- Larkham, P. (2006) "The Study of urban Form in Great Britain." *Urban Morphology* 10, 2006: 117-141.
- Lynch, K. (1960) *The image of the city*. MIT Press, Cambridge.
- Lynch, K. (1981) *Good City Form*. MIT Press, Cambridge.
- Lyotard, J. (1989) *A condição pós-moderna*. Gradiva, Lisboa.
- Marat-Mendes, T., Sampayo, M., Rodrigues, D. (2011) "Measuring Lisbon Patterns: Baixa from 1650 to 2010." *Nexus Network Journal*, 1 (3), 2011: 1-24.
- Marshall, S., Gong, Y. (2009) *Urban Pattern Specification*. WP4 Deliverable Report.UCL, London.
- Martin, L., March, L., Echenique, M. (1972). *Urban Spaces and Structures*. Cambridge University Press, Cambridge.
- Meiss, P. (2003) *Elements of architecture, from form to place*. Spon Press, Oxon.
- Morris, A. (1994) *History of Urban Form before the Industrial Revolution*. Pearson Education Limited, Harlow.
- Moudon, A. (1986) *Built for Change. Neighbourhood Architecture in San Francisco*. MIT Press, Cambridge.
- Moudon, A. (1997) "Urban Morphology as an emerging interdisciplinary field." *Urban Morphology*, 1, 1997: 3-10.
- Muratori, S. (1959) *Studi per una Operante Storia Urbana di Venezia*. Instituto Poligrafico dello Stato, Roma.
- Muratori, S., Bollati, R., Bollati, S. (1963) *Studi per una Operante Storia Urbana di Roma*. Consiglio Nazionale delle Ricerche, Roma.
- Newman, O. (1996) *Creating Defensible Space*. U.S. Department of Housing and Urban Development, New York.
- Oliveira, P. (1973) *O Espaço urbano no Porto. Condições naturais e desenvolvimento*. Instituto de Alta Cultura, Coimbra.
- Oliveira, P. (1992) "A carta topográfica da Cidade do Porto de 1892 - uma base cartográfica para a gestão urbanística municipal." In *O Porto em 1892*, de P. Oliveira. AHCMP, Porto.

Oliveira, P. (1992) “Evolução da cartografia urbana oitocentista do Porto, enquadrada na cartografia urbana de Portugal e da Europa.” In *O Porto em 1892*, de P. Oliveira, 17-28. AHCMP, Porto.

Oliveira, V. (2004) *A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto*. Dissertação de Mestrado Faculdades de Engenharia e Arquitectura da Universidade do Porto.

Oliveira, V. (2008) “Urbanism and Urban Morphology in northern Portugal.” *Urban Morphology*, 12(2), 2008: 158-159.

Oliveira, V. (2009) “Different approaches in the study of urban form.” *Journal of Urbanism*, 2(2), 2009: 103-125.

Oliveira, V. (2011) “Our common future in urban morphology.” *Urban Morphology*, 15(1), 2011: 77-79.

Oliveira, V., Silva, C. Pinho, P. (2010) “Analysing the city.” *CITTA 2nd Annual Conference on Planning Research*. Porto: FEUP Edições, 2010. 51-66.

Oliveira, V., e Pinho, P (2006) “The study of urban form in Portugal: a comparative analysis of the city of Lisbon and Oporto.” *Urban design International*, 11(3-4), 2006: 187-201.

Oliveira, V., e Pinho, P. (2008) “Urban Form and municipal planning in Lisbon and Oporto: 1865-2005.” *Planning Perspectives*, 23(1), 2008: 81-105.

Oliveira, V., e Pinho, P. (2010) “The study of Urban Form in CITTA: approaches, concepts and methods.” *17th International Seminar of Urban Form*. Hamburg, Germany.

Oliveira, V., Barbosa, M., Pinho, P. (2011) “The study of Urban Form in Portugal.” *Urban Morphology*, 15(1), 2011: 55-66.

Pereira, L. (1982) *Definição da Forma Urbana no Planeamento Físico*. Memória N.º570, LNEC, Lisboa.

Pinho, P., Oliveira, V. (2009a). “Different approaches in the study of urban form.” *Journal of Urbanism: International Research on Placemaking and Urban Sustainability*, 2(2), 2009: 103-125.

Pinho, P, Oliveira, V. (2009b) “Cartographic analysis in urban morphology.” *Environment and Planning B: Planning and Design*, 12(2), 2009: 107-127.

Project for Public Spaces, Inc. (2000) *How to Turn a Place Around: A Handbook for Creating Successful Public Spaces*. New York.

Rego, L., Menegnetti, S. (2011) “About Urban Morphology. Basic topics for urban studies.” *Acta Scientiarum - technology*, 33(2), 2011: 123-127.

RF (2010) . “O Porto há cem anos.” *Do Porto e Não Só...* 14 de Maio de 2010. <http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/05/o-porto-ha-cem-anos-1.html> (acedido em 28 de Março de 2012).

Salgueiro, T. (1992) *A Cidade em Portugal. Uma geografia Urbana*. Edições Afrontamento, Porto.

- Serra, M. (2011) “Introdução à Space Syntax.” Dezembro de 2011, Porto.
- Silva, P, Teixeira, M., Pinho, P (2011) “Três Olhares Sobre as Praças.” In *As Praças da Cidade do porto*, de M. Barbosa, 9-19. Edita-me, Porto.
- Sousa, J. (2007) “Avenida dos Aliados”, *Palavras da Arquitetura*. <http://palavras-arquitetura.com/2007/01/23/avenida-dos-aliados/> (acedido em 20 de Maio de 2012).
- Teixeira, M. (1996) *Habitação Popular na Cidade Oitocentista. As ilhas do Porto*. Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e Tecnologia, Lisboa.
- Teixeira, M. (2001) *A Praça na Cidade Portuguesa*. Livros Horizonte, Porto.
- Teixeira, M., Valla, M. (1999). *O Urbanismo Português, Séculos XIII-XVIII*. Livros Horizonte, Lisboa.
- Vasconcelos, D. (2008). *A Praça do Marquês de Pombal na Cidade do porto: Das suas origens até à construção da Igreja da Senhora da Conceição*. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto.
- Whitehand, J. (1992) “Recent advances in urban morphology.” *Urban Studies*, 29, 1992: 619-636
- Whitehand, J. (2001) “British Urban Morphology: The Conzenian tradition.” *Urban Morphology* 5, 2001: 103-109.
- Whitehand, J. (2007) “Conzenian urban morphology and urban landscapes.” *6th International Space Syntax Symposium*. Istanbul Technical University, Istanbul.
- Whyte, W. (1980) *The Social Life of Small Urban Spaces*. Project for Urban Spaces, Inc., New York.

Anexos

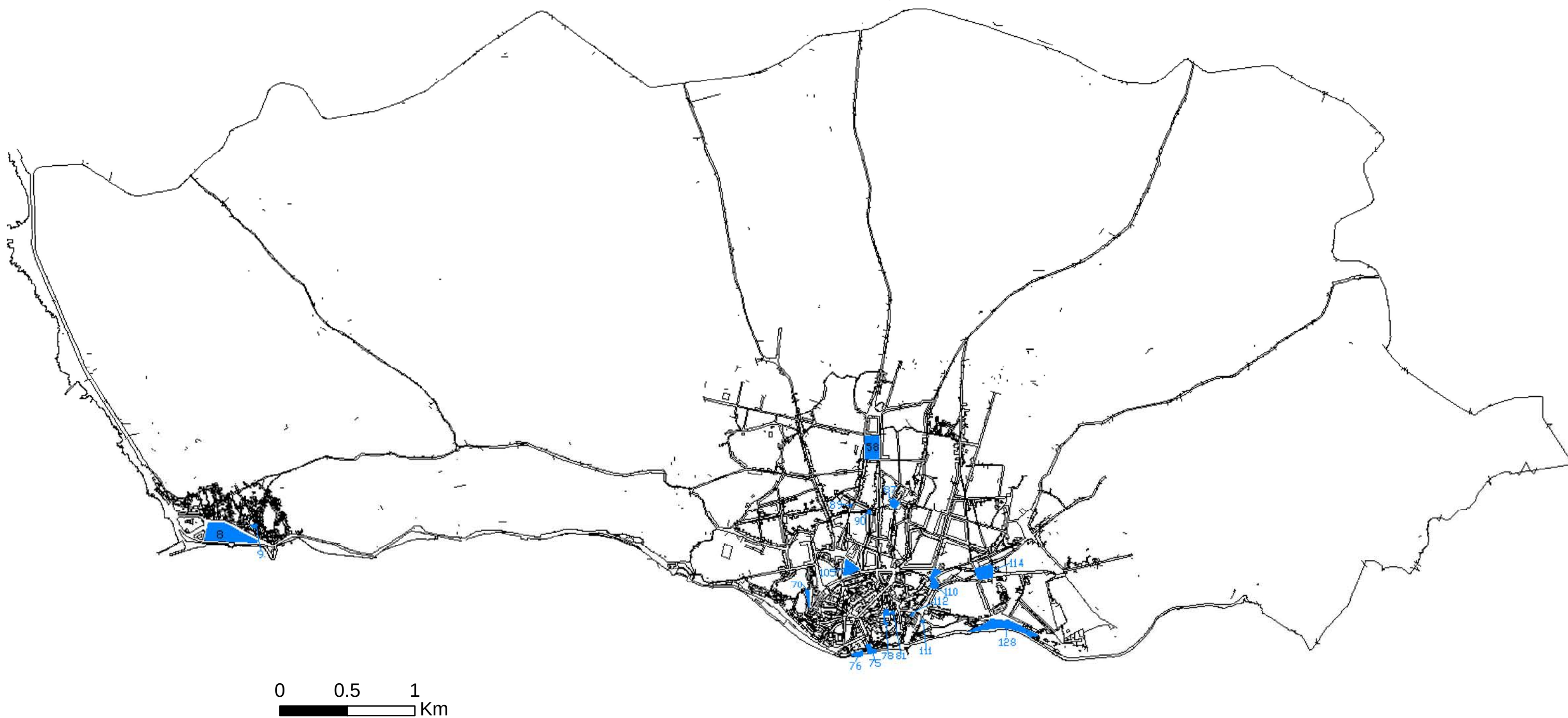
ANEXO I – MAPAS REPRESENTATIVOS DA GÉNESE DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

ANEXO I.I – ESPAÇOS PÚBLICOS COM GÉNESE NO 1º PERÍODO MORFOLÓGICO

ANEXO I.II – ESPAÇOS PÚBLICOS COM GÉNESE NO 2º PERÍODO MORFOLÓGICO

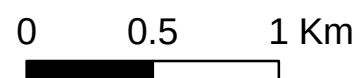
ANEXO I.III – ESPAÇOS PÚBLICOS COM GÉNESE NO 3º PERÍODO MORFOLÓGICO

Espaços Públicos com Gênese no Primeiro Período Morfológico



Espaços Públicos com Génese no Segundo Período Morfológico





ANEXO II – AMOSTRA DE ESPAÇOS PÚBLICOS

Amostra de Espaços Públicos



1º Período 2º Período 3º Período

0 0.5 1 Km

ANEXO III – MAPAS DE COMPORTAMENTO

ANEXO III.I – CALÇADA/PASSEIO DAS VIRTUDES

ANEXO III.II – PRAÇA DA REPÚBLICA

ANEXO III.III – PRAÇA DA RIBEIRA

ANEXO III.IV – JARDIM DO PASSEIO ALEGRE

ANEXO III.V – JARDIM DE MARQUES DE OLIVEIRA

ANEXO III.VI – AVENIDA DOS ALIADOS

ANEXO III.VII – PRAÇA NOVE DE ABRIL

ANEXO III.VIII – PRAÇA MOUZINHO DE ALBUQUERQUE

ANEXO III.IX – PRAÇA DO MARQUÊS DE POMBAL

ANEXO III.X – PRAÇA DE FRANCISCO SÁ CARNEIRO

ANEXO III.XI – ESPLANADA DO MOLHE

ANEXO III.XII – JARDIM DAS VIRTUDES

ANEXO III.XIII – PRAÇA DE D. AFONSO V

ANEXO III.XIV – JARDIM – EDIFÍCIO MOTA GALIZA

ANEXO III.XV – JARDIM DA PENA

ANEXO III.XVI – PARQUE URBANO DA PASTELEIRA

ANEXO III.XVII – PARQUE DE SÃO ROQUE

Mapa de Comportamento

Local:

Passeio das Virtudes (70)

Data:

16-Mai-12

Período de Contagem: Das

17:00 Às

17:30

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Jogar Cartas	Passagem	
1	16						12	4						12		4		
2	1	1			2						2							
3	1				1												1	
4																		
5																		
6																		
7																		
8																		
9																		
10																		
11																		
12																		
13																		
14																		
15																		
16																		
17																		
18																		
19																		
20																		
21																		
22																		
23																		
24																		
25																		
26																		
27																		
28																		
29																		
30																		
Total:	18	1	0	0	3	0	12	4	0	0	2	0	0	12	0	4	1	

Notas:

Mapa de Comportamento

Local:

Praça da Republica (58)

Data:

16-Mai-12

Período de Contagem: Das

11:15 Às

11:45

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Jogar Cartas	Passear Cão	
1	1							1	1									
2	1					1									1			
3	3				3				1					2				
4	2				1	1			2									
5		1					1		1									
6	1					1			1									
7	2	2			2	2				4								
8	7						2	5								7		
9		1			1				1									
10	1					1			1									
11	1					1			1									
12	2			2										2				
13	1				1				1									
14	3					3								3				
15	4						4									4		
16	2						2		2									
17		1						1	1									
18		2						2	2									
19		1			1											1		
20	1						1		1									
21	2				2									2				
22	1	2			3				3									
23	1					1			1									
24	1				1					1								
25	1						1		1									
26	1					1			1									
27	1				1				1									
28																		
29																		
30																		
Total:	40	10	0	2	16	12	11	9	23	5	0	0	0	9	1	12	0	

Notas:

Dada a dificuldade de contabilizar o elevado número de pessoas permanentemente de passagem, estas não foram contempladas no mapa de comportamento.

Mapa de Comportamento

Local:

Praça da Ribeira (75) (1)

Data:

16-Mai-12

Período de Contagem: Das

14:40 Às

15:10

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Turistas		
1	7					3	4									7		
2	3	3			6											6		
3	1	1				2										2		
4	1				1											1		
5	3	3					6									6		
6	3	1			4											4		
7	2	1		1			2				3							
8	1	1					2									2		
9	5	15						20			20							
10	2	1					1	2								3		
11	3	5					8				8							
12	2	1	1		2						3							
13		3			3											3		
14	1	1					2				2							
15		2			1	1					2							
16	2						2		2									
17	1	1				2					2							
18		3				3			3									
19	1	1				2										2		
20	1	1				2					2							
21	1	1				2					2							
22	1	1		1		1					2							
23	2					2			2									
24	1					1			1									
25	2	2	1		3											4		
26	1	1				2										2		
27	2	1		1			2									3		
28		2			2						2							
29	2					2										2		
30		2	1			1					2							
Total:	51	54	3	3	22	26	29	22	8	0	50	0	0	0	0	47	0	

Notas:

As pessoas que se encontravam nas esplanadas não foram contabilizadas; muita dificuldade em contabilizar todas as pessoas, sobretudo turistas, que aqui se encontravam; na praça estavam, certamente, mais pessoas do que aquelas que foi possível contabilizar

Mapa de Comportamento

Local:

Praça da Ribeira (75) (2)

Data:

16-Mai-12

Período de Contagem: Das

14:40 Às

15:10

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Turistas	Passear Cão	
1	2	1	1			2					3							
2	1	1				2										2		
3	1				1											1		
4	1	1			2											2		
5	3	1				4					4							
6	1	1				2										2		
7	1	1				2					2							
8	3			3									3					
9	1	1			2						2							
10	1	4		5									5					
11	1	2			3						3							
12	6			6							6							
13		3		3							3							
14	2	2					4									4		
15	1	1				2					2							
16	1	1				2										2		
17		3					3									3		
18	5				5									5				
19	1	1				2										2		
20	1	1						2									2	
21	1	1						2								2		
22	1	1					2									2		
23	1	1						2								2		
24	2	1		3										3				
25	2	1				3										3		
26	1	2	1		2									3				
27	1	2			3													
28	1			1								1						
29		2			2											2		
30	1	1			2											2		
Total:	44	37	2	21	22	21	9	6	0	0	25	1	8	11	0	31	2	

Notas:

Mapa de Comportamento

Local:

Jardim do Passeio Alegre (8)

Data:

14-Mai-12

Período de Contagem: Das

14:15 Às

14:45

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Passear Cão		
1	2				1	1					2							
2	1				1						1							
3	2					2					2							
4	1					1										1		
5		1			1											1		
6	1						1				1							
7		1				1										1		
8	1						1				1							
9	1	1					2		2									
10	1					1					1							
11	1	1	1		1								2					
12	3	2						5	5									
13	2	1					3		3									
14	1					1										1		
15	1					1									1			
16		2			2				2									
17		1						1			1							
18	1	1					2				2							
19	1	1					2				2							
20																		
21																		
22																		
23																		
24																		
25																		
26																		
27																		
28																		
29																		
30																		
Total:	20	12	1	0	6	8	11	6	12	0	13	0	2	0	1	4	0	

Notas:

Mapa de Comportamento

Local: Jardim de Marques de Oliveira (114) (1)

Data: 16-Mai-12 Período de Contagem: Das 15:45 Às 16:15

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Jogar Cartas		
1	2						2		2									
2	1					1			1									
3	2					2			2									
4	9							9						5		4		
5	16						12	4						12		4		
6	2						2		2									
7	2						2		2									
8	2							2	2									
9	2	1					3		3									
10	2						2		2									
11	1	1			2						2							
12	10						10							6		4		
13	20						20							16		4		
14		1			1				1									
15		1				1			1									
16	1					1			1									
17	1				1							1						
18	1	1				2			2									
19	3						3		3									
20	3						3							3				
21	1	1					2		2									
22	1					1				1								
23	2			2					2									
24	1						1		1									
25	3						3							3				
26	1					1									1			
27	1							1	1									
28	1	1					2		2									
29	2					2								2				
30		1			1				1									
Total:	93	8	0	2	5	11	67	16	33	1	2	1	0	47	1	16	0	

Notas:

Os utilizadores que se encontravam a jogar cartas, trouxeram mesas de casa para o desenvolvimento desta atividade

Mapa de Comportamento

Local: Jardim de Marques de Oliveira (114) (2)

Data: 16-Mai-12 Período de Contagem: Das 15:45 Às 16:15

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Jogar Cartas		
1	2				1	1								2				
2	2							2	2									
3	2	1						3			3							
4	1	1					2		2									
5	1			1							1							
6	2							2	2									
7	1	1			2				2									
8	1				1				1									
9	1					1			1									
10	2					2					2							
11		1				1			1									
12	1	1					2		2									
13	2						2		2									
14	1				1				1									
15	1						1		1									
16	2							2	2									
17	3				3				3									
18	1						1		1									
19	3					3			1									
20	2						2		2									
21	5						5		5									
22	3						3		3									
23	9	1				1	9		3					7				
24	5					5								1		4		
25	3					3					3							
26	1	1			2				2									
27																		
28																		
29																		
30																		
Total:	57	7	0	1	10	17	27	9	39	0	9	0	0	10	0	4	0	

Notas:

Mapa de Comportamento

Local:

Avenida dos Aliados (82)

Data:

16-Mai-12

Período de Contagem: Das

14:00 Às

14:30

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Turistas	Passagem	
1	1	1						2								2		
2		2			2											2		
3	1	1				2										2		
4	2	1				1	2							3				
5	1	2	1			2											3	
6	3					3											3	
7		1					1										1	
8	1						1										1	
9	1					1											1	
10		1				1											1	
11	1	1			2												2	
12	1					1											1	
13	1					1										1		
14		1				1										1		
15	1	1			2											2		
16		2				2											2	
17	1							1									1	
18	1	1					2									2		
19		1				1											1	
20		1				1											1	
21		2				2											2	
22	1	1					2										2	
23	1	1					2										2	
24	1						1		1									
25	1				1							1						
26	2	5			7											7		
27																		
28																		
29																		
30																		
Total:	22	26	1	0	14	19	11	3	1	0	0	1	0	3	0	19	24	

Notas:

Neste espaço, só foram contabilizados os utilizadores das plataformas centrais, devido à grande dificuldade de contabilização do elevado número de pessoas, sobretudo de passagem, nas laterais da avenida; as pessoas evitam a permanência no centro da avenida, usando-a sobretudo para atravessamento; é nas laterais onde as pessoas se fixam

Mapa de Comportamento

Local:

Praça 9 de Abril (49) (1)

Data:

14-Mai-12

Período de Contagem: Das

11:30 Às

12:00

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	De Passagem	Passear Cão	
1	1					1					1							
2	1				1				1									
3	1						1		1									
4	1				1					1								
5		1			1						1							
6	1					1			1									
7	1				1				1									
8	2						2								2			
9		2			1	1			2									
10	1					1					1							
11		2						2	2									
12	1							1			1							
13	2							2			2							
14	2							2	2									
15	1						1				1							
16	1							1							1			
17		2	1			1					2							
18		1			1						1							
19	1					1							1					
20	2						2		2									
21	1							1	1									
22	1							1	1									
23	1							1					1					
24	1							1	1									
25	1						1			1								
26	1					1					1							
27	1					1										1		
28	1	1					2							2				
29	1						1										1	
30	1				1								1					
Total:	29	9	1	0	7	8	10	12	15	2	11	0	3	2	3	1	1	

Notas:

Mapa de Comportamento

Local:

Praça 9 de Abril (49) (2)

Data:

14-Mai-12

Período de Contagem: Das

11:30 Às

12:00

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	De Passagem	Passear Cão	
1		1			1										1			
2	1				1				1									
3	1	1	1			1					2							
4	1					1											1	
5	1				1				1									
6	1					1					1							
7	1							1	1									
8	1				1					1								
9		2			2					2								
10	1						1					1						
11	2	1	1	1		1							3					
12		1			1											1		
13	1	1	1			1					2							
14	1				1											1		
15		3				3					3							
16		1			1											1		
17	1	2		3										3				
18	2		1				1				2							
19		1				1											1	
20																		
21																		
22																		
23																		
24																		
25																		
26																		
27																		
28																		
29																		
30																		
Total:	15	14	4	4	9	9	2	1	3	3	10	1	3	3	1	3	2	

Notas:

Mapa de Comportamento

Local: Praça Mouzinho de Albuquerque (50) (1)

Data: 16-Mai-12 Período de Contagem: Das 10:15 Às 10:45

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Passear Cão	Turistas	
1	3					3					3							
2	2				2						2							
3	1						1									1		
4		1				1			1									
5	1				1				1									
6	1				1										1			
7		2			1	1					2							
8	1	2				3											3	
9		2			1	1											2	
10	1					1			1									
11		3	1			2			1				2					
12	1							1	1									
13	5	3		8					4				4					
14	1			1								1						
15	3	1			4						4							
16	1				1							1						
17	1				1				1									
18	1				1							1						
19	1					1			1									
20	1						1		1									
21	1					1									1			
22		1				1			1									
23	1							1			1							
24	1				1							1						
25	1	2	1		1	1			2				1					
26	2	1			3												3	
27	1	2			3												3	
28	3				2		1										3	
29	3	1		2			2										4	
30	2						2		2									
Total:	40	21	2	11	23	16	7	2	17	0	12	4	7	0	2	1	18	

Notas:

Dada a dificuldade de contabilizar o elevado número de pessoas de passagem, estas não foram contempladas no mapa de comportamento.

Mapa de Comportamento

Local:

Praça Mouzinho de Albuquerque (50) (2)

Data:

16-Mai-12

Período de Contagem: Das

10:15 Às

10:45

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Passear Cão	Turistas	
1	1				1				1									
2	1	1			2				2									
3	1	1				2					2							
4		2			2				2									
5	1	1				2					2							
6	2	6			8												8	
7	1	1				2			2									
8	1				1				1									
9	1	1			2												2	
10	2	1					3		3									
11	1				1												1	
12	2				2				2									
13	3	1	2			2					2		2					
14		2			2												2	
15	1	1			2				2									
16	1	1	1			1							1			1		
17	1					1			1									
18	1					1										1		
19	1				1							1						
20	1	2		3					3									
21		2	1			1							1			1		
22																		
23																		
24																		
25																		
26																		
27																		
28																		
29																		
30																		
Total:	23	23	4	3	24	12	3	0	19	0	6	1	4	0	0	3	13	

Notas:

Mapa de Comportamento

Local: Praça Marquês do Pombal (121) (1)

Data: 14-Mai-12 Período de Contagem: Das 10:30 Às 11:00

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Passear Cão		
1	5							5						5				
2	2						2							2				
3	1					1					1							
4		1						1			1							
5	1					1			1									
6	1				1										1			
7	1							1			1							
8	7			7					3					4				
9	1						1		1									
10		1					1				1							
11	1	1					2				2							
12	1					1			1									
13	1							1	1									
14		1			1				1									
15	2							2	2									
16	2							2	2									
17	1					1									1			
18	1						1		1									
19	1						1								1			
20	1						1		1									
21	1	1			2				2									
22	1	1	1			1					2							
23	2						2							2				
24	1				1				1									
25	1							1			1							
26	1						1				1							
27	1	1				1	1		2									
28	1			1										1				
29	2			2							2							
30	1	1				2										2		
Total:	42	8	1	10	5	8	13	13	19	0	12	0	0	14	3	2	0	

Notas:

Mapa de Comportamento

Local: Praça Marquês do Pombal (121) (2)

Data: 14-Mai-12 Período de Contagem: Das 10:30 Às 11:00

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Passear Cão	Jogar Cartas	
1	1						1		1									
2	1					1									1			
3	2	1				1		2	3									
4	1	1					2				2							
5	1	1			2				2									
6		1					1		1									
7	1						1				1							
8	1						1									1		
9	3			3							3							
10	3							3						3				
11	1						1		1									
12	1			1					1									
13	1				1											1		
14	3							3						3				
15	1	1					2		2									
16	1						1		1									
17	6						2	4						2			4	
18																		
19																		
20																		
21																		
22																		
23																		
24																		
25																		
26																		
27																		
28																		
29																		
30																		
Total:	28	5	0	4	3	2	12	12	12	0	6	0	0	8	1	2	4	

Notas:

Grande afluência à praça de pessoas que têm como destino o metro, além destas acresce ainda as muitas pessoas que apenas estão de passagem pela praça, dado este grande número, optou-se por não se contabilizar estas duas situações

Mapa de Comportamento

Local: Praça Francisco Sá Carneiro (122) (1)

Data: 11-Mai-12 Período de Contagem: Das 15:00 Às 15:30

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Passear o Cão	De Passagem	
1	1	1						2	2									
2	1	1			2				2									
3		2	1			1			2									
4	1				1										1			
5	1			1							1							
6	1							1		1								
7	1							1			1							
8		2	1		1						2							
9	1	3		2			1	1	2						2			
10	4	3						7						7				
11	1	1	1		1								2					
12		3				1	1	1						3				
13		1				1											1	
14	1							1	1									
15		2			2												2	
16		1			1											1		
17		1			1						1							
18		1						1			1							
19		1			1				1									
20		1						1			1							
21	1					1										1		
22	1					1										1		
23		1				1											1	
24	1	1				2											2	
25	1	1			2												2	
26	1			1													1	
27	1	1		1		1			2									
28		1		1							1							
29	1							1	1									
30	2				2												2	
Total:	22	29	3	6	14	9	2	17	13	1	8	0	2	10	3	3	11	

Notas:

Mapa de Comportamento

Local: Praça Francisco Sá carneiro (122) (2)

Data: 11-Mai-12 Período de Contagem: Das 15:00 Às 15:30

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Passear o Cão	De Passagem	
1	1				1						1						1	
2	1				1				1									
3	1				1												1	
4	1			1									1					
5	1	1				2					2							
6	1				1				1									
7	3		1			1	1		3									
8	1	1						2	2									
9	1	1		2					2									
10	4	2			6									6				
11	1				1											1		
12	1							1	1									
13		1						1	1									
14		1			1				1									
15	1						1										1	
16	1				1						1							
17		1						1	1									
18	1						1		1									
19	1			1							1						1	
20		1				1											1	
21	1						1									1		
22		2				2					2							
23	1					1											1	
24		1				1											1	
25	1	1	1					1					2					
26	1						1										1	
27		1					1				1							
28	2				2												2	
29	1						1		1									
30	1					1											1	
Total:	29	14	2	4	15	9	7	6	15	0	8	0	3	6	0	2	11	

Notas:

Mapa de Comportamento

Local:

Esplanada do Molhe (1)

Data:

14-Mai-12

Período de Contagem: Das

13:30 Às

14:00

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Passear Cão	De Passagem	
1	1						1									1		
2		2			2						2							
3	1							1			1							
4	1	1			2							2						
5	1				1						1							
6	1				1				1									
7	4					4											4	
8	1				1							1						
9	1							1			1							
10		1			1						1							
11	1					1					1							
12		2			2						2							
13	1	1					2				2							
14	1	1					2				2							
15	2				2							2						
16		2				1	1				2							
17	2							2			2							
18		2			2						2							
19	1	1			2						2							
20	1					1			1									
21		3			3						3							
22		1				1					1							
23	1	1						2			2							
24	1						1				1							
25		1			1						1							
26		1			1											1		
27	1						1				1							
28	1				1							1						
29	1					1					1							
30	1	1				2					2							
Total:	26	21	0	0	22	11	8	6	2	0	33	6	0	0	0	2	4	

Notas:

Mapa de Comportamento

Local:

Esplanada do Molhe (2)

Data:

14-Mai-12

Período de Contagem: Das

13:30 Às

14:00

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Passear Cão	De Passagem	
1		2			1	1					2							
2		2			2						2							
3	1					1					1							
4	1				1						1							
5		1				1					1							
6		1			1							1						
7	1	1				2			2									
8		1				1			1									
9		3			1	2					3							
10	1						1				1							
11		1				1						1						
12	1	1					2				2							
13	1	1				2					2							
14	1	1					2				2							
15	1				1							1						
16	1	1				2					2							
17																		
18																		
19																		
20																		
21																		
22																		
23																		
24																		
25																		
26																		
27																		
28																		
29																		
30																		
Total:	9	16	0	0	7	13	5	0	3	0	19	3	0	0	0	0	0	

Notas:

Mapa de Comportamento

Local:

Jardim das Virtudes (142)

Data:

30-Mai-12

Período de Contagem: Das

14:30 Às

15:00

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Passear Cão		
1		2			2						2							
2	1	1			2					2								
3	1				1				1									
4	1	2			3					3								
5		1			1											1		
6		1				1					1							
7		3			1	2								3				
8	1	1				2					2							
9	1	1					2							2				
10	1							1			1							
11	1						1								1			
12		1			1				1									
13	2			2									2					
14	5			5						2				3				
15																		
16																		
17																		
18																		
19																		
20																		
21																		
22																		
23																		
24																		
25																		
26																		
27																		
28																		
29																		
30																		
Total:	14	13	0	7	11	5	3	1	2	7	6	0	2	8	1	1	0	

Notas:

Mapa de Comportamento

Local:

Praça D. Afonso V (28)

Data:

14-Mai-12

Período de Contagem: Das

16:15 Às

16:45

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Passagem		
1	1						1									1		
2		1			1											1		
3	1					1						1						
4	1	1				2										2		
5		2			2											2		
6		1						1								1		
7		1			1											1		
8	1						1									1		
9	1				1											1		
10		1					1									1		
11	1				1											1		
12																		
13																		
14																		
15																		
16																		
17																		
18																		
19																		
20																		
21																		
22																		
23																		
24																		
25																		
26																		
27																		
28																		
29																		
30																		
Total:	6	7	0	0	6	3	3	1	0	0	0	1	0	0	0	12	0	

Notas:

(4, 9 e 14) Na esplanada da confeitaria sobre a praça

Mapa de Comportamento

Local: Jardim Edifício Mota Galiza (100)

Data: 30-Mai-12 Período de Contagem: Das 15:30 Às 16:00

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Passagem		
1		2		2							2							
2	1				1											1		
3	1					1			1									
4	1					1										1		
5		3	2		1								3					
6	1	4	1		1	3			5									
7	1	1			2											2		
8	1						1									1		
9	1						1									1		
10	1	1		1			1		1				1					
11	1					1					1							
12	1					1										1		
13	1				1											1		
14	1					1										1		
15		1		1												1		
16	1				1											1		
17	2					1	1				2							
18	1						1									1		
19	1				1											1		
20		1				1										1		
21	1				1											1		
22	1	1			2				2									
23	4			4					2					2				
24																		
25																		
26																		
27																		
28																		
29																		
30																		
Total:	23	14	3	8	11	10	5	0	11	0	5	0	4	2	0	15	0	

Notas:

Mapa de Comportamento

Local:

Jardim da Pena (144)

Data:

30-Mai-12

Período de Contagem: Das

16:15 Às

16:45

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Passagem		
1		1				1			1									
2	3				3									3				
3		1		1					1									
4	1	1			2											2		
5																		
6																		
7																		
8																		
9																		
10																		
11																		
12																		
13																		
14																		
15																		
16																		
17																		
18																		
19																		
20																		
21																		
22																		
23																		
24																		
25																		
26																		
27																		
28																		
29																		
30																		
Total:	4	3	0	1	5	1	0	0	2	0	0	0	0	3	0	2	0	

Notas:

Mapa de Comportamento

Local: Parque Urbano da Pasteleira (145) (1)

Data: 14-Mai-12 Período de Contagem: Das 15:00 Às 16:00

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Passear Cão		
1	1	1	1		1						2							
2	1	2	1		2											3		
3		2			2									2				
4		2					2							2				
5		2	1		1						2							
6	2				2						2							
7	1			1								1						
8	2						1	1	2									
9	1			1								1						
10	1			1					1									
11		1			1											1		
12	1					1						1						
13	1	1			2						2							
14	3		3										3					
15	1	1			2				2									
16	1					1					1							
17		2		2							2							
18	1					1					1							
19	1					1					1							
20	2			2									2					
21	1	1			2				2									
22	2		1			1							2					
23	1	1					2				2							
24	1			1							1							
25	1						1		1									
26	1							1			1							
27	1	1					2		2									
28	2			2					2									
29		3		3					3									
30	3			3								3						
Total:	33	20	7	16	15	5	8	2	15	0	17	6	7	4	0	4	0	

Notas:

Mapa de Comportamento

Local: Parque Urbano da Pasteleira (145) (2)

Data: 14-Mai-12 Período de Contagem: Das 15:00 Às 16:00

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Passear Cão		
1	1				1						1							
2		3	1			1	1				3							
3	3			3									3					
4	1	2	1		2						3							
5	2							2						2				
6	1	1					2				2							
7	3				3				3									
8	1	2	1	1			1						3					
9																		
10																		
11																		
12																		
13																		
14																		
15																		
16																		
17																		
18																		
19																		
20																		
21																		
22																		
23																		
24																		
25																		
26																		
27																		
28																		
29																		
30																		
Total:	12	8	3	4	6	1	4	2	3	0	9	0	6	2	0	0	0	

Notas:

Mapa de Comportamento

Local:

Parque de São Roque (146)

Data:

11-Mai-12

Período de Contagem: Das

16:00 Às

17:00

Grupo	Sexo		Idade						Atividades									
	M	F	0-6	7-18	19-34	35-50	51-65	+66	Relax./Sent.	Piquenique	Correr/Camin.	Bici./Patins/ Skate	Brincar/ Jogar	Socializar	Ler	Passear o Cão		
1	2	7				3		6	9									
2	1				1						1							
3	1	3			4					4								
4	1	1		2							2							
5	1	1		2					2									
6	1	1			2						2							
7	1	1				2			2									
8	1	1			2				2									
9	1							1			1							
10	1	1	1			1							2					
11		2	1			1							2					
12	3		1	1		1							3					
13		1		1									1					
14	1	1			2				2									
15	1				1						1							
16	4					4								4				
17	1						1				1							
18	3		2			1			1				2					
19	1							1			1							
20	1					1										1		
21	1	1		2					2									
22	3							3	3									
23	1			1								1						
24	2			2									2					
25		1					1				1							
26	1					1										1		
27		1		1												1		
28																		
29																		
30																		
Total:	34	23	5	12	12	15	2	11	23	4	10	1	12	4	0	3		

Notas:

ANEXO IV – QUADRO RESUMO DOS PARÂMETROS ESTUDADOS

Período Morfológico	Nº	Toponímia	Tipologia	Localização ¹	Usos Envolvente ²	Alterações Morfológicas	Área m ²	Nº de Utilizadores em Permanência	Nº de Utilizadores de Passagem	Índice de Ocupação ³	Diversidade de Atividades ⁴	Multifuncionalidade	Permeabilidade
1º Período	70	Calçada/ Passeio das Virtudes	A	zona histórica	hab, com, rest, ed	não	2000	18	1	0,90%	3, 6, 8	não	sim
	58	Praça da República	P	central	hab, com, ser	não	25076	50	nc ⁵	0,20%	1, 2, 6, 7, 8	sim	sim
	75	Praça da Ribeira	P	zona histórica	tur, hab, com, rest, hot, ser	sim	1881	185 ⁶		9,84%	1, 3, 5, 6	não	sim
	8	Jardim do Passeio Alegre	J/F	periférica (o)	hab, com, ser	não	57792	32	0	0,06%	1, 3, 5, 7, 9	sim	sim
	114	Jardim de Marques de Oliveira	J	zona histórica	hab, com, ser, ed, cul	não	5740	165	0	2,88%	1, 3, 6, 8	não	sim
2º Período	82	Avenida dos Aliados	A	central	ser, ed, com, hot, cul, tur	sim	24026	5 ⁷	43 ⁷	0,02%	1, 4, 6	sim	sim
	49	Praça Nove de Abril	P	periférica (n)	hab, ser, rest, ed	não	25000	63	4	0,25%	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9	sim	+/-
	50	Praça Mouzinho de Albuquerque	P	central	com, ed, hab, ser, tur	sim	38710	107	nc ⁵	0,28%	1, 3, 4, 5, 7, 9	sim	sim
	121	Praça do Marquês de Pombal	P	central	hab, ser, com, rest, rel	sim	5070	83	nc ⁵	1,64%	1, 3, 6, 7, 8, 9	sim	sim
	122	Praça de Francisco Sá Carneiro	P	periférica (ne)	com, hab, rest, ed, ser	não	27270	73	21	0,27%	1, 2, 3, 5, 6, 7, 9	sim	sim
	4	Esplanada do Molhe	F	periférica (o)	com, hab	sim	16700	68	4	0,41%	1, 3, 4, 9	sim	sim
3º Período	142	Jardim das Virtudes	J	zona histórica	hab, ed, ser	sim	10000	27	0	0,27%	1, 2, 3, 5, 6, 7, 9	sim	não
	28	Praça de D. Afonso V	P	periférica (o)	hab, com, rest	não	970	0	13	0,00%	4	não	sim
	100	Jardim - Edif. Mota Galiza	J	central	hab, ser, com, ed	não	8580	22	15	0,26%	1, 3, 5, 6	sim	sim
	144	Jardim da Pena	J	central	hab, ed	não	1200	5	2	0,42%	1, 6	não	não
	145	Parque Urbano da Pasteleira	PU	periférica (o)	hab, ed, ser	não	80000	73	0	0,09%	1, 3, 4, 5, 6, 9	sim	+/-
	146	Parque de São Roque	PU	periférica (e)	hab, desp	não	40000	57	0	0,14%	1, 2, 3, 4, 5, 6, 9	sim	não

¹ o – oeste, n – norte, ne – noroeste, e – este

² hab – habitação, com – comércio, rest – restauração, ed – educação, ser – serviços, tur – turismo, hot – hotelaria, cul – equipamentos culturais, rel – equipamentos religiosos, desp – equipamentos desportivos

³ Índice de Ocupação (%)=(Nº de Utilizadores em Permanência/ Área do Espaço Público) x 100

⁴ 1 - Relaxar/Sentar, 2 - Piquenique, 3 - Correr/Caminhar, 4 - Bicicleta/Patins/Skate, 5 - Brincar/Jogar, 6 - Socializar, 7 - Ler, 8 - Jogar Cartas, 9 - Passear Cão

⁵ nc – não contabilizado devido ao grande número de pessoas de passagem

⁶ Na Praça da Ribeira, os utilizadores estavam de passagem, no entanto, uma vez que eram na sua maioria turistas, acabavam por parar, contemplar e em muitos casos tirar fotografias. Assim, considerou-se que, embora de passagem, estes utilizadores desenvolviam simultaneamente atividades na praça.

⁷ Na Avenida dos Aliados só foram quantificados os utilizadores de permanência e passagem nas faixas centrais.